

**REVISTA  
DA ACADEMIA  
MATO-GROSSENSE  
DE LETRAS**

**1985**

1985

37

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE  
DE LETRAS

ANO: 1985

**REVISTA  
DA ACADEMIA  
MATO-GROSSENSE  
DE LETRAS**

**1985**

## SUMÁRIO

	<b>Págs.</b>
Reaparecimento .....	7
Centenário de Dom Aquino Corrêa .....	9
Perdas irreparáveis .....	13
Cadeira nº 19:	
Discurso de posse da Acadêmica Vera Randazzo ...	19
Discurso de recepção pelo Acadêmico Lenine C. Pó voas .....	35
Cadeira nº 38:	
Palavras de abertura da sessão pelo Presidente da AML .....	49
Discurso de posse pelo Acadêmico Benedito Sant' Ana da Silva Freire .....	51
Discurso de recepção pelo Acadêmico João Antonio Neto .....	85
Cadeira nº 39	
Palavras de abertura da sessão pelo Presidente da A.M.L. ....	105
Discurso de posse pela Acadêmica Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues) .....	111
Discurso de recepção pelo Acadêmico Antonio de Arruda .....	131

## REAPARECIMENTO

Após quatro lustros de interrupção, reaparece agora a Revista da Academia Mato-grossense de Letras, graças aos recursos que foram proporcionados à Entidade pelo atual Governador do Estado, Dr. Julio José de Campos.

No esforço que estamos desenvolvendo para retirar a Academia da situação de imobilidade em que havia caído, por absoluta falta de meios e por força de circunstâncias alheias à vontade de seus membros, o reaparecimento da Revista é um tento que se marca, mormente quando isso ocorre no ano centenário do nascimento do inspirador da fundação dessa Instituição de cultura, o saudoso Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Esperamos que de agora em diante volte ela a circular com a normalidade com que o fez durante quarenta e um anos, desde 1922.

Esperamos que os homens de Governo de Mato Grosso, daqui para a frente, convictos da necessidade que o apoio às atividades intelectuais representa e inspirados no exemplo do Governo Federal que neste ano criou o Ministério da Cultura, não mais permitam que pela falta de recursos, sempre prodigamente proporcionados a outros empreendimentos e a outros setores menos importantes, venham as nossas maiores e mais tradicionais Entidades culturais a se estiolarem na indigência.

A publicação desta Revista é uma contribui

ção de raro valor para a preservação da memória nacional, cuja necessidade tanto se apregoa na hora que passa.

Basta o que Mato Grosso já perdeu de seu rico patrimônio histórico e cultural.

LENINE C. PÓVOAS  
Presidente da A. M. L.

## CENTENÁRIO DE DOM AQUINO CORRÊA

Governo, entidades culturais e povo de Mato Grosso irmanam-se neste ano de 1985 para comemorar, com justificado orgulho, o centenário de nascimento da grande figura de nossa história cultural e política que foi o Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa.

As celebrações foram iniciadas ainda em 1984 com o lançamento da preciosa obra do Dr. Corsídio Monteiro da Silva, Membro efetivo da Academia Mato-grossense de Letras, intitulada O ESCOLHIDO.

Comentando esse trabalho do brilhante conterrâneo, em artigo que publiquei no jornal "O Estado de Mato Grosso", declarei que:

"O ESCOLHIDO nos fala da dignidade pessoal de Dom Aquino e de seu imenso carisma; da sua empolgante presença nos púlpitos ou nas tribunas profanas; da sua imagem de vencedor; da sua atitude positiva; da sua modestia; do zelo que tinha pela sua condição arquiépiscopal; do seu ingresso triunfal na Academia Brasileira de Letras; de suas leituras prediletas; de suas mais belas orações; do julgamento que, como orador, sobre ele emitiram grandes vultos das letras brasileiras; de seus ideais de "Deus e Pátria"; da admiração que por ele tiveram vários Presidentes da República.

E evoca os "tempos de Dom Aquino! Tempos

dos sinos da velha Catedral! Tempos de ouro!"

E tudo num português de mestre puríssimo da língua e num estilo personalíssimo de estilista admirável.

E tudo numa descrição rica de detalhes, que emociona e leva às lágrimas os que tiveram a ventura de conhecer o grande Príncipe da nossa Igreja!"

Também em 1984 o ex-Magnífico Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, Dr. Benedito Pedro Dorilêo baixou Portaria determinando que a Universidade celebrasse, durante todo o ano acadêmico de 1985 o centenário de nascimento do eminente mato-grossense, promovendo atividades cívicas, semanas de estudos, conferências, pesquisas, aliando-se, assim, à Academia Mato-grossense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e aos órgãos governamentais nos programas das comemorações.

Para bem marcar a participação do Governo Estadual no grande evento do centenário do ínclito Antistite, poeta e orador, o Governador Julio José de Campos baixou o Decreto nº 1.224, de 10 de fevereiro de 1985 que institue o "Ano Estadual da Cultura".

Foi, pelo mesmo Decreto, oficializada uma Comissão integrada por representantes da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, da Universidade Federal de Mato Grosso, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Academia Mato-grossense de Letras, da Fundação Cultural de Mato Grosso, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município da Capital e da Mitra Arquidiocesana de Cuiabá para elaborar e coordenar o programa das comemorações que se estenderão por todo o ano de 1985.

A Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso decidiram que sua participação maior nessas comemorações seria através da tentativa de reeditar as obras de Dom Aquino Corrêa.

Para tanto foi solicitada a ajuda do eminente Senador Gastão de Mattos Müller que se prontificou a pleitear o alto patrocínio do Senado Federal para a projetada reedição.

O pleito foi imediatamente deferido pelo saudoso Senador Nilo Coelho, então presidente da Câmara Alta do Congresso Nacional, autorizando que os serviços fossem realizados pela sua gráfica.

Não haviam sido ainda iniciados os trabalhos tipográficos quando sobreveio o inesperado falecimento do Senador Nilo Coelho. Seu substituto, o Senador Moacyr Dalla, reiterou o compromisso feito pelo seu antecessor. E o preclaro Senador José Fragelli, atual Presidente do Senado autorizou o aumento da tiragem.

Para a gigantesca tarefa de coordenar e supervisionar a reedição das obras do Príncipe das Letras Mato-grossenses, o Presidente da Academia teve a felicíssima idéia de escolher o brilhante Acadêmico Corsindio Monteiro da Silva, mestre emérito da língua portuguesa, festejado Professor de Direito Administrativo e Consultor Jurídico do Estado Maior das Forças Armadas, sem favor algum uma das mais admiradas culturas do país na atualidade.

Ao desincumbir-se do encargo que lhe foi confiado o Acadêmico Corsindio Monteiro foi muito além do que se imaginava.

Procedeu a um completo reexame das obras do festejado Arcebispo de Cuiabá, grupando-as em três volumes: o primeiro, que se desdobra em três tomos, abrange a sua obra poética; o segundo, que se desdobra em outros três tomos, compendia os discursos; e o terceiro, que se desdobra em dois tomos, abrange as Pastorais, num total de oito tomos que quase abarcam toda a vastíssima produção intelectual do eminente vulto cujo centenário de nascimento se comemora.

E ainda mais: em todos esses tomos da obra polimorfa de Dom Aquino o mestre Corsindio Monteiro acrescentou "notas de rodapés", esclarecendo o sig-

nificado de expressões usadas pelo autor, num trabalho por vezes de pacientíssima e estafante pesquisa. Isso permitirá que as gerações vindouras possam ler e entender Dom Aquino.

Podemos dizer, sem receio de incorreremos em qualquer exagero, que as obras dessa imortal figura do mundo cultural brasileiro terão agora uma apresentação que nunca tiveram, coroada pelo maravilhoso e impecável serviço da Gráfica do Senado Federal.

Com certeza a Academia e o Instituto Histórico prestam, através dessa republicação, gentilmente autorizada, em nome da Mitra Arquidiocesana, a quem pertencem os direitos autorais, pelo eminente Arcebispo Dom Bonifácio Piccinini, a maior contribuição que se poderia prestar ao patrimônio cultural de Mato Grosso neste "Ano Estadual da Cultura".

Lenine C. Póvoas  
Presidente da Academia  
Mato-grossense de Letras.

## PERDAS IRREPARÁVEIS

A Academia Mato-grossense de Letras sofreu, nos últimos tempos, as irreparáveis perdas de quatro dos seus mais destacados membros: Agenor Ferreira Leão, Rubens de Mendonça, Francisco Alexandre Ferreira Mendes e João Villasbôas.

Agenor Leão, brilhante advogado e professor, projetou-se no cenário cultural mato-grossense como poeta. Constante foi a sua colaboração para os jornais e revistas da nossa terra e sua poesia, tão apreciada e tão evocada nos saraus literários, ficou esparsa pelos jornais e revistas, a começar da Revista da Academia Mato-grossense de Letras onde ele sempre marcava presença, na "Página dos Novos", nos tempos de sua juventude e antes do seu ingresso nesse Sodalício.

Rubens de Mendonça foi um gigante da pesquisa histórica, ombreando-se, nesse terreno, com seu pai, o mestre Estevão de Mendonça.

Sua vida literária começou com o lançamento de livros diversos. Depois aparece Rubens como um dos articuladores do movimento modernista em Mato Grosso, ao lado de Gervasio Leite e de Euricles Motta. Só mais tarde entra ele, definitivamente, para a seara da pesquisa histórica, na qual se consagrou com uma obra vasta e preciosa.

Francisco Alexandre Ferreira Mendes teve uma longa vida dedicada ao magistério e ao culto das letras.

Durante anos, sem qualquer interrupção, suas crônicas foram colunas obrigatórias dos jornais cuiabanos, focalizando nossa história, nossas tradições, nosso folclore. Foi ele um dos raros folcloristas mato-grossenses. Escreveu até às vésperas de seu falecimento.

Francisco Mendes e Rubens de Mendonça foram figuras sempre ligadas à vida da Academia.

Ambos exerceram, por longos anos, em épocas diferentes, a Secretaria da nossa Entidade, tendo exercido, também, a sua Presidência; Francisco Mendes como titular e Rubens de Mendonça como substituto eventual.

Quando faleceu o Acadêmico Francisco Mendes, e no momento de seu sepultamento, o atual Presidente da Academia, Lenine Póvoas, proferiu, no Cemitério da Piedade, as seguintes palavras:

"Caro mestre Francisco Mendes:

A sociedade mato-grossense sofre hoje o duro golpe da sua perda.

Não será um lugar comum dizer-se que a sua morte abre uma lacuna impreenchível em nosso meio cultural, porque de fato, e sem qualquer dúvida, não será fácil aparecer, tão cedo, um outro historiador, um outro folclorista, um outro ensaísta do seu gabarito.

Sua vida foi toda ela dedicada ao culto das letras e você a preencheu escrevendo sempre sobre a nossa terra e a nossa gente, enriquecendo o patrimônio cultural de Mato Grosso numa atividade fecunda que se prolongou até os últimos dias de sua existência, na derradeira crônica que você escreveu, no domingo passado, no jornal "O Estado de Mato Grosso", sobre o aniversário da Cuiabá que tanto amou e que tanto lhe deve.

Nascido para ser professor na acepção exata do termo, você contribuiu para formar várias

gerações de mato-grossenses ilustres que dignificaram e enalteceraam a terra natal nos mais variados postos da vida pública do Estado e do país.

Militando sempre no campo da educação, você foi, durante mais de meio século, o mestre, o diretor de Escola, o Diretor do Departamento de Educação e Cultura de Mato Grosso e o Secretário de Educação que se identificou, de corpo e alma, com esse nobre mister para o qual você trouxe, desde o berço, inquestionável vocação.

Por isso o nosso povo tem para com você uma dívida irresgatável e ele se inclina, hoje, diante do seu esquife, numa reverência de profunda gratidão e saudade.

É comovido que lhe trago, também, o adeus das suas tão queridas Instituições, a Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, às quais você emprestou o fulgor de sua inteligência e a dedicação inexcédível de seu trabalho, por várias décadas, como Acadêmico, como Secretário, como Presidente e como Presidente de Honra.

Foi assim que você integrou a mais brilhante geração de intelectuais que conquistou, para Cuiabá, o laurel de cidade culta.

Com sua morte, Francisco Mendes, encerra-se um ciclo da história de nossa cultura."

João Villasbôas tornou-se, pela sua viva inteligência, pelo seu formoso talento e pela sua profunda cultura, um dos expoentes da intelectualidade mato-grossense neste século.

Advogado, foi dos mais atuantes e respeitados nas Comarcas do Estado, onde postulava, e nos pretórios do Rio de Janeiro onde também exercitou a sua nobre profissão.

Político, fez das mais brilhantes carreiras que se conhecem, tendo sido Deputado Estadual,

Deputado Federal e Senador por várias legislaturas.

Nas Casas Legislativas por onde passou impôs a sua liderança intelectual, como tribuno, como jurista, como legislador na estrita acepção do termo e como hábil articulador nas mais delicadas conjunturas políticas.

Estudioso do Direito, publicou vários trabalhos jurídicos, dos quais se destaca a alentada obra "Hipoteca Naval".

Poeta, seus versos são jóias de fino labor.

Sempre estiveram eles presentes nos jornais e revistas do Estado, mas nunca haviam sido reunidos em um volume.

Coube ao Acadêmico Lenine Póvoas, quando Presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, editar as poesias de João Villasbôas, reunidas na obra intitulada "A Canção da Minha Dor".

Registrando, com pesar, o desaparecimento de tão ilustres acadêmicos, a Revista da Academia espera poder, de futuro, focalizar-lhes mais detidamente as obras imperecíveis.

**CADEIRA Nº 19**

Patrono: José Vieira Couto de Magalhães

1º Ocupante: José de Mesquita

2º Ocupante: Vera Randazzo

(Discursos proferidos na sessão de posse da Acadêmica Vera Randazzo a 10 de março de 1982).

**DISCURSO DE POSSE PROFERIDO PELA  
ACADÊMICA VERA RANDAZZO**

Em vão pergunto a mim mesma, como ousei um dia aspirar a tão insigne honra, a de adentrar a este Templo do Saber, onde, com a generosidade dos vossos sufrágios, não obstante meus ínfimos dotes literários e poéticos me destinastes o assento a esta poltrona sagrada, onde, sob a égide do grande Couto Magalhães, estive por quarenta anos o inolvidável e aureolado, José de Mesquita.

Sei que ninguém poderá jamais substituir o poeta, o escritor, o jornalista, o historiador, o orador, o magistrado, o mestre, o Homem. Assim, não é com essa pretensão, mas tímida e humildemente, embora com o coração e a alma em júbilo, que venho hoje tomar assento, onde brilhou José de Mesquita, como a luz de um sol. Luz que ainda ilumina essa cadeira, há vinte anos vaga, como se realmente ninguém tivesse coragem ou ousadia para aspirar a tanta honra.

É este um dos motivos pelos quais, inicialmente devo deixar meus agradecimentos pelo incentivo que tenho recebido sempre, dos ilustres membros desta Academia Mato-grossense de Letras, alguns dos quais há mais de vinte anos são como que padrinhos dos meus modestos trabalhos como o do nunca assaz suficientemente aplaudido historiador Rubens de Mendonça, que prefaciou um dos meus singelos livros de literatura e que, em artigo publicado na Imprensa

Cuiabana em 1978, lançou meu nome para concorrer à vaga. A ele e a sua gentil esposa Dona Ivone, devo muito e muito lhes sou grata.

Quero ainda destacar a figura insígne do jornalista, historiador, professor e homem público e atual Presidente desta Academia Mato-grossense Dr. Lenine de Campos Póvoas, que, junto a sua maravilhosa esposa Dona Arlete, sempre me brindou com a sua amizade e me apoiou na vida profissional. Fui, no início dela, secretária do seu ilustre pai, o Professor Nilo Póvoas, figura venerável que não esqueço jamais e que me impulsionou a escrever o primeiro artigo literário, que foi por ele mesmo levado ao Jornal "O Estado de Mato Grosso", do qual era revisor naquela ocasião.

À memória de meu pai, Roberto Randazzo, italiano e engenheiro, ofereço este momento de emoção; à minha querida mãe Cecília, à tia Ignez, às minhas irmãs, Ir. Sônia e Ivone, que vieram de Porto Alegre para este evento; ao meu marido Martinez, que me incentiva nos estudos e tem a santa paciência de ouvir meus trabalhos em gestação; às nossas filhas, genros, sobrinhos e os onze netos cuiabanos, três dos quais nascerão este ano ainda, também dedico este inolvidável momento!

Não compreenderei jamais o que me fez merecedora desta tão augusta honra que recebo hoje; não nasci à sombra do Morro de Santo Antonio, nem fui lavada ao nascer com a água do rio Cuiabá. Meus ancestrais não fizeram seus repastos à mesa de São Jerônimo, no alto da Serra da Chapada dos Guimarães. Meus maiores, são de outras plagas, terras nobres também, terras heróicas, mas que situam-se muito além dos horizontes cuiabanos!

Chegamos um dia, há 27 anos atrás, meu marido, minhas quatro filhas e eu, migrantes gaúchos como tantos outros daqui, para esta terra coberta pelo vermelho manto do Senhor Bom Jesus, por caminhos que a Providência, na harmonia dos seus planos

magnificentes nos indicou e que tomamos com o coração aberto e agradecido!

Chegamos quando agosto se enlanguescia, à espera da chuva das flores, e os sinos tocavam a Ave Maria. Havia no ar, o acre perfume das queimadas e dos paratudos e ipês floridos.

Depois, o conhecer Cuiabá, nas estantes de um amigo, o primeiro livro lido; "Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá", de Rubens de Mendonça. Por este roteiro seguimos e nos perdemos de amor por esta terra e este amor contagiou toda a nossa família.

Conhecemos a história gloriosa dos bandeirantes, o Guarda-Mor, Pascoal Moreira Cabral, os nove Capitães-Generais, os Provedores, os Ouvidores, os Capitães-de-Mato procurando os Quilombos, os Sesmeiros de Serra Acima, do Rio Abaixo, do caminho de Goiás!

A Rusga a nos fazer tremer de medo. A chegada de Leverger ao Porto Geral, para viver aqui nesta "terra agarrativa", meio século.

A Província e seus Presidentes. A Guerra do Paraguai, Corumbá ocupada, as fazendas vazias, os jovens morrendo. A peste que quase despovoou Cuiabá. As igrejas só dobrando finados!

Dentre esses Presidentes, um tão grande quanto o Barão de Melgaço, Couto de Magalhães, Ilustre Patrono da cadeira que vimos ocupar.

### JOSÉ DE MESQUITA

Trago a incumbência protocolar de falar sobre a personalidade e obra de José de Mesquita, meu antecessor na cadeira nº 19, da qual foi fundador e ocupante por quarenta anos.

O pai de José Barnabé de Mesquita, e seu homônimo, nasceu em Diamantino, no ano de 1855, filho do Capitão Barnabé de Mesquita Muniz e de Dona Maria Rita de Mesquita. O Capitão morreu cedo, deixando sua viúva com três meninas, Isabel Perpetua,

Ana e Dária, além do infante que cresceu considerando-se o chefe da família, por ser o único filho varão. Com seus próprios esforços, ainda adolescente, entrou para o comércio, primeiro como empregado e depois por conta própria. Juntando algumas economias e vendo que Diamantino estava entrando em decadência, mudou-se para Cuiabá com sua mãe e irmãs.

Para manter-se e à sua família, empregou-se como guarda-livros, numa casa comercial e ao mesmo tempo preparou-se para advogar nos auditórios da Comarca de Cuiabá.

Em maio de 1891, casou-se com D. Maria de Cerqueira Caldas. No ano seguinte a 10 de março, faz hoje exatamente 90 anos, nasceu-lhe o primeiro e único filho, José Barnabé de Mesquita.

Em agosto, com apenas 37 anos, falece o advogado diamantinense, deixando órfão, o menino com cinco meses de idade.

Dona Maria de Cerqueira Mesquita, uniu-se em segundas núpcias, com o Comendador Antônio Tomáz de Aquino Correa, também viúvo e com vários filhos, entre os quais, o de nome Francisco de Aquino, que seria o Príncipe da Igreja de Mato Grosso e também luminar das letras nacionais.

O menino José Barnabé de Mesquita, encontraria no seio da nova família, carinho e dedicação, embora continuasse sendo, cada vez mais, o enlêvo de suas três tias paternas, a Professora Isabel Perpetua, Ana e Dária, sendo que estas duas últimas, morreriam em estado de solteiras e centenárias, em casa desse mesmo sobrinho.

Bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá em 1907, o que fazia a tia Dadá dizer com orgulho "com quinze anos formou-se em "Belas Letras"!"

Depois foi estudar em São Paulo, tendo então iniciado sua carreira literária, mandando para o jornal "O Comércio", sob direção de Estevão de Mendonça e Amarílio Alves de Almeida, deliciosas crôni-

cas sobre os fatos que iam acontecendo na cidade que ele dominava "Notas Paulistas".

Tudo o que o nosso querido estudante cuiabano de apenas dezoito anos, escreve, inclusive que, para entender a cidade de São Paulo é preciso conhecê-la numa noite de inverno, sob a luz coada pela garoa, é escrito num estilo primoroso, num português castiço. Quem lia suas crônicas nos idos de 1910 como Estevão de Mendonça, que lhas pedira, bem poderia prever, que não era apenas um advogado que estava se formando, mas um grande literato, um grande jornalista que já estava pronto!

Em 1913, conclui com brilhantismo seu Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, na famosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, sendo escolhido orador de sua turma.

Vale ressaltar que dos seus colegas, ainda é vivo, o também grande poeta paulista, Menotti Del Picchia, autor de "Juca Mulato", "As Máscaras" e outros belos poemas!

Quando muito jovem, José de Mesquita afastou-se da religião, ele, que provinha de um lar profundamente católico, mas esse afastamento foi provisório, fruto mesmo da juventude inquieta e contestante. tanto que alguns anos mais tarde, diz no magnífico soneto "Jesus":

"O mundo quis viver sem ti e viu que a vida, sem a tua palavra eterna que conforta, é uma gleba daninha, estéril, ressequida."

No dia 10 de abril de 1915, recebe como esposa, Anna Jacintha Pereira Leite, filha do Desembargador João Carlos Pereira Leite e de Dona Amélia de Cerqueira Pereira Leite e neta do Barão de Diamantino.

Num matrimônio feliz, nasceram-lhes oito filhos, tendo perdido três em tenra idade. Criaram Guy, Amadeu, Maria Amélia, Maria de Lourdes e Fernando de Mesquita.

Falecendo sua estremosa esposa a 1º de maio de 1942, consorciou-se três anos depois com Laura Pereira Leite, irmã de sua primeira esposa, reconstruindo novamente um lar feliz, abençoado com o nascimento do menino José Carlos de Mesquita.

Em 1915 inicia sua vida profissional, tendo sido antes interinamente, prof. de português da Escola Normal, quando é nomeado Procurador Geral do Estado, submetendo-se após, a concurso no Tribunal da Relação e sendo nomeado Juiz de Direito da Comarca do Registro de Araguaia.

Foi professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Cuiabá e Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso que presidiu de 1930 a 1940.

Exerceu os cargos de Secretário Geral do Território Federal do Guaporé, hoje Estado de Rondônia e Procurador Municipal da Prefeitura de Cuiabá.

Após a sua aposentadoria em 1945, dedicou-se à advocacia.

Foi membro fundador do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, da qual foi Presidente desde a sua fundação, por 40 anos.

Grande orador, sendo verdadeira peça literária, o discurso que proferiu na Inauguração da Liga das Senhoras e Moças Católicas, em 1925, do qual faço minhas, algumas frases, como homenagem às Senhoras Cuiabanas, aqui presentes e muito especialmente às ilustres professoras, Dona Maria de Arruda Müller que pertence a esta Academia desde 1931 e a Dona Ana Luiza Prado Bastos, integrante deste sodalício desde 1921.

"A mulher cuiabana... Com que respeito, com que admiração, com que afetuosidade pronuncio estas palavras, que me evocam todo o passado de nossa terra comum, desde as ancestrais cujo obscuro heroísmo entreleio nas páginas perfumadas das crônicas priméveas, quando, acompa-

nhando os pais, esposos e filhos, se internavam pelos sertões, na epopéia gloriosa das "entradas", e, rudes mas dedicadas companheiras, ungiam com o bálsamo de seus carinhos os dias trágicos dos pioneiros de nossa História..."

"A mulher cuiabana ... Vejo-a, na dura faina da lavoura primitiva, no áspero serviço dos "engenhos", na afanosa lida dos ranchos humildes, enquanto os homens se entregavam aos labores nas "catas" ou nas roças; adivinho-a, eficiente cooperadora na evolução da raça, obscura e gloriosa nutriz de nossos destinos históricos, formando, nos alvéolos do lar, o favo melífluo do exemplo de que se nutrem as novas gerações; percebo-a, nos dias lacrimosos de 34 e de 67, na luta contra o payaguá ou contra o invasor estrangeiro, alma a desabrochar em preces ou em lágrimas, aos pés do oratório, pedindo pelos seus queridos que a guerra ou a peste ameça, opondo a todas as calamidades o antemural de suas almas torturadas, numa oblata, a erguerse em soluços e rezas para os céus."

"A mulher cuiabana ... Eu a consubstancio na figura heráldica de uma Ludovina Portocarreiro, a salvar, na retirada de Coimbra, a imagem da padroeira do Forte, a Virgem do Carmo; na firmeza espartana das duas Ignez que mereceram, como a anterior, incluídas na galeria das "Heróinas" do General Carlos de Campos; eu a sintetizo nessas três figuras que enchem de aroma e dulçores a nossa vida - a mãe, a esposa e a filha; mas eu a represento nesta hora em vós, nobilíssimas Senhoras e Senhorinhas, que hoje, como ontem, mantende os foros da coragem e do entusiasmo, da crença e da virtude, que constituem os mais valiosos títulos de que se ufana a nossa gente pelos tempos afora."

Em tudo o que José de Mesquita diz, mostra-nos, sem dúvida alguma, como um grande poeta

engrandece tudo o que toca, mesmo que em outros seja vulgar ...

Tem diante da arte, e note-se bem, diante da profissão de artista, um respeito sem limites, pois em tudo, como na poesia, pôde realizar-se: foi a síntese de todos os seus dons diversos: historiador, romancista, contista, grande orador e genealogista. Fazendo longas pesquisas no Arquivo Público, nos Arquivos Eclesiásticos, nos processos do antigo Tribunal da Relação, nos livros de batismos, nos registros das necrópoles, estudava o documento, analisava a época, transportando-se ao passado, ele próprio, de onde trazia suas personagens vivas, palpítantes, eternas!

A Chapada! Quantas vezes subiu a Chapada Cuiabana, para estudar-lhe a gente, a paisagem, a estrada, o futuro, as lendas. Sentiu o ar frio da região e perdeu-se por entre a cerração, passou a cavalo pelo Portão do Inferno e andou nos pobres garimpos de Água Fria.

Escreveu um ensaio sobre a Chapada dos Guimarães, onde esteve 19 vezes em 16 anos e dizia assim: "... burgozinho singelo, acolhedor e amigo, perdido entre chapadões imensos e rodeados de serras imponentes, onde vive quase esquecida dos poderes públicos, uma população laboriosa e sofredora, mas sempre crente, animada e boa". É numa estrofe de um soneto:

Aí está por que eu revejo, aí! Sempre com saudade  
o doce panorama encantado e envolvente desta  
terra  
onde a luz é um filtro enlanguescendo  
e o ar tem a sedução macia da bondade

Estudou a origem das principais famílias cuiabanas, levantando as linhagens dos Barões mato-grossenses, como a do Barão de Poconé, (família Alves da Cunha e Ribeiro), Barão de Aguapeí (família

Oliveira) Barão de Vila Maria (família Gomes da Silva e Pereira Leite), Barão de Melgaço (família Augusto Leverger), Barão de Diamantino (família Cerqueira Caldas), Barão do Forte de Coimbra (família Porto-Carreiro), Barão de Casalvasco (família Morais e Matos), Barão de Amambai (família Couto) e mais os Gaudie Ley, os Correa da Costa, os Prado, os Figueiredo, os Alves Corrêa, os Moreira Serra, os Mesquita Moniz, os Pinho e Azevedo, os Morais Navarro, os Pou pino Caldas.

Deixou, ainda, estudos dos troncos dos Amaral Coutinho, dos Bueno de Sampaio, dos Costa Marques, dos Galvão, dos Gama, dos Murtinho, dos Ponce e de muitos outros ainda, ao lhes estudar ora os inventários e testamentos, ora ao lhes escrever os feitos.

Seus trabalhos genealógicos foram publicados em revistas especializadas, como o Anuário Genealógico Brasileiro.

Ninguém antes dele fez em Mato Grosso tão exaustivo e demorado trabalho, sendo o precursor da difícil parte da história que estuda a origem e sucessão das famílias.

Ninguém ainda, depois dele, continuou seu trabalho quando em 1940 disse:

"Aqui vou deixando, em apontamentos e índices, quanto respiguei, anos longos, acerca desse interessante assunto, em cartórios, jornais e na tradição oral, para que outros, dispondo do mesmo gosto que já tive e de mais vida do que a que me sobra, possam desse roteiro se utilizar, ampliando e desenvolvendo o que aí fica, a bem do conhecimento integral de nosso passado".

Sobre a mulher, tem tanta delicadeza, tanto respeito ou tanto amor, que, mesmo se às vezes vai além às regiões perdidas da alma e busca os frêmitos mais íntimos, o faz de tal forma que mesmo a

sensualidade que se evolva dos seus sonetos de amor, não conspurcam nunca a imagem feminina, pois é sempre puro e autêntico amor, é sempre belo na emoção:

"Tive-te em minhas mãos, qual tímida rolinha e minha fôras, si eu soubesse mais ousar."  
(Meu Pássaro que fugiu da Ilha dos Amores - Rev. da Ac. Letras - 1950-1951).

ou então, com profunda vingança poética:

"nunca mais, vivas tu embora cem, mil anos, e consagres a vida inteira ao teu desejo, e o satisfaças sempre, em gozos sobrehumanos, te farão esquecer no céu, inferno ou terra, quem descerrou teu lábio à música do beijo, quem te ensinou o amor e tudo que ele encerra".  
(Aluna Primária)

José de Mesquita é o artista que nos dá seus pensamentos importantes, coerentes com seus sentimentos em obras de construção vigorosa e bela que res stem ao tempo e aos exames mais acurados.

Poeta é o Poeta-Mor!

Há, às vezes, na sua poesia, um sentimento cósmico, como na "**Canção da Inquieta Procura**" de janeiro de 1945. É o idílio de Psiquê e de cosmos: ela, a mulher cuiabana, ou simples pastora da serra, ele, o poeta, o filho do rei: ela é a alma, José de Mesquita é o mundo! E em cada uma das palavras de seus versos imortais, ressoam harmônicos infinitos!

"Tu me esperaste ...

E quando eu vim de todas essas distâncias no tempo e no espaço,  
dos longes do passado, dos combates ásperos, com monstros, feras, dragões e gnômos, vendo-me vencedor de todas as batalhas, Bandeirante, Cavaleiro, Herói, Marujo ou Cruzado.

Tu, que me esperavas,  
Não olhaste as prêas, o ouro, as láureas e os  
troféus...

Abriste-me apenas,  
num gesto manso e bom, suave e enternecido,  
teus braços que me esperavam  
e me estreitaste docemente de encontro à tua  
alma."

Tira lições de tudo: da vida, do amor, da  
dor, das coisas e dos lugares. Um dia, subindo a ser-  
ra da Bocaina, em íngreme estradinha, por entre pa-  
redões e abismos, compara em formoso soneto (Tope de  
Fita - 1940 - Revista da Academia).

"Assim, na vida, quando, a ascensão já vencida,  
julgamos ter logrado a calma da planura,  
surge-nos muita vez, numa última escalada,  
novo aclave a vencer, mais íngreme subida,  
para o alto atingir da Perfeição sonhada!"

Sua poesia, é alcançada sem esforço, cap-  
tando apenas seu apego, primitivamente forte e pro-  
fundo, à terra, cuja vida tem a imensidão das forças  
da natureza.

José de Mesquita traz em si a juventude  
perene da sua terra e lhe conhece todos os meandros  
e capta o som dos ventos, tem uma ternura para cada  
flor e numa forma quase panteística, ouve o murmú-  
rio das árvores e as quer tanto, que diz a uma:

"Mas eu te quero mais e te amo quando,  
na tristeza das tardes de janeiro,  
te vejo as folhas secas revoando  
ao vento frio, ó velho tarumeiro!"

Sobre o tempo:

"A lua fina sobe entre os coqueiros;  
A tarde é fria: o céu profundo e escuro;

O vento agita os ramos altaneiros  
que se debruçam sobre o velho muro."  
(Primenos Frios - sonetos - A Violeta nº 137 -  
junho de 1926).

Mas nenhuma representação sobre José de Mesquita poderia conter toda a riqueza do seu conteúdo, todas as nuances que refletem da inteligibilidade luminosa e a força impressionante dos sonetos isolados ou dos episódios da história e muito menos a sua estruturação, num todo necessário aos seus cantos, aos seus romances...

José de Mesquita não é um homem comum. Tem o poder de fixar os horizontes muito mais longe que os outros mortais, pois tem o dom da intuição, e é ele mesmo que o diz: (em Deslumbramento, março de 1930, incluído na Escada de Jacó).

"Essa visão de Deus, Graça, Paz, Euforia,  
ou nos vem, pela Fé, ao cérebro cansado,  
ou, pelo Amor, nos desce à alma tediosa e fria.

Todo o trabalho literário de José de Mesquita, é uma epopéia de amor à sua terra, pois que ele, como um lavrador, pega da enxada e cava o tempo, para escrever "Gente e Coisas de Antanho". São contos e episódios históricos, publicados pela primeira vez nos jornais cuiabanos e posteriormente nas revistas do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, no período de 1925 a 1954. Graças ao trabalho do historiador Carlos Rosa, foram reunidas numa antologia, algumas dessas biografias e coisas acontecidas em Mato Grosso, quando Capitania e Província e reeditadas em 1978, com o apoio da Prefeitura Municipal de Cuiabá e do então alcaide, Dr. Manoel Antonio Rodrigues Palma.

Oxalá fossem reunidas e reeditadas suas obras por alguma das nossas laboriosas Instituições Culturais, como esta Academia, ou a Fundação Cultural de Mato Grosso, ou mesmo a Universidade Federal

de Mato Grosso, ou por quem fosse, para gáudio e ilustração das gerações atuais!

Por seu alto nível intelectual, pertenceu a importantes Sociedades culturais de âmbito nacional, de Mato Grosso e de mais oito Estados brasileiros e até ultrapassou nossas fronteiras, pois integrou institutos culturais argentinos, uruguaios, belgas e norte-americanos.

Foi condecorado, em 1933, pelo Papa Pio XI, com a Comendada Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à Ação Católica.

Em 1936, representou o Tribunal de Justiça no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia.

No mesmo ano, representou a Academia Matogrossense de Letras, no primeiro Congresso das Academias, e em 1938, representou o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado, no congresso Histórico Nacional.

Em 1960, recebeu a Medalha do Pacificador, do Ministério da Guerra, pelos serviços prestados à Pátria.

Faleceu nesta Capital a 22 de junho de 1961.

Há poucos dias, um dos filhos deste grande beletриста cuiabano, o advogado e Defensor Público, Dr. Fernando de Mesquita, ofereceu-me uma cópia do magnífico depoimento, deixado por seu pai, que mais do que qualquer coisa, discurso, biografia, pode retratar o excelente pai, o magistrado honesto, o marido leal e sobretudo, o homem bom que foi José de Mesquita.

Documento inédito, escrito, talvez num momento de Comunhão com Deus, foi encontrado pelo Dr. Fernando de Mesquita ao ordenar os papéis deixados por seu ilustre pai, para escrever-lhe sua Biografia e Bibliografia, foi por ele lido há três anos atrás, quando o Governador Cássio Leite de Barros, inaugurou no Palácio da Justiça, o busto do inesquecível Desembargador, concretizando no bronze a idéia lan-

çada pelos Doutores Luis-Philippe Pereira Leite, Ger\_vásio Leite ... e Rubens de Mendonça.

Esse escrito, intitulado, "Confissão", comoveu a todos os presentes e ao mundo intelectual cuiabano, pois de todos era desconhecido, mesmo dos amigos mais íntimos, mesmo dos parentes mais próximos.

Comovida, ao finalizar, peço permissão à Família Mesquita e sobretudo à sua ilustre viúva, Dona Laura Pereira Leite de Mesquita, para ler, esse depoimento de José Barnabé de Mesquita:

### CONFISSÕES

"Vou-me de contas pagas com a vida. Capital e juros. Pago e satisfeito. Que mais queria eu? Tive tudo. Perdi cedo o meu pai, mas tive quatro mães carinhosas. Minha mãe e três tias, uma destas, professora que me ensinou com carinho maternal.

Recursos, nem pouco para passar privações, nem tanto que me envaidecesse ou levasse à pândega. Em tudo moderado, abastado, meio termo.

Cedo me formei, bacharelando-me em letras aos quinze anos e em Direito aos vinte e um. Fiz todo meu curso sem reprovação, com algumas distinções. Nunca tive atrito com um mestre, posto jamais os adu-  
lasse.

Gozei muita saúde. Nunca tive doenças dessas que a gente se vexa. Nunca joguei a dinheiro, nem me embriaguei. Não tive amásias. Casei-me cedo, que ainda é o melhor. Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel, meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e de alma. Desfrutei o amor em todas as suas modalidades em toda plenitude. Se morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia dizer: gozei a vida em toda sua essência, do amor o capítulo sumo, na expressão de Bilac.

Feliz na carreira. Alcancei o pináculo aos vinte e nove anos nomeado desembargador, sem que ja-

mais fosse preciso agachar-me para galgar as posições.

Feliz com os filhos. Todos são fortes e sadios. Passei pela dor de perder três deles, que reputo, entretanto, uma felicidade para eles.

Nas letras, conquanto não conseguisse até agora o que sempre almejei quando moço, fui além do que devia esperar. Nunca tive grandes decepções, nem fui jamais desastrado por amor à literatura. Ao contrário, os meus trabalhos sempre mereceram boas referências dos mestres. Tenho conseguido tudo sem jamais perder a fé, minha força e a esperança, meu sustento.

Os meus maiores prazeres na vida - o convívio com a família, as leituras e as viagens, tenho conseguido realizar plenamente.

Nunca pratiquei uma indignidade de que tenha que me envergonhar diante de meu ego sum. Encontrei na segunda mulher uma irmã gêmea da primeira. Não tenho inimigos. Não guardo ódios nem ressentimentos, pois cultivei sempre a ventura suprema de saber perdoar sem, todavia esquecer as ofensas.

E, por isso tudo e por não me ter faltado a Graça de Deus, julgo-me feliz, por ter vivido e sereno se a morte, a qualquer momento, me quiser..."

Muito Obrigada!

**DISCURSO DE RECEPÇÃO PROFERIDO  
PELO ACADÊMICO LENINE PÓVOAS  
NA SOLENE SESSÃO DE POSSE DA  
ACADÊMICA VERA RANDAZZO**

Pela terceira vez, em sua existência, a Academia Mato-grossense de Letras festivamente abre suas portas para que nela ingresse uma mulher.

Vem hoje VERA RANDAZZO tomar assento neste sodalício, ao lado de Ana Luiza Prado Bastos e de Maria de Arruda Müller, que já há muito honram a Casa de Melgaço.

Quem se der a uma pesquisa sobre a história de nossa cultura, nela irá encontrar, sempre presente, a contribuição da mulher à causa do nosso desenvolvimento cultural.

No campo educacional muitas foram aquelas cujos nomes se projetaram, não só como simples mestras, mas também como figuras autênticas de intelectuais e que, pelo seu valor, demarcaram o alto nível do ensino mato-grossense em décadas passadas.

No teatro, na música, na imprensa, na literatura, na fundação de instituições culturais, as mulheres tiveram a sua participação marcante.

Sem falarmos em Ana Luiza Prado Bastos e Maria de Arruda Müller, professoras, cujo ingresso nesta Academia é o melhor atestado de seus méritos, podemos citar, dentre muitas outras, Bernardina Rich, Amelia de Arruda Alves, Azelia Mamoré de Melo, Ana Leite de Figueiredo, Tereza Lobo de Queiroz,

Maria Dimpina Lobo Duarte, Gertrudes Machado Ribeiro, Guilhermina de Figueiredo, Benilde Borba de Moura, Dunga Rodrigues, para chegarmos até Zulmira Canavarros, professora e musicista, mola propulsora de nossos movimentos culturais, com atuação decisiva na fundação do Clube Feminino, do nosso primeiro Instituto de Música, da Rádio "A Voz do Oeste", do Centro Artístico e Musical de Cuiabá, do Mixto Esporte Clube, de vários grupos teatrais e tantas outras iniciativas a que ela se dedicou, de alma e coração.

E a novel Acadêmica que hoje penetra os umbrais desta Casa já se integrou a esse admirável elenco feminino que conquistou, sem favor, um lugar na história da cultura mato-grossense.

Nascida nas coxilhas do extremo sul, VERA RANDAZZO emigrou para Mato Grosso, terra que elegeu como sua.

Aqui deixou-se prender pelo enlevo da vida calma e provinciana dos anos cinqüenta, pela Cuiabá tranquila e agarrativa que ela ainda chegou a conhecer.

Tomou-se de encantos pela nossa história, pelas nossas tradições, pela nossa cultura.

Embrenhou-se pelas bibliotecas e pelos arquivos.

E ao cabo de alguns anos de leituras, de pesquisas, de escritos, passou a conhecer, como poucos, a fascinante história de Mato Grosso.

\* \* \*

Senhora VERA RANDAZZO:

Constitui uma praxe em todas as Academias exigir-se de quem se candidata a nelas ingressar, que apresente as obras que publicou ou os trabalhos que escreveu.

Se a ilustre Acadêmica que agora se empossa não tivesse exibido, ao candidatar-se a uma poltrona nesta casa, nenhuma obra publicada, ainda assim teria seu ingresso assegurado neste areópago,

pelo valor inestimável do trabalho realizado em defesa do patrimônio histórico de Mato Grosso, trabalho esse que poucos conhecem e bem poucos saberão avaliar.

A hora é oportuna para se rememorarem fatos e para se dizerem algumas verdades.

Corria o ano de 1974, quando o então Governador José Fragelli chamou-me para assumir a recém-criada Secretaria de Administração do Estado, como seu primeiro titular e com a espinhosa missão de implantá-la.

A essa nova pasta foi incorporado, pela lei que a criou, o antigo Arquivo Público do Estado, desvinculado, assim, do órgão que se chamava "Biblioteca e Arquivo Público".

Fui visitar as dependências do Arquivo que passaria a ficar subordinado à minha Secretaria.

Sabia de antemão que o desprezo pelo nosso passado histórico vinha sendo, entre nós, uma constante lamentável. Sabia que o precioso Arquivo, onde se encontravam recolhidos os documentos mais valiosos da história mato-grossense vinha sendo jogado, de um para outro lado, em sucessivas mudanças, como uma incômoda inutilidade e uma indesejável carga aos administradores.

Mas se pensava que sabia muito, não sabia nada sobre a dramática realidade encontrada!

A última mudança do que se chamava o "Arquivo Público do Estado" fora feita por homens chucros, que apanhavam, com pás, centenas de documentos soltos e embaralhados, que eram atirados, como se faz na coleta de lixo, à carrosseria de um basculante que, ao chegar ao destino, era acionada pela alavanca do motorista, que a levantava, deixando rolar para trás tudo que ali vinha, como se fosse um monte de cascalho!

O espetáculo era desolador! E se tudo não se acabou de vez, na voragem da incúria e da ignorância, foi porque o desprezado Arquivo contava com três velhos e dedicados servidores, pessimamente re-

munerados, que a ele davam, entretanto, todo o seu carinho, como se se tratasse de cousa sua, e que procuravam salvar o que fosse possível, na medida de suas forças e de seu amor a Mato Grosso.

Mas não havia para eles apoio nem estímulo e o desânimo já estava prestes a minar-lhes a obstinada resistência ao abandono.

Para que ninguém pensasse, um dia, que havia exagero na minha descrição do que encontrara, tive a boa idéia de fotografar o Arquivo que recebi.

Foi então que tive uma felicíssima inspiração. Foi aí que me lembrei de que poderia chamar para a terrível incumbência de recuperar o Arquivo Público de Mato Grosso a gaúcha cuiabanizada que era VERA RANDAZZO.

E ela não se acovardou diante da magnitude do encargo!

Dirigiu-se ao velho casarão desta mesma rua Barão de Melgaço, em que nos encontramos, onde estava a maior parte daquilo que se chamava de Arquivo e no qual a água das goteiras formava um rio interior que carregava para a rua, por baixo das portas, papéis preciosos.

Lá VERA RANDAZZO, em alguns meses de trabalho, com o auxílio dos dedicados funcionários que encontrou, matando traças, cupins, baratas, ratos, sapos e até cobras que se aninhavam entre montanhas de papéis empastelados, conseguiu salvar quase tudo.

Depois foi a outro setor do Arquivo, que se encontrava num galpão da rua Floriano Peixoto, um pouco mais organizado; foi a outro setor menor, que estava atirado no chamado "Casarão" da Universidade, que a esse tempo não pertencia à Universidade; foi a outro setor que se encontrava na rua Cândido Mariano e tudo foi reunido num só prédio, na Caixa D'Água Velha, onde hoje se encontra o Detran.

Ali o Arquivo Público fez um estágio de recuperação. Documentos foram separados e catalogados. Livros, jornais e revistas foram encadernados. Tudo foi desinfetado. Três mil caixas foram obtidas,

por doação, e por interferência da sua Diretora, para a guarda de documentos e estantes foram adquiridas para a sua organização definitiva. Dalí o Arquivo saiu, restaurado, para instalações construídas especialmente para ele, no Centro Político-Administrativo.

Só quem o viu antes e o viu depois, pode avaliar tamanho serviço prestado à cultura mato-grossense.

O ilustre confrade Pedro Rocha Jucá empolgou-se com o que lhe foi dado verificar e a esse trabalho dedicou algumas páginas de seu tradicional "O Estado de Mato Grosso", com uma brilhante reportagem intitulada "Está salvo o patrimônio histórico de Mato Grosso"!

E tudo isso os mato-grossenses ficaram devendo a VERA RANDAZZO.

\* \* \*

Mas, senhores, os méritos da novel Acadêmica não se circunscrevem a isso.

Escritora, VERA RANDAZZO tem colaborado sempre em diversos órgãos da nossa imprensa, escrevendo crônicas e comentários, de literatura ou sobre temas históricos.

Perfeitamente enfronhada de nossa história e das múltiplas facetas de nossa vida social, em 1969 publicava ela um livro de crônicas regionais intitulado "PAGMEJERA, PAGMEJERA", expressão que em língua bororo quer dizer "Grande Chefe".

Escritas num estilo simples como ela mesma, retratam, com autenticidade absoluta cenas e tipos do nosso meio.

Apreciemos um trechinho de uma dessas crônicas, alusivas à fundação de Cuiabá:

"Nas margens e aqui e alí entre os afluentes do plácido Cuiabá, espalhavam-se os aldeamentos dos Coxiponés.

Os índios fundiam-se na natureza primitiva e agreste e tudo era tranquilidade.

Mas houve um dia em que por entre o barulho do bater dos remos ergueram-se as vozes tonitroantes de homens barbudos e de olhar insolente.

Numa réstia de praia lambida pela água desembarcou um altivo paulista cujos olhos dardando chispas de audácia varreram os arredores: chamava-se Pascoal Moreira Cabral e estava desembarcando nas próprias páginas da história!

Seu olhar procurava os simples e inocentes homens de pele acobreada que despidos de malícia e com os corações batendo doidamente tinham fugido céleres através da mata com as mulheres levando os pequenos curumins nas ilhargas, pois os arrogantes e intrépidos bandeirantes tinham atravessado léguas e léguas de desconhecidos sertões, cheios de perigos, para prearem os indefesos selvícolas.

E enquanto esperavam o milharal embonecar-se e as raízes de mandioca engrossarem, os rudes companheiros do grande bandeirante iam revolvendo também os cascalhos da beira do improvisado acampamento à procura do ambicionado ouro.

E foi assim que como um rastilho de fogo na palha seca, explodiu certa manhã a nova de que na margem direita dum córrego batizado com o nome de Coxipó, tinham encontrado em grande abundância o raro metal.

E das gargantas daqueles homens saiu um só grito que ressoou em todas aquelas cercanias: OURO!

E o eco acompanhando a palavra que rutilava como um sol sonoro ultrapassou as matas brutas, varou rios profundos e serras escarpadas e chegou ao litoral civilizado de onde voltou trazendo levas e levas de homens ambiciosos".

E assim vai VERA RANDAZZO narrando, de maneira amena, a fundação da cidade, que é a página primeira da história de Mato Grosso.

Em outra crônica, intitulada "Tristezas de Sia Joaquina", descreve a áspera vida no sertão mato-grossense e a sedução invencível do enriquecimento nos garimpos.

Ouçamo-la;

"Tinha chovido há pouco e como Siá Joaquina não tinha podido ir trabalhar na roça, aproveitava para preparar o feijão para ser vendido em Nobres lá no bolicho do Pedro Mineiro ou com os Turcos.

E assim no suave fim de tarde Sia Joaquina foi terminando a sua faina diária, quando quase sem querer rolou os olhos do feijão para o céu e viu o arco-íris. Como sempre, tinha uma ponta enterrada para trás da Serra do Tombador, na direção dos garimpos.

E foi nessa direção que Siá Joaquina ficou um tempão parada, esquecida de tudo.

Fazia tantos anos, mas nunca podia esquecer, que o marido, bonito morenã, se fora, um dia, cansado da roça e do pouco dinheiro que rendia, tentar a vida de outro jeito.

- "Joaquina, ocê há de vê, eu trabaiando de meia praça no garimpo, faço uma bamburrage e nois tá feito. Um dia ocê vai lá nos Turcos e tira os panos que quizé, cordão de ouro e até máquina de costura".

E alegremente vendeu o milho e um cavalo bom que tinha e se foi a pé mesmo, para os garimpos do Gato e da Melgueira.

Ela ficou cuidando das suas lides de mulher e do serviço dele enquanto esperava que o marido viesse buscá-la e aos dois filhinhos.

Pois o bonito e moreno marido de Siá Joaquina nunca mais voltou!

Volta e meia algum conhecido trazia novi-

dades que embora as escutasse com o rosto impassível, só ela sabia como a magoavam. Às vezes contavam que tinha bamburrado e andava endinheirado, outras que estava mal de vida. Mas sempre diziam que estava metido com alguma mulher.

E assim passaram-se os anos. Siá Joaquina foi criando os dois filhos indo todos os dias de enxada aos ombros para a roça. Agora, embora sentisse ainda um aperto no peito, quando pensava no marido, já não desejava que voltasse. Não de raiva, mas porque, coitada dela, teria até vergonha que ele a visse assim, ela que fora sacudida, com suas ancas redondas e braços macios, estava magra e quase murcha, a boca desdentada e o cabelo estriado de branco.

Bem, o que passou, passou; a sina era dela mesmo. Siá Joaquina deu um longo suspiro e chamou o filho para dizer-lhe que preparasse as cangalhas e o burro para levar o feijão em Nobres, no outro dia.

O filho, um rapagão mais alto que o pai, veio um tanto vagarosamente. Parou em frente da mãe e depois de ficar um longo tempo como se procurasse palavras, ergueu a cabeça e quase desafiadoramente disse:

- "Mãe, eu levo esses mantimentos lá pros turcos de Nobres, mas não volto não, que já tô cansado de batê enxada todo santo dia. Eu vô é pros garimpo. Não chore, mãe, que eu volto cheio de dinheiro prá mode a senhora comprá muito pano bonito, cordão de ouro, radinho de pilha e tudo o que quizé".

Essa página de literatura regional, que em rápicas pinceladas tão fielmente retrata aspectos da nossa realidade social, é digna, sem dúvida, de uma antologia!

Mas VERA RANDAZZO não é apenas a historiadora e a cronista. Ela é também poetisa e seus ver-

sos, de fundo social, trazem um cheiro de terra mato-grossense.

Tema semelhante ao da crônica "Tristezas de Siá Joaninha", ela explora em sua poesia intitulada "JEROMA":

"Jeroma de saia rasgada,  
escondendo as pernas tortas,  
na ilharga o filho magro,  
no rosto pregas do tempo,  
por dentro pirão de farinha,  
em volta o cerrado seco,  
na frente a trilha não tem  
os rastros do seu marido.

As palhas estão caindo  
e o barro cai das paredes.  
A rede já esburacada,  
A criança tem lombriga,  
A cerca não mais ataca  
O gado do vizinho;  
O mato invade  
na roça o mandiocal.

O marido no garimpo  
do Gato ou da Melgueira,  
trabalha de meia praça,  
procurando a boa sorte,  
enterrada no cascalho.  
As mãos sujas de areia  
vão se encher de diamantes.  
Comprar remédio para o filho,  
vestido para Jeroma,  
viola pra serenata,  
nas noites de lua cheia.  
Comida de estufar a barriga,  
mais o gado do vizinho.

Os diamantes vão saindo:  
fazendinha, só chibiu.

O patrão de cara feia  
recolhe suas bateias,  
a soma das despesas  
é maior que os diamantes.

Jeroma sem o vestido,  
o filho com suas lombrigas,  
a cerca ainda caída,  
a noite sem violão,  
o caminho está marcado  
com os rastros do marido  
que trouxe as mãos cheias  
da poeira do garimpo.

Jeroma de pernas tortas  
amassa mais um pirão".

VERA RANDAZZO é, ainda, a poetisa que se ergue em defesa do nosso meio ambiente, verberando, em versos, a destruição de nossa fauna iuctiológica.

No seu poema "O Peixe Final", imagina ela o peixe falando aos homens:

"Ouvis meu lamento  
do fundo das águas  
de todos os rios,  
das muitas baías,  
do Grão-Pantanal,  
dos córregos fundos  
das grandes nascentes  
no norte e no sul.

Eu choro nos dias  
de ouro que correm  
no tempo da seca,  
na sombra florida  
de ipês debruçados  
em praias macias;  
não vejo as cores

dos meus tarumeiros,  
não sinto o perfume  
do alto aricá.

Eu passo chorando  
não vejo a beleza  
da areia na seca!

Eu choro de noite  
e quebro a quietude  
da prata que corre.  
Em vão eu espero  
O tempo das águas  
barrentas, lambendo  
as altas barrancas,  
as águas que levam  
os troncos perdidos,  
canoas sem donos,  
pedaços de ranchos  
de roças passadas.  
Não vem a lufada,  
Não vem a lufada!

Eu passo chorando  
por velhas cidades  
e antigos garimpos,  
por baixo das pontes,  
pelos seringais  
e tantas fazendas  
de gado e café.

Eu passo chorando  
em volta dos cascos  
de múltiplos barcos,  
em verdes arrozais  
e por cima das pedras  
de mil corredeiras.

Eu passo chorando  
e vou para o fim.  
Eu sou o lamento

que bate no nada!  
Eu sou o peixe final!"

Senhora Acadêmica Vera Randazzo:

O discurso que acabastes de proferir, a análise que fizestes da pessoa e obra de vosso antecessor, o inolvidável José de Mesquita, é uma prova a mais do acerto com que se houveram os membros desta Academia ao elegê-la para a cadeira nº 19.

Bem sabemos que nesse protocolar elogio de José de Mesquita, não esgotastes o filão aurífero que constitui a sua obra polimorfa.

A personalidade do nosso saudoso ex-Presidente, tanto quanto a sua obra imorredoura, hão de constituir, para a ilustre Confreira, tema infindo de pesquisas e de estudos.

José de Mesquita foi um símbolo. O símbolo de uma época. O símbolo da fase áurea vivida pela cultura mato-grossense no período incomparável que se abre ao término da Guerra do Paraguai e que se encerra com a sua própria morte, no início da década de sessenta.

E para estudar-lhe a empolgante personalidade, como para esmiuçar-lhe a produção literária, tão vasta quão preciosa, não faltam talento e disposição à nova ocupante da cadeira que ele tanto dignificou!

Seja benvinda, Senhora VERA RANDAZZO!

**CADEIRA Nº 38**

Patrono: FREDERICO AUGUSTO PRADO DE OLIVEIRA  
Palavras de abertura: Lenine de Campos Póvoas  
Discurso de posse: Benedito Sant'Ana da Silva Freire  
Discurso de recepção: João Antonio Neto

(Discursos proferidos na solene sessão de posse do Acadêmico Benedito Sant'Ana da Silva Freire, a 5 de maio de 1984).

**PALAVRAS DE ABERTURA DA SESSÃO  
DE POSSE DO ACADÊMICO SILVA FREIRE  
PELO PRESIDENTE DA ACADEMIA,  
LENINE C. PÓVOAS**

A vida é uma alternância de tristezas e de alegrias.

A Academia Mato-grossense de Letras, que nestes últimos quinze meses sofreu a amargura da perda de três de seus mais ilustres membros, - os Acadêmicos Agenor Ferreira Leão, Rubens de Mendonça e Francisco Alexandre Ferreira Mendes, - engalana-se neste "Dia de Rondon", transbordante de júbilo, para receber, como seu membro efetivo, o Dr. Benedito Sant'Ana da Silva Freire.

Vem ele ocupar a cadeira nº 38, cujo patrono é o poeta Frederico Augusto Prado de Oliveira, que se notabilizou como satírico, vergastando os costumes de sua época sob o pseudônimo de "Zé Capilé", Cadeira essa cujo último ocupante foi o gaúcho cuiabanizado General Dr. Ciro Furtado Sodré, figura de brilhante inteligência e de admirada cultura.

Feliz a escolha dos senhores Acadêmicos, eis que Silva Freire é hoje reconhecido como uma das mais altas expressões da intelectualidade mato-grossense.

Homem que subiu as escadas da vida sozinho, sem auxílio outro além daquele que nos vem do Supremo Criador, que se destacou na sociedade em que vive pela firmeza e lisura de suas atitudes e que

conquistou espaços na área profissional e no meio cultural a golpes de invejável talento, Silva Freire é uma aquisição que muito honra a Academia Matogrossense de Letras.

Numa fase em que as contingências da vida estão determinando uma renovação nos quadros da Casa de Dom Aquino e de José de Mesquita, a presença, entre nós, de Silva Freire é uma garantia de que esta tradicional Instituição, apesar de todos os percalços com que luta, continuará a ser um dos bastiões da defesa das tradições culturais de Mato Grosso.

Está aberta a sessão.

**DISCURSO DE POSSE PROFERIDO PELO  
ACADÊMICO BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE**

Meus Senhores, Minhas Senhoras:  
Singular.

Muito singular, ilustrada platéia; especial significação acaricia meu espírito, desde quando o nobre confrade, presidente Lenine de Campos Póvoas me fez a comunicação de estilo, - através da qual a data da minha posse estava assinada e vacinada para 5 DE MAIO, - DIA DE RONDON!

Depois, soube, de viés, que a trama desse "aviso-intimação" se deu com a "cumplicidade" - companheira de um incorrigível otimista: - o filósofo, poeta, jurista, estudante da vida, ensinador universitário, delicioso prosador e confrade, JOÃO ANTONIO NETO.

Como resistir, assim, aos compassos dos passos que passam os passes desse generoso meio-de-campo da inteligência mato-grossense?!

Esqueceram, apenas, os nobres pares, que os sinais da emoção não são parentes dos sinais de trânsito; - estes, os do semáforo, marcam e remarcam átimos de tempo que anunciam, oferecendo aos transeuntes opções de segurança, de alerta e de perigo; - já os sinais da emoção, os que nos mobilizam e nos responsabilizam culturalmente, nos invadem, nos sacodem e reviram as camadas mais íntimas de nossa sensibilidade, reduzindo-nos, pelo exercício da auto-crítica, à insignificância que somos, sobretudo no

ato final da ciência e consciência da coincidência cultural desta solenidade, mais própria para espíritos de luzes melhores unguídos, principalmente, na **Casa de Leverger**, no Dia de Rondon!

Senhores Acadêmicos, devo confessar, inicialmente, que meu espírito está doendo ausências tão sentidas nesta Casa de Letras, choradas nesta cidade, pranteadas neste Estado. - Eles, paradigmas que foram no exercício da cátedra, da faina jornalística, da tribuna política, do púlpito, da judicatura, e paradigmas também do fazer literário em prosa e verso, - nobres exercícios que dignificam e enobrecem o homem que, à semelhança dos epígonos da não violência, trabalharam a engenharia do livro. E outros mais, tão iguais, hoje, doem no leito sensações de vidas presas em doenças ... São líderes, guias espirituais da comunidade de pensadores que observamos, estudamos e homenageamos, a cada encontro silencioso de consultas às suas obras, - algumas delas, já raridades.

Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Assumir a Cadeira nº 38, a do meu antecessor, **Cyro Furtado Sodré**, - médico, militar e combatente, professor, poeta, músico e prosador, cuja Cadeira soube merecer e enobrecer, como fez, por igual, seu precedente, - o jurista e literato, **Amarílio Novis**, - inteligência revelada na prosa e no verso que os exerceu, especialmente na triilha da sátira poética. Pois bem, - poetas, ambos, na linha do poeta patrono, **Frederico Augusto Prado de Oliveira**, que praticou também o jornalismo, à semelhança de **João Cunha**, primeiro ocupante da Cadeira, - jornalista, político militante, - (Deputado Estadual e Vice-Presidente do Estado) - e poeta, cuja obra se perdeu nos espaços gráficos do periodismo de nossa Terra.

Assumir, pois, a Cadeira nº 38, é, antes de tudo, reafirmar os mesmos compromissos de fidelidade à perseguição dos ideais de defesa dos valores espirituais permanentes que nos identificam, co-

mo herdeiros, como co-participantes do processo cultural e histórico a que entendi, um dia, cunhá-lo de **cuiabania!**

Neste austero recinto de **Augusto João Manoel de Leverger**, - "o anfitrião espiritual desta Casa, onde, em cada ângulo, se respira um pouco de sua saudade cuiabana", - como bem o disse **Cyro Sodré**, - renova-se o ato público de vida presente das letras mato-grossenses.

Ele, - Augusto Leverger, "bretão", nascido em Saint Malô, a terra das marés imponentes e intensas, - deixando a França, aqui criou raízes, trabalhou e defendeu o solo eleito, como pátrio".

"Mas, o que trouxe Leverger ao Brasil?" - indaga e responde "**Cyro Sodré**:

"A resposta é clara, por simples: - seus conhecimentos. Era um oficial de marinha e assim traçou o seu destino, medindo ângulos, observando estre-las, calculando latitudes e longitudes, determinando rotas de navegação etc."

"Não fossem os conhecimentos científicos especializados, o Brasil talvez tivesse perdido tão grande e operoso servidor."

- Geógrafo, partiu novo para o Brasil, em cuja marinha de guerra serviu desde 1822, nela ingressando como segundo-tenente, chegando a chefe-de-esquadra. Almirante e explorador-científico brasileiro, embora francês, nasceu em 1802, e faleceu em Cuiabá, em 1880.

Tomou parte ativa e distinguiu-se na Campanha Cisplatina, de 1825 a 1828. Serviu no Arsenal de Marinha de Mato Grosso, de 1830 a 1834, dedicando-se desde então ao problema da defesa das fronteiras do Brasil. Explorou os rios Cuiabá, São Lourenço e Paraguai, entre os anos de 1838 a 1840. Em 1853, reformou-se no posto de chefe-de-esquadra, radicando-se definitivamente em Mato Grosso. Formou o acampamento de Melgaço contra a invasão paraguaia, em 1865, e recebeu o título de Barão com grandeza de Melgaço, por decreto de 7 de julho de 1864. Foi por

três vezes presidente da Província de Mato Grosso, em 1851, - de 1865 a 1866, de 1868 a 1870.

Cientista de renome, geógrafo, hidrógrafo, deixou grande número de trabalhos, quase todos acerca da geografia e história de Mato Grosso. Cartas, mapas, plantas hidrográficas, roteiros, observações e memórias de Augusto Leverger, - parte publicada, parte inédita, encontram-se em bibliotecas e arquivos, e ainda em revistas, - como a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sua obra mais importante é **Apontamentos para o Dicionário Geográfico de Mato Grosso**, cujo autógrafo se acha na Biblioteca Nacional, - bem como **Roteiro de Navegação do Rio Paraguai e Vias de Comunicação em Mato Grosso**, tudo, tal como registram os melhores enciclopedistas.

Por isso, repito, com meu antecessor, **Cy-ro Furtado Sodré**:

"- Se não fossem os conhecimentos científicos especializados, o Brasil talvez tivesse perdido tão grande e operoso servidor."

Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Na Casa de Leverger, Cadeira nº 38, que a ocupou Amarílio Novis, - "espírito jovial e sutil", que "a todos encantava com sua fina verve satírica e indefectível bom-humor", na síntese do retratista, mestre Nilo Póvoas, em sua obra póstuma, GALERIA DOS VARÕES ILUSTRES DE MATO GROSSO, editada pela Fundação Cultural de Mato Grosso, na gestão profícua do presidente desta Casa, acadêmico Lenine Póvoas.

Contemporâneo, amigo íntimo e confrade de Amarílio Novis, revela-nos o saudoso acadêmico Nilo Póvoas:

"No panteão dos grandes homens de Mato Grosso, é de justiça que se confira um lugar de distinção ao Dr. Amarílio Novis, que soube honrar a sua terra natal com as fulgurações do seu talento e com a integridade do seu caráter ...

Exerceu vários cargos de projeção na administração estadual.

Foi Procurador Fiscal da Fazenda Nacional, Promotor de Justiça da Comarca da Capital, Delegado de Polícia da Capital, Diretor-Geral da Instrução Pública, Diretor da Imprensa Oficial, Chefe de Polícia, Consultor Jurídico do Estado, Procurador Geral do Estado, Professor de Francês da Escola Normal, e de Educação Moral e Cívica do antigo Liceu Cuiabano. - Juiz de Direito em 1918, foi, depois de doze anos de inteligente e ininterrupta judicatura, promovido, em 1930, a Desembargador da Corte de Apelação do Estado de Mato Grosso, - e em 1935 eleito presidente dessa alta Corte de Justiça, investindo-se, em consequência, nas funções de Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado.

Possuidor de esmerada educação e de invejável cultura, viveu cercado da simpatia e da consideração dos seus conterrâneos, que não poupavam gabos aos seus belos dotes de espírito e de coração. (...) O seu anedotário, vasto e chistoso, poderia ser contado a um auditório feminino dos mais seletos e pundonorosos. (...) Era um verdadeiro narrador de salão. (...) Assim, como jamais se queixara alguém de uma injustiça por ele praticada como juiz, - assim também ninguém poderia arguí-lo de uma só indignidade cometida como cidadão. Tinha, é verdade, um espírito galhofeiro, servido por uma notável veia satírica. Alguns desafetos que, porventura tenha deixado, deveu-os ele, exclusivamente, ao seu genio turbulento e motejador. Gostava imensamente de festas, principalmente do Espírito Santo e de São Benedito, em cujos bródios se regalava. Era um garfo de primeira ordem.

Quem quer que o visse na intimidade, a provocar hilariedade entre os circunstantes, estaria longe de supor que ali estava a autoridade circumspecta, o juiz severo e reto na distribuição da justiça. (...)

Não se circunscrevera, porém, o seu talen-

to versátil às austeras elocubrações no campo da ciência do Direito. Ele incursionou, também, pela seara das letras, onde evidenciou um talento brilhante e uma veia satírica que marcou época nos anais da imprensa cuiabana.

Jornalista de invejáveis recursos, e poeta espontâneo, Amarílio Novis colaborou em quase todos os jornais e revistas deste Estado, notadamente nos da Capital e as suas produções, quer em prosa, quer em verso, caíam no gongo da sociedade que os aplaudia, pois os seus assuntos eram, geralmente, pessoas e fatos conhecidos em nossa terra, a que ele emprestava, genialmente, a nota grotesca e as tintas de estilo elegante e chistoso.

**O Debate, O Momento, A Folha do Norte, O Democrata, O Estado de Mato Grosso**, todos os jornais políticos que se editaram em Cuiabá, inclusive **O Gladiador**, periódico satírico que veio à luz nos derradeiros dias da administração do Presidente Costa Marques, todos acolheram as produções desse jornalista de elite nas memoráveis pugnas jornalísticas em que tomou parte saliente ao lado de **Aprígio dos Anjos**, de **Armando de Souza**, de **Álvaro de Barros** e, mais tarde, de **João Cunha** e **Isac Póvoas**.

Não foram, infelizmente, enfeitadas em livro as suas apreciadas produções, sendo que muitas delas, pela sua natureza, não foram assinadas, dificultando, por isso, a sua identificação. Houve quem lhe chamasse o nosso Gregório de Matos. Que fosse, seria um Gregório de Matos de boca limpa" - conclui o sempre lembrado mestre Nilo Póvoas.

Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Na Casa de Leverger, na Cadeira de **Cyro Sodré**, cujo patrono é **Frederico Prado de Oliveira**. "Pois bem, falar de **Cyro Sodré**, nascido em Santa Vitória do Palmar, lá no ridente Rio Grande do Sul, vindo para Mato Grosso como abridor de caminhos, para seus muitos co-estaduanos que, hoje, compõem conosco a sinfonia que o Brasil entoia nesta terra, melhor faria se não falasse no Oficial General do Exér

cito, do Médico, - do Agrimensor, - do Ex-Combatente na Revolta de 1922, em Copacabana e Realengo, - da Revolução de São Paulo, em 1932, - da Campanha na Itália, quando da II Guerra Mundial, integrando a Força Expedicionária Brasileira - **de seus oito cursos** de extensão profissional médica, - **de seus Congressos**, Reuniões e Jornadas de estudo científicos, - **de suas sete medalhas**: de ouro, "bons serviços" do Exército, - de Campanha da Itália, - de Esforço de Guerra - do Centenário de Ruy Barbosa, - do Sesquicentenário da Independência do Brasil - do Centenário de Plácido de Castro, - do 1º Ano de Fundação da Universidade Federal de Mato Grosso, - **das distinções recebidas através de diplomas**: de Cidadão Cuiabano Honorário, outorgado pela Câmara Municipal, 1964 - de Honra ao Mérito da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, em 1975, - de relevantes serviços prestados à fundação do Escotismo do SESC, em Cuiabá, 1976, - **de suas atividades civis correlatas à medicina**, como Presidente da Associação Médica de Mato Grosso, - Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado, - **de suas atividades correlatas ao ensino**, como professor de matemática em Porto Alegre, nos Colégios Anchieta, Dante Alighieri e Curso Viète; - **de suas atividades culturais**, como membro desta Casa de Belas Letras, - do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do Centro de Estudos do Pronto Socorro Municipal de Cuiabá, como um dos fundadores da Rádio "A Voz do Oeste" de Cuiabá, em 1939: como um dos fundadores e colaboradores do jornal "O Estado de Mato Grosso" , em 1939, - como diretor da revista do CPOR do Rio de Janeiro, em 1937, - como autor de livros técnicos e literários, conferências e músicas.

Detentor de um "curriculum vitae", assim pluridirecionado, melhor o faria, e o farei a seguir, "ouvindo-o" falar do nosso patrono, **Frederico Prado de Oliveira**, porque sentiríamos melhor seu arguto espírito observador, sua visão panorâmica de

mundos culturais e sua sensibilidade artística aliada à modéstia do viver valores superiores da vida.

"Acreditava eu, - dizia Cyro Sodré, - que as Academias de Letras, representavam um sacrário para poetas, beletristas e puristas do idioma, onde só podiam morar aqueles que traziam no exclusivo, o primor do estro, o exímio literato, a perfeição da forma; autores renomados de ensaios, poemas e romances etc.

Não me julgando um cultor exponencial da prosa e do verso, exercitados em parques adejos, mas um homem com alguma bagagem científica, que faz das letras um veículo de extravasamentos, eliminando fantasmas, como Dotoiewski, acreditava não estar à altura de aqui postular uma cadeira.

Estimulado e bem apreciando o espírito normativo da Academia Mato-grossense de Letras, aí encontrei, implícita, uma diretriz: - o incentivo às galas da mente.

Busquei na vida dos que com brilho aqui transitaram ou transitam e a mesma orientação lobriguei: - a poliformia cultural.

Militares, civis e religiosos; poetas, escritores e oradores; cientistas, juristas e professores; em suma, a busca do unitário na multiplicidade da compartimentação dos conhecimentos humanos.

Desse modo deduzi serem errôneas as minhas induções, por falhas de base. Vi que num mesmo amplexo estreitam-se e achegam-se aqueles que mourejando, hoje como ontem, ajudam a construir o progresso desta terra, desbravando-a, cantando e difundindo o belo, expandindo sonhos, conduzindo ações e, sobretudo, criando erudição histórica.

Aprofundei-me na meditação, buscando as causas de efeitos tão salutares. Julgo tê-las encontrado.

Certamente, avaliando os conhecimentos universais, os organizadores desta Casa de Cultura, qui seram fazê-la eclética e dinâmica, pela somatória das forças componentes.

Agindo subjetivamente, buscaram as quatro colunas fundamentais que sustentam o mundo: Cultura, Justiça, Oração e Bravura.

Assim, sob o nome genérico de Letras, gruparam ciências e artes, ou seja, a reunião daquilo que o homem, com o seu cérebro e mãos privilegiados, construiu para o bem e avanço da civilização.

A escolha dos Patronos, prova, - e a finalidade da Academia - (promover e intensificar a cultura da língua e da literatura nacionais) - justifica.

Cultura de uma língua é a sua apreciação no sentido morfológico, fonético e semântico; no aspecto sintático, lexicológico e estilístico; na forma conceitual, estética e estrutural, ou seja, tudo aquilo que um povo, em prosa ou verso, com o envolver do tempo, progressivamente, construiu, por consequência, a cultura de uma nação ampla e irrestrita; qualquer assunto nela cabe, desde que seja bem escrito, tratado e apresentado, o que vem constituir, um final, a Literatura de um povo. (...)

Se Chopin nos deu uma obra de arte musical em torno de um monótono e descolorido pingo d'água, porque a Literatura que constrói o imperecível, não nos poderá deslumbrar, com uma obra genial, qualquer que seja o seu tema?

- Desde que haja essência no assunto, e o autor o aborde com brilho e conhecimento de causa, vestindo a verdade com as roupagens do seu estilo, se existir fundo básico e moral, o trabalho permanecerá eterno, marcará época; permitirá que no futuro venha a ser lido com o mesmo deleite, com que lemos Os Lusíadas, de Camões, os Sermões, de Vieira, a Nova Floresta, do Padre Manoel Bernardes, e Eurico, o Presbítero, de Alexandre Herculano.

Literatura não é cipoal de palavras sonantes, na vacuidade de idéias, - infere Cyro Sodré. Ao contrário, a obra literária é um monumento indestrutível lavrado com a pena do artista. Um exemplo: - Euclides da Cunha ... Relatórios de estudos cientí-

ficos e reportagens, tornaram-se buriladas, estilizadas em vigorosas produções literárias.

Ao lado de estudos topográficos, profundas observações sócio-econômicas; atrás da pesquisa geodésica, investigações na base do pensamento de **Ratzel**, que **Kjellen** completou. Aquela cerebração peregrina, que se definiu, como "misto de celta, de taupio e grego", soube, de maneira exímia reunir os elementos do seu trabalho. Foi químico a dosar valências. A forma e a erudição se equilibraram. E **Os Sertões, Contrastes e Confrontos, À Margem da História** etc. ... trazem o selo da perpetuidade.

O análogo se observa no culto Ruy Barbosa, no sentido da perenidade; tudo o que de sua pena lida, seja de fundo narrativo, apologético, jurídico ou descritivo, enfeixam o signo do primor. É obra antológica, pelo encontro do pensamento e do estilo.

O estudo ambiental do **macro**, com profundas implicações científicas, econômicas, político-sociais etc., não excede o estudo detalhista do **micro**, onde o adorno de um capitel, um fragmento de cornija, um sestro, sonho ou visão individual, prestam-se a profundas divagações que mergulham em civilizações passadas, na arquitetura e alojam nos nosocômios, na patologia.

O estudo, entretanto, quando descamba para o épico, para o homérico, tem uma característica própria. As virtudes e os sofrimentos excedem a pena do autor.

O leitor empolgado esquece o autor e vive um passado de glórias. E nestas condições é libertado o coração de criança prisioneiro em todos nós. E na criança vive o herói galvanizante de seus sonhos, na coragem, abnegação, capacidade, resistência, valor, constância.

Dentro dessas qualidades se confundem Xenofonte, Leônidas, Napoleão, Alexandre, Cesar, Aníbal, Cid, Camarão, Henrique Dias, para provar que o heroísmo não é uma questão de latitude, e sim, uma constante de todas as raças. A bravura vem do san-

gue, a coragem do pensamento e o entusiasmo do coração."

Percorre, em outras largadas, **Cyro Sodré**, a estilística de Chateaubriand, Vitor Hugo, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Strauss, Wagner, Tobias Barreto, Stefan Zweigg, Pasteur, Arquimedes, Gauss, Leibnitz, Lagrange, Petisco, Casimir Funk, o descobridor da "Aneurina", Fleming, Carot, Canova, Rodin; Velasques, Rubens, Matisses, Manet, Toulouse Lautrec, Amoedo, Meireles, Pedro Américo, Portinari. E não se esquece dos poetas maiores: Gonçalves Dias, Cassimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela, Olavo Bilac, Raimundo Correa, Aquino Correa, Barnabé de Mesquita e outros, muitos outros; - tudo para provar sua preocupação maior de visagem e convivência com os eleitos, pois, ele mesmo, Cyro, personalidade polifônica, não se basta ainda, porque, referindo-se ao patrono da Cadeira 38, testemunha:

- "A Academia Brasileira de Letras investiu Gregório de Matos Guerra, como Patrono da Cadeira 16, por alguns denominada Cadeira de irreverência, pelo espírito que a anima, oriundo do seu Patrono mordaz, cáustico e irreverente.

- A Cadeira nº 38 da Academia Mato-grossense de Letras, tem como Patrono, Frederico Prado de Oliveira, jornalista e poeta. Há um ponto de contato nas vidas de Gregório de Matos e Frederico do Prado; ambos foram satirizadores de costumes e ambientes, cada um a seu modo. Um detestava o estrangeiro que explorava a terra pátria; outro malqueria o forasteiro que sugava o meio natal. Eram, pois, nativistas, que se encontravam no amor à causa pública.

- Frederico do Prado, através da Imprensa, verberando contra atitudes amorais, mostrou-nos capacidade e coragem ... Mato Grosso sofria com o politiquismo. Os grandes Sobas políticos degladiavam-se pela posse de redutos eleitorais. A intolerância medrava. As eleições, por consequência, padeciam de vício original, - o partidarismo extremado e o facciosismo. As sinecuras saciavam os apetites e compra

vam as vozes rebeladas insinceras. A violência, gerando a intimidação, propiciava silêncio e a acomodação.

Frederico Prado, por atos e palavras, atitudes e ações, insurgindo-se, reverberava, admoestava, reprovava e condenava os costumes políticos.

E a arma empregada, de preferência, foi a sátira, - a linguagem do demônio, como pensava Carlyle."

Pois, na veemência crítica de seus versos, não raro em língua de matuto surge a expressão - pau rodado - tão usual em Cuiabá, mas com uma elasticidade, que, acredito, diz Cyro Sodré, Zé Capilé (pseudônimo de Frederico Prado), não quis dar. Zé Capilé, campeão na luta contra a situação política do empreguismo, transformou-se em paladino dos desiludidos...

Combatendo os intrusos - acidentados, espoliadores, nocivos, inoperantes, incapazes e truculentos, lançou as suas verrinas.

Frederico Prado não se insurgiu, porém, contra todos, oriundos de outras plagas, em absoluto, e sim, especificamente, contra alguns.

Faço esta ressalva, - diz Cyro, em defesa do espírito do Patrono da Cadeira 38, que foi um nativista a seu modo... Por razões tais, antes afirmei haver um ponto de contato entre Gregório de Matos e Frederico Prado -, ou seja, o horror à exploração adventícia ... Mas, como poderia um espírito superior criar uma expressão em que se pode até enquadrar Le-verger e Ricardo Franco, que chegaram em Cuiabá, como militares realizados?

- Poderá ser "pau rodado" o que vem contra a corrente, chegando e aportando, trazendo alguma coisa para oferecer?!...

- Não! "pau rodado", na figuração é o que aqui atinge ou encalha, por circunstâncias momentâneas, geralmente em péssima situação, para em curto prazo, recebendo o calor acariciante de uma asa protetora sem nada deixar de positivo em seu rastro,

transformar-se em **Gran Senhor**, que, com arrogância, vai **papar** o fruto amadurecido, indevidamente colhido, em outras plagas. O "pau rodado", se é inerte para o exterior produtivo, não é inerte para seu interior, ávido e cobiçoso.

- "Sinto-me, pois, reafirma Cyro Sodré, - na obrigação de frisar, dentro do espírito pradiano dedutível, que não só, são úteis à coletividade localizada aqueles que nela nasceram, - fato do domínio fisiológico - (o nascituro não escolhe o torrão natal) - como também, os que vêm oriundos de outras regiões, com propósitos sadios de trabalho.

Não foi sem razões plausíveis que o diabólico **Voltaire**, na expressão de Frederico, o Grande, exclamou: "**Quem bem serve a Pátria, dispensa ancestrais**".

- Cuiabá, velha metrópole mato-grossense, estava entre as coisas amadas por Frederico Prado; queria vê-la estuante de força e de brasileidade, espargindo luzes sobre Mato Grosso ...

"A vida, porém, não lhe permitiu tão doces afagos; não lhe deixou, sequer sentir o progresso cuiabano, (...)", - progresso como destinação histórica de sua situação geográfica, - dizemos nós, e dizemos mais:

**Frederico Prado** não viveu para conviver com os frutos de seus exemplos, com os frutos - símbolos do processo cultural da cuiabania, plantado e implantado, estratificado na artesanaria do poema sonoro que este Povo fala.

Suas raízes, no labirinto da tecelagem, no trancelim da persistência, no fino crivo da sensibilidade, e na mira da paciência de quem viveu e sobreviveu, marcado e remarcado pelo sinal do abandono, mas edificando o monumento histórico de que marca esta raça em suas raízes de legitimidade tão brasileira.

Ora, Senhores Acadêmicos, nossa intimidade é geométrica, ilustrada pelo ornato denso dos florais agrícolas, das linhas retas que alimentam a es-

trutura do mosaico da intimidade de nossos lares, como o couro cortado no franco fio da faca, mas de repousante sentido de surpresa, à semelhança da linha que se estica pelo peixe fígado na memória-paladar do pescador nativo.

Daí o nosso ritmo-gingar de quem supera barreiras, sabendo de tudo, sem querer saber de nada.

Nossa indiferença (e a história é testemunha) nunca foi a inércia, mas o estar **acima**.

Como toda cidade parimpeira, nascemos rente ao topográfico, rasgando a geografia em veias. Por isso, afirmamos: nossas ruas não são tortas. São anguladas como o diamante, como o escudo que defende o índio, como o bordado tropeiro na rede lavrada: - o diamante, no carinho da lapidação, é que ganha intimidade humana!

Somos piçarra-filtro de civilização; somos o tropeiro, depois da lição de abstração, que não pisa no ornamento armadilhado da malhada.

O despojamento da conduta da raça cuiabana é consequência da relatividade nervosa da convivência com linhas de fronteira, que lhe dão seu nítido caráter de discricção.

Somos um povo que, ao dar um nó cego no paralelo 16, descobrimos o centro da americanidade. O ferimento sutil da ponta do compasso, na palma das mãos de Miguel Sutil.

Senhores Acadêmicos, invoco uma vez mais a sensibilidade do meu antecessor: - e Cyro Sodré nos oferece sua última lição:

"- A geografia é a mãe da geopolítica, e os bandeirantes, muito antes de sua fundação (a de Cuiabá), com bases científicas, souberam, pela experiência, compreendê-la.

- Nascida a terra do Bom Jesus nos últimos estirões platinos navegáveis, representa o trampolim para o salto da Amazônia seca.

- As atitudes históricas dos bandeirantes, não deixam dúvidas que Cuiabá não é só filha do ouro

abundante encontrado na região, como muitos julgam, mas, também, de outros fatores ponderáveis. Houve, sim, coincidência providencial de fatos.

- Seria a povoação de Pascoal Moreira Cabral, fundada de idêntico modo, na região, aqui, ali ou acolá, porque imperativos ditavam a ação. (...)

Desnecessário e inoperante o crocitar dos pregoeiros das encomendações fúnebres antecipadas: - Cuiabá não morreu apesar do abandono a que foi lançada e não morrerá jamais.

É impossível lutar contra fatores situacionais, ainda mais depois do nascimento de Brasília.

Cuiabá que é sentinela avançada do Oeste do Brasil, em potencial e recursos, constitui uma flanco-guarda da jovem Capital Federal, - o ponto de apoio para que fosse efetiva da Amazônia e, sobretudo, a grande porta econômica para a conquista do Pacífico.

Finalizando os destaques da ampla visão, da consciência, da precisão instrumental de Cyro Sodré, reclamo ainda a sutileza de sua observação sócio-política, ao afirmar, com relação ao predestino da Terra de Dom Aquino Corrêa, aquilo:

"Faço questão de afirmar que não é de hoje que assim penso. Ressalvo o caso de Brasília, problema novo; sempre tive a impressão que as decantadas minas de URUCUMAQUAM foi um engodo do grande Rondon, para motivar a construção da antiga BR 29 (hoje a Cuiabá-Porto Velho - BR-364), nos idos em torno de 1940.

Com satisfação assisti à batida da estaca zero dessa estrada, e, ao percorrê-la, hoje, imensa, larga e convidativa ao progresso, enche-me de fé e entusiasmo nos destinos da Pátria.

"Da convicção do predestino cuiabano, ante a Geografia, para o **Grande Mar de Balboa**, resultou o poema "Heróica Cuiabá", que fiz naquela época, na previsão do seu futuro grandioso, ante o abandono em que vivia. Assim finalizava:

"E Cuiabá resiste granito molhe  
Aos embates das vagas da procela intensa  
Escudado ao amor, na crença de brasílicos fi-  
lhos.

Como coluna de Hércules, de revolto mar.  
Sentinela alerta do sentimento pátrio  
Para o Oeste voltada, percrustando o Além".

Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Mais um sábio engodo do grande Rondon, as decantadas minas de URUCUMAQUAM, - na impressão de Cyro Sodré, - para motivar a construção da BR Cuiabá-Porto Velho, hoje realidade quase asfáltica. E que nobre engodo do Guerreiro da Paz! Sim, ele, de "altura média, testa larga, fisionomia distinta, traços finos, olhos amendoados, queixo delgado. Herói que nasceu soldado e que morrerá soldado. Mas herói "sui generis" que, para não matar, nem deixar que se matasse um só homem, preferiu arrostar cem vezes a morte..." - tal o perfil moral, físico, e filosófico do homenageado nacional de hoje, - 5 de maio -, Dia das Comunicações -, Dia de Rondon!

Pois dessa impressão síntese firmada pelo Embaixador da Turquia no Brasil, **Fuad Carmi**, - seguem-se as palavras de profunda sabedoria sobre a gigantesca personalidade do filho de Mimoso. - É **Paul Claudel**, renomado intelectual francês quem o diz:

"... Rondon, esta alma forte que se interna pelo sertão, na sublime missão de assistir o selvagem, é uma das personalidades brasileiras que mais me impressionam. Rondon dá-me a impressão de uma figura do Evangelho..."

O Presidente Roosevelt, ao conhecer de perto o gigantismo da obra chefiada por Rondon, foi categórico ao afirmar para conhecimento do mundo:

"... Nunca vi, nem conheço obra igual. Os

homens que a estão realizando são, pela sua abnegação e patriotismo, os maiores que existem. Um povo que tem filhos dessa ordem há de vencer. O século XX pertence-lhe."

Mas, o grande estadista americano, não con-  
teve com a conceituação citada, ainda foi de uma sin-  
ceridade que nos encanta e nos emociona, notadamente  
os filhos do município de Leverger. Dizia, Roose-  
velt:

"... A América pode apresentar ao mundo  
duas realizações ciclópicas: - ao Norte, o Ca-  
nal do Panamá, e ao Sul o trabalho de Rondon -  
científico, prático, humanitário".

E, concluindo magistralmente a sábia aná-  
lise sobre o lendário filho do tratador de gado, -  
**Cândido Mariano da Silva e Dona Claudina**, afirma  
para nosso gáudio:

"... Rondon não é apenas oficial e **gentle-  
man** como os que mais o são nos mais bem organi-  
zados exércitos do mundo. É também excepcional,  
audaz, competente explorador, ótimo naturalis-  
ta, cientista estudioso, filósofo. Com ele a  
conversa vai da caçada de onças e dos perigos  
da exploração do sertão à antropologia indíge-  
na; - dos perigos da civilização industrial,  
puramente materialista, à moralidade positivis-  
ta. O Positivismo de Rondon é realmente a reli-  
gião da Humanidade, doutrina que impele a ser  
justo, bondoso e útil, a viver corajosamente  
sua vida, afrontar a morte".

Aí estão, meus senhores, minhas senhoras,  
conceitos emitidos pela autoridade internacional do  
Ex-Presidente dos Estados Unidos da América do Nor-  
te, que acompanhou Rondon na sua famosa expedição.

"O Positivismo de Rondon é realmente a re-

ligião da Humanidade", (...) pois a herança positivista, foi a que, antes de mais nada, lhe incutiu no espírito a Escola Militar. A grande sombra de **Augusto Comte** comandava a sua figura, e ele foi, sem sombra de dúvida, o último grande positivista brasileiro.

"Sua participação na campanha republicana é uma fase de sua vida onde se destaca a fidelidade ao ideal positivista. Foi dos mais assíduos participantes das conferências políticas, preparatórios do grande movimento de que resultou a Proclamação da República.

Rondon, com a franqueza que sempre o caracterizou, com a coragem que lhe era própria, ao ser advertido pelo comandante da Escola Militar, para que ele e seus colegas não comparecessem às conferências e reuniões políticas, fardados, - Rondon recusou-se a cumprir a ordem superior, respondendo:

"Não posso ir a parte alguma sem estar fardado; o sr. Comandante fará o que julgar de seu dever."

Como aluno dileto, discípulo mais amado do grande **Benjamim Constant**, recebeu deste, por várias vezes, missões delicadas à realização de planos em prol da causa republicana.

Abolicionista ferrenho, líder republicano de militância política ativa, - pelas duas grandes causas, - a abolição dos escravos e a república, - logo o seu nome viria à tona na nossa história política, no decorrer de nossas últimas revoluções. E foi assim que procurou-se envolver o seu nome no famoso episódio das cartas ofensivas ao Exército, atribuídas, injustamente, ao candidato Arthur Bernardes.

Buscou-se o apoio de Rondon para a insurreição contra o poder constituído, ao que, ele, sempre baseado nos ensinamentos filosóficos de Comte, respondia:

"Não nos ensinaram que o mais retrógado governo é preferível à mais progressista revolução? ... Aderir à revolução é ir de encontro aos princípios que abraçamos que só visam ao bem da Pátria e da Humanidade". - Eis o que nos relata, meus senhores, o historiador **Louis Untermeyer**, dando-nos, claramente, a face do homem político, que também o foi.

Sertanista incomparável, conheceu, Rondon, amplamente o interior do Brasil, graças à atividade pioneira das construções das linhas telegráficas, de Cuiabá ao Araguaia, em 1890 a 1891; - de Cuiabá a Corumbá, prolongando-se até as fronteiras do Paraguai e Bolívia, em 1900 a 1906, outros de Mato Grosso e a exploração do Rio Negro. E no curso dessas longas jornadas, todo o tempo disponível era pouco para a construção de sua obra imperecível. São suas as palavras que agora transmito:

"Realizei, ao mesmo tempo, enorme série de explorações, desvendando os segredos dos pantanais, executando estudos geográficos, fazendo determinação precisa de coordenadas de pontos que poderiam servir de base a futuras operações geodésicas, fazendo classificações da flora e fauna. E tive, assim, a alegria de conseguir que vastíssima região do sul de Mato Grosso se tornasse uma das mais bem conhecidas do território nacional, não só sob ponto de vista cartográfico, como também quanto a população, riquezas naturais do solo, capacidade de produção, recursos, vias de comunicação etc. - Assim, esses trabalhos, caminharam "pari passu", com os trabalhos de construção da linha telegráfica, do traçado das estradas de penetração, do lançamento de futuros centros de povoação, da instalação das primeiras lavouras e dos primeiros núcleos de criação de gado. Só assim - prossegue Rondon - pudera eu, na exploração an-

terior, entregar à Pátria não só um território até aí desconhecido, como também as populações desse território já mansamente afeiçoadas à nossa gente, aptas para progredir espontaneamente na sua evolução."

Aí está, meus senhores, minhas senhoras, a estatura moral, intelectual e cívica do filho dileto dos **Campos de Mimoso**. Mas não é só - nos anos que se seguiram, de 1915 a 1919, Rondon fez muito mais ainda:

- "Levantamos, - dizia ele, - as cabeceiras dos rios Correntes, Itiquira, Garças, São Lourenço ... Arinos e Teles Pires, antigo São Manoel, e delineamos os divisores destes rios e do Xingu com o Cuiabá e o Rio das Mortes. Concluimos o estudo das cabeceiras do Xingu, levantamento do Coluene e traçamos nas plantas os cursos exatos dos rios: - alto e médio Paraguai e seus tributários Miranda, Aquidauana, Negro, Taquarí, São Lourenço, Piquira, Correntes, Itiquira, afluente do Paranaíba; - Araguaia e seus tributários das Garças e das Mortes; - Coluene, cabeceira principal do Xingu; Teles Pires, confluente do Juruena; - Roosevelt, com seus dois formadores: Dúvida e Capitão Cardoso; Gi-Paraná e seus tributários Jarú, São Domingos, Amarí e Machadinho; - Janari e seus afluentes, Candeias; Jaci-Paraná e seu tributário Branco; Marmelos e seus afluentes Maici e Branco; Sucunduri e Canumen; alto e baixo Guaporé e seus tributários, Cabixí, Corumbiara, Miguel e Cautário; - baixo Mamoré. Descobrimos - revela Rondon, a Serra do Norte na sua origem, onde nascem os rios Nhambiquara, 12 de Outubro, Ikê, contribuinte do Camarará onde vivem os nhambiquaras-anunzês. Levantamos o divisor do Machadinho com o Anari; do Preto, do Gi-Paraná; do Juruazinho; do Jamari, Jarú, Urupá, Cautário,

Catarino, São Miguel, Ricardo Franco, traçando neste trecho o divisor do Gi-Paraná com o Guaporé."

Basta, Senhores Acadêmicos; basta o que já foi dito, para se ter a exata dimensão do homem que se fez mito, que se impôs perante a consciência continental, legando à Pátria o seu nome-legendado de glória.

Na melhor expressão de síntese, podemos dizer, fazendo nossas as palavras dos melhores biógrafos de Rondon:

- "a sua conquista equivale a cinquenta anos de atividades em pleno sertão, tempo em que colocou no mapa meio milhão de quilômetros quadrados. Daí o justo título de O CONQUISTADOR DO CORAÇÃO DA AMÉRICA MERIDIONAL.

Como indiginista, Rondon também foi filósofo, como já dissemos. Um pensador original, na medida em que, interpretando as condições de existência na sociedade brasileira e sua experiência de convívio com os índios, formulou uma filosofia própria, a que sempre se manteve fiel, muitas vezes, à custa de duros sacrifícios: - RESPEITO O ÍNDIO COMO UM POVO INDEPENDENTE.

Nessas bases foi organizado o Serviço de Proteção ao Índio, hoje, FUNAI, por uma lei em que, pela primeira vez no mundo, se estabelecia como princípio de direito o respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de se realizarem, conservar sua individualidade, propagar suas crenças, viver, enfim, da única maneira que sabem viver, - aquela que aprenderam de seus ancestrais. Dessa concepção é que adveio o lema imortal:

MORRER, SE PRECISO FOR, MATAR, NUNCA.

Inúmeras, um sem número de entidades culturais, sociedades científicas, academias de letras,

institutos históricos, nacionais e estrangeiros, o Parlamento Brasileiro, Assembléias Legislativas, Câmaras Municipais, Governos estrangeiros prestaram e têm prestado, ainda, a Rondon as mais significativas homenagens, que são transferidas à Pátria Brasileira.

Mas, a homenagem mais simples, mais pura, mais cheia de imorredoura fé, mais irresistivelmente poética, evangélica, salpicada de delicadeza e desesperada esperança, é a que lhe foi prestada pelos índios Bororos, de cuja tribo Rondon herdara também, ao lado dos Terenos, o sangue. É a seguinte:

GRANDE CHEFE!

Tu és bom, muito bom mesmo, muito bom!

Tu, sim, és nosso verdadeiro amigo.

Tu, sim, deu aos bororos o que eles precisam e desejam.

Como o Sol, tu não cansas nunca na tua amizade pelos bororos.

Vem! Volta depressa!

Vem! Volta depressa!

Nós estamos com muitas saudades de Ti, - homens, rapazes, moças, meninos, meninas, - os Bororos todos estão com imensas saudades de Ti.

Vem! Volta depressa. Assim seja!

Plantador de cidades, civilizador do sertão, mestre de mestres, soldado da Pátria, filósofo, cientista, filho estremo, esposo amantíssimo, transferiu, Rondon, para as gerações todo um legado de glórias imorredouras que projetou o Brasil no conceito internacional, a ponto de ser o seu nome indicado por duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz, a mais alta honraria tributada a um homem de cultura no plano das nações.

Eis porque, Senhores, Senhoras, - "sempre tive a impressão", - dizia Cyro Sodré, - "que as decantadas minas de **Urucumaquam** foi um engodo do gran-

de Rondon, para motivar a construção da antiga BR 29, nos idos em torno de 1940."

Belo engodo, o de que tanto necessitam as nações indígenas, hoje, porque, mal saídos estamos da SEMANA DO ÍNDIO, que se celebrou no mês de abril, e tão vivos estão os conflitos existenciais indígenas pelos quais se batem as inteligências mais lúcidas do país.

Não nos podemos esquecer de que, em 1982, pela primeira vez, a **Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros**, na semana de 18 a 25 de abril, definiu como seu tema-base - PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS, e como lema - O ÍNDIO, AQUELE QUE DEVE VIVER. O lema resume a meta de toda a ação pastoral da Igreja: - ajudar os homens a encontrar a vida, a "vida em abundância" segundo Jo, cap. 10. vers. 10.

A farta ilustração do texto-base, clarifica que:

"OS ASURINI são um povo que conta dez anos de contato direto com agentes da sociedade nacional. Em 1931 eram 200 índios. Atualmente estão reduzidos a 53 indivíduos, vivendo à beira do igarapé Ipiaçava, margem direita do médio Xingu. Nos últimos dez anos foram vitimados pela tuberculose e, pressionados pela sociedade nacional, por crises internas da sua cultura, pelo desânimo face à vida. Seu território não é demarcado e a construção da Hidrelétrica do Xingu vai inundar grande parte da sua terra. Depois de contatado, depois da "pacificação", como chamamos este contato, a comunidade **Asurini** ficou desestruturada, enferma, desolada e a alternativa que lhe resta parece uma só: desaparecer".

"Muitos povos indígenas vivem em condições tão precárias como o povo **Asurini**."

"No "lugar do índio", se nos despojarmos do espírito de superioridade, descobriremos muitos valores evangélicos na sua cultura, no seu

modo de ser, na sua vida. Uma irmã que vive com o povo **Mynky**, - prossegue o documento, - contatado no mesmo ano como os **Asurini**, escreveu um livrinho sobre "AS BEM-AVENTURANÇAS DO POVO MYN KY", - tantas foram as lições de vida saudáveis colhidas nessa convivência...

"Quem quer anunciar, no lugar do índio, a Boa Notícia terá também, "no lugar do índio", que escutar a "má notícia", a cobiça e a invasão das terras indígenas, (...) A Paz dos povos indígenas depende também de nós, de cada um de nós, Senhores Acadêmicos, pois "a paz com Deus atinge as relações dos homens entre si."

"O dom divino. da paz é sempre, também, uma conquista e uma realização humana", diz o Papa João Paulo II. Por isso "a obra de pacificação junto aos índios não é transformar "índios bravos" em "índios civilizados", é antes de tudo conter as atitudes belicosas da nossa sociedade diante dos povos indígenas e de suas terras. A paz como opção só existe na terra; sem terra garantida não há opção de paz. Por isso a paz da Bíblia é sempre ligada às conquistas da terra e ao concreto chão das lutas pela justiça. (Sl.85,II; Tg 3, 15). "A paz é uma obra da justiça" (Is 32, 17).

Senhores Acadêmicos, a paz, como obra da justiça, torna-se **inalcançável** quando, - por mais um exemplo, - "o povo Nhambikuara perdeu sua paz. Até o começo deste século mantivera-se livre das frentes de expansão da sociedade nacional. Com uma população entre 10 e 20 mil pessoas, ocupava uma área de 5 milhões de hectares no noroeste de Mato Grosso e sul de Rondônia. O contato pacífico se deu em 1910 com a Comissão Rondon. Em 1960, com a abertura da estrada Cuiabá-Porto Velho (BR 364) começou a invasão do seu território. Grandes grupos econômicos instalaram fazendas no Vale do Guaporé, território imemorial dos Nambikuara.

Para os fazendeiros foram expedidas Certi-  
dões Negativas - documentos fornecidos pela FUNAI  
atestando que ali não havia índios -, para eles foi  
construída a estrada, da mesma forma que, hoje, pa-  
ra responder aos seus interesses, a BR-364 recebeu  
novo traçado. A Rodovia que será asfaltada com fi-  
nanciamento do Banco Mundial, atravessará os campos  
de caça e as cavernas sagradas dos Nhambihara. -  
Para onde foi a paz desse povo? Foi soterrada pelas  
rodas das motoniveladoras que abrem o novo traçado.  
- O que foi feito deles? Dos 10 a 20 mil que eram no  
começo do século, restam 570 pessoas mendigando en-  
tre a margem da estrada e o arame farpado que lhes  
retalhou a terra.

Não, Senhores Acadêmicos, "a paz com Deus  
atinge as relações dos homens entre si. O dom divi-  
no da paz é sempre, também, uma conquista e uma rea-  
lização humana", - proclama a CNBB, em seu texto-  
base de 1982, afirmando ainda que nessa linha de ra-  
ciocínio, há todo um esforço de indignistas, mis-  
sionários, antropólogos e artistas para a criação do  
Parque **Yanomami**. O povo **Yanomami** conta com uma popu-  
lação de 16.400 indivíduos que habitam a região da  
fronteira Brasil-Venezuela. Só no território brasi-  
leiro são 8.400 **Yanomami** ameaçados pela presença de  
grandes mineradores, dos garimpeiros e da Estrada Pe-  
rimetral Norte. Este é, com o povo **Tukuna**, do Alto  
Solimões, um dos últimos grandes grupos indígenas vi-  
vendo em terras do Brasil e que ainda mantém intac-  
tas suas tradições, sua cultura e sua organização  
social. O Parque, como um território contínuo é a  
única maneira de garantir aos **Yanomami** a sobrevivên-  
cia, cada dia mais ameaçada.

Outro exemplo, diz respeito aos índios  
**Guarani** do rio Ocoí no Paraná, que já sofreram vá-  
rias tentativas de serem destruídos como povo atra-  
vés de transferências de suas terras. A má notícia  
para eles é a inundação de sua terra provocada pela  
Itaipú Binacional e pelos interesses econômicos li-  
gados a ela.

Paira a ameaça de um verdadeiro dilúvio sobre vários povos indígenas através das diferentes Usinas Hidrelétricas: a **Balbina**, no **Amazonas**, inundará o território dos **Waimiri-Atroari**; várias hidrelétricas no rio Xingu ameaçam diferentes povos indígenas, como a Hidrelétrica de Tucuruí e tantas outras.

Mas não era essa a filosofia de Rondon, segundo a qual afirmava:

"RESPEITO O ÍNDIO COMO UM POVO INDEPENDENTE".

Pois nessa base de conhecimento foi organizado o Serviço de Proteção ao Índio, repetimos, instituído por uma lei em que, pela primeira vez no mundo, se estabelecia como princípio de direito, o respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de se realizarem, conservar sua individualidade, propagar suas crenças, viver, enfim, da única maneira que sabem viver, - aquela que aprenderam de seus ancestrais!

Necessário se faz que entendamos de vez: "O Estado Brasileiro não é formado por uma única Nação, a Nação dos brasileiros. Seu território abriga mais de 100 pequenas Nações indígenas, que conseguiram sobreviver ao processo de ocupação e conquista. Com isso não se pretende pulverizar o território nacional, mas, antes, reconhecer a realidade que é pluri-étnica e, a partir daí, estabelecer relações de igualdade e de participação entre as diferentes culturas componentes, porque:

"A terra para os povos indígenas não é simples mercadoria que se possa vender, comprar ou explorar, é um dado religioso. Terra é seu chão cultural, habitada por suas tradições nas quais se baseiam seus valores, é lugar de seus mitos, campo de sua história. É o seu "lugar" no mundo, o qual estabelecem uma relação de intimidade e de diálogo; onde aquela queda d'água, aquele morro, aquela árvore e aquela pedra são testemunhas de seu passado. É

sua terra-mãe onde repousam seus antepassados. Forçadamente transferidos de sua terra de origem, os povos indígenas vivem como exilados. Daí porque: "os diferentes projetos oficiais de "civilização", "integração", "emancipação" e "estadualização" dos índios devem ser estudados à luz desta incidência", pois, caso contrário, "a caminhada dos povos indígenas rumo à civilização se resume, na melhor das hipóteses, em "integrar-se" na condição precária de pequeno proprietário do campo, ou de diarista morando numa favela de cidade. "Há que se reconhecer que os povos indígenas são sociedades diferentes que, embora usando machado, espingarda ou tractor, têm o direito de permanecer diferentes." - declara a lucidez papal de João Paulo II.

A propósito, ainda, recentemente, intelectuais brasileiros, sob a coordenação do jurista Dalmo Dallari, em memorável debate no auditório do jornal A FOLHA DE SÃO PAULO, advertia a Nação:

"devemos evitar a expressão "problema indígena" - usada por muitos para dar a idéia de que o índio é um "problema" e não apenas uma cultura a mais inserida nas várias que formam o povo brasileiro."

Advertiu, ainda, Dallari que, "nunca como agora a população índia esteve tão ameaçada. De um lado, ameaçada pelos métodos "tradicionais" dos invasores de terras, latifundiários e pessoas ligadas ao governo, que não hesitam em utilizar a força das armas para o aniquilamento dos índios. E de outro lado, um ataque sob uma forma nova, com o uso da lei. Existem, diz o jurista - inúmeros projetos de lei que estão sendo usados como tentativas de avançar sobre o patrimônio indígena apressando o aniquilamento de seus membros e sua cultura."

Mas não é só: "Como se tudo isso não bastasse", advertiu o jurista, (representante do Conselho Federal da Ordem dos Advogados, junto à Comissão

Nacional de Defesa dos Direitos Humanos) - "para o verdadeiro caos que reina hoje ao nível de projetos por parte do governo" há, por exemplo, um projeto de lei estabelecendo a emancipação imediata e compulsória de todos os índios, modificando o **status** de sua personalidade jurídica atual, ou seja, o de relativamente incapazes, e retirando deles qualquer direito a uma proteção especial. O Estado, neste caso, lavaria as mãos, não tendo mais o dever de protegê-los.

Ao mesmo tempo, um outro projeto, como o anterior, originário de áreas governamentais - propõe exatamente o contrário: trata-se do novo Código Civil (a ser votado ainda este ano), que considera todos os índios absolutamente incapazes. Trocando em miúdos, significa que eles não deverão mais ser ouvidos a respeito de seus assuntos nem tampouco tomar decisões ou opinar acerca das decisões tomadas pela FUNAI. E aqui um detalhe: sendo declarados absolutamente incapazes, não poderão exercer direitos políticos. Como se vê, a eleição de Mário Juruna para a Câmara Federal pode passar à história tupiniquin como primeira e última.

"Para a antropóloga Lux Vidal, o cerne da questão não reside na emancipação ("que será o genocídio, a perda da terra, da cultura, de tudo"), uma vez que muitos indígenas não estão integrados, não falam português e não têm um sistema monetário. Nem na declaração da incapacidade absoluta, que representaria "uma tutela autoritária, não deixando ao índio nenhuma liberdade, individualidade ou autonomia". De acordo com a antropóloga, "é hora da sociedade brasileira, em conjunto, assumir uma realidade que não pode mais ser escamoteada: "Chegou a hora de reconhecer, neste momento histórico, que somos uma sociedade pluricultural: há segmentos da sociedade brasileira que têm seu modo de vida, suas crenças, suas formas de adaptação ao meio ambiente que diferem, como no caso dos índios, dos brancos. Aceitar e assumir isso é de suma importância, pois só assim será

possível, por exemplo, respeitarmos o **xamanismo**, as curas indígenas, e ao mesmo tempo trazer ao índio os benefícios da medicina moderna, já que ele foi contaminado com doenças para as quais eles não tinham curas. Isto se aplica também ao tipo de propriedade, à educação, ao direito de autodeterminação e organização de cada segmento da sociedade."

Sim, mas não como, a seguir, denuncia Dal-lari:

"Segundo ele, a FUNAI e a PETROBRÁS autorizaram recentemente a multinacional francesa ELF a realizar prospecções petrolíferas dentro da reserva indígena Saterê-Mauê, usando explosivos enterrados no solo. "Quando chegaram à conclusão de que não havia petróleo no local - ou que não havia interesse comercial na exploração - a ELF se retirou. Mas deixou os explosivos, que já causaram a morte de vários índios" ... Sem comentário!

Eis, porque, se é difícil ao branco entender a cabeça do índio, mais difícil é o índio entender a cabeça do branco. É este o depoimento de um dos principais líderes da União Nacional do Índio, - Aílton Krenak, da tribo Krenak do vale do Rio Doce, em Minas Gerais, publicado na edição do dia 22 de abril próximo findo do jornal A FOLHA DE SÃO PAULO:

Diz o líder Aílton: "Esse negócio de ser capaz, relativamente capaz ou incapaz - se por um lado tem sua importância na medida em que está na lei e o pessoal do governo pode aplicar a lei contra a gente -, na prática nós sabemos que não tem valor nenhum. O governo não vai me tornar capaz ou incapaz com um decreto. Ele pode assinar todos os decretos que quizer, dizer o que bem entender, mas nunca vai me transformar no que ele pretende. Durante 480 anos se pretendeu não tornar capaz ou incapaz a população indígena do País, mas sim exterminá-la. E se não conseguiram nos exterminar de fato, creio que por decretos será mais difícil ainda."

Para Aílton, o que realmente importa, não é a criação de um novo órgão administrativo; é ne-

cessário que, a FUNAI, reestruturada e moralizada, não precisaria de mais nenhum centavo, de mais nenhum funcionário para cumprir bem seu papel. Porque - fundamenta Aílton: "se tirarem a FUNAI, os territórios indígenas virarão um verdadeiro faroeste. Todo fazendeiro que quer invadir a terra do índio, tem uma preocupação: a de estar invadindo território da União, podendo ter em cima a Polícia Federal, o Exército ou um processo. Quando ele tiver certeza que, invadindo um território indígena, está apenas entrando em terra índia, vamos ter o faroeste."

Finalizando, "Krenak esclarece que um projeto de reestruturação da Funai, de autoria do Deputado xavante Mário Juruna, já foi votado na Câmara Federal, estando atualmente sendo apreciado pelo Senado. "É um projeto simples, - diz ele - que prevê um conselho diretor no lugar do presidente único: cria conselhos indígenas e acaba com os diretores dos vários departamentos, cabendo aos próprios índios - que não vão receber salário algum do governo - fiscalizar e policiar os funcionários da Funai," - explicou.

No **Dia de Rondon**, na **Casa de Leverger**. - Invoco, em sua memória, Grande Pagmejera!, Grande Guerreiro da Paz!, as palavras finais de **João Paulo II**:

"Fazem obra de paz aqueles que se aplicam a despertar a atenção para os valores das diferentes culturas, para a especificidade das sociedades e para as riquezas humanas de cada povo."

Senhores Acadêmicos:

O que trago eu para a transcendência espiritual desta Casa!? Apenas alguns escritos de escriba provinciano; alguns momentos da cátedra universitária; alguns contos e crônicas sem mais importância, e uns poemas que andam por aí, cabeceando no céu-da-boca de alguns leitores generosos. Nos

so material é "o papel em branco, o papel, o branco, o silêncio. Origem da poesia é não ter nada a dizer. A poesia começa onde não é possível falar, mas também onde é infinitamente possível falhar." - como nos diz o caríssimo Ferreira Gullar.

Nesta Casa, onde o compromisso é com a sensibilidade universal às belas letras; - nesta Casa, hospedaria carinhosa e fraterna de ilustres varões provindos de plagas longínquas; - nesta Casa, enriquecida pela co-participação ativa de filhos do Nordeste, do Norte e do Centro-Sul brasileiros, os que são titulares de seu quadro de pensadores, e que, hoje, me recebem no salutar convívio, - pois bem, - a eles, patronos, os antecedentes, - e a estes, força viva da faina criadora, - a estes, repito, a sua gente de origem regionais, - me permito, em nome de Mato Grosso, neste momento de ansiedade nacional democrática, a homenagem e **clamor:**

- Falamos, pois, aos **pensadores do Brasil**, que se reinventam de **Liberdade**, sempre, ao impacto da percepção criadora.

- Falamos, particularmente, aos **irmãos comuns** da terra nacional, da varanda aberta da **Liberdade**, onde a rede renda e rende a eternidade que pende do plantão do movimento **libertário**.

- Falamos mais intimamente à **juventude** que estuda e que trabalha; e lhe falamos do mistério mais duro, da solidão da mata seringueira, onde o Homem nacional codifica na árvore que chora a denúncia do seringueiro morto.

- Falamos do **platô do cerrado** centro-oestino, daqueles longes lugares, daqueles últimos distantes, onde o cerrado se encarrapicha, e o Homem, sanguessuando, sanguessuga o sumo da terra que **liberta**.

- Falamos de lá, do **boqueirão da Amazônia Legal**, onde um arado de corda e cavalo escritura o fofu que cheira, e a terra se amacia no remanejo do

gado, no arrepio dos ventos, na canção evangélica do sementeiro da **Liberdade**.

- Falamos, igualmente, aos **salineiros**, no seu recomeçar permanente, na ligadura do sal, na queimadura do sol, na promissória do saldo, na soldadura da **Liberdade**.

- Falamos, ainda, do **eito canavieiro**, cuja floração flecha de azul o balanceio do verde com que veste a **Liberdade**, que há de vir.

- Falamos como o **canto do pássaro da Liberdade**, ninhando a **Democracia** no andor do arco-íris.

- Falamos também em nome dos **brasileiros expulsos** do Lar conjugal da **Democracia**.

- Falamos pelo **carvoeiro vegetal**, que se ergue, no meio do rancho-de-sapé, atomizado, e se deixa molhar da faina com que constroi a **Liberdade**.

- Falamos em nome do **farinheiro**, sarandando na torradeira a **Democracia** artesanal que alimenta a **Liberdade**.

- E falamos pelo **gameleiro**, que trabalha o gorvo da enxó, entalhando na madeira o leito em que se tempera a comida da **Democracia**.

- Falamos daqui, em nome dos **irmãos nordestinos**, - em nome dos **irmãos sulinos** que compõem conosco o discurso polifônico da **Liberdade**, nos quadrantes nacionais de sua migração.

- Mas falamos em nome do **vaqueiro do Pantanal**, montado na preocupação do achar a rês tresmalhada, como vento campeador do Aracatí, vaquejando a vida, povoando a **Liberdade** quando o sono anoitece a **Democracia**.

- Também falamos pelas crianças da roça brasileira, enleando o destino no cobertor-seca-poço, sonhando a **Liberdade**, que cheira a fubá-de-arroz, socado ao pilão-de-três.

- E falamos como os **tropeiros da Morra-ria**, que aplaudem o raçador do rebanho que esgui-cha seu rincho, relincha, e rincha no ritmo da fecundação da **Liberdade** que dispara.

- Falamos em nome do **madeireiro**, que afina o ponto-do-olho na broca que o machado corta como nódoa da **Liberdade**.

- Falamos, assim, pelo **poaieiro amazônico**, minguada fala, supérfluo social, mas ser, fazendo o essencial no baldrame da **Liberdade**.

- Mas falamos, por igual, aos **jangadeiros** que navegam a **Liberdade** que flutua em tuchos de anseios, em ursos de força da **Democracia**.

- E falamos dali, do **garimpo da infinitude**, onde o homem, despaizado na demarcação da espera, garimpa o destino da **Liberdade**.

Igualmente falamos ao artesão brasileiro, no trato do algodão, porque sabe que a rede lavrada se sociólha nos liços de abrir os fios, maçaroca de novelos, lavor da cardadeira, balainho de trancelim, - nos labirintos da compra-e-venda... Na compra-e-venda, sim, pois é quando a rede socióloga socióloga o conflito do Homem sem leito.

E porque assim falei, - falo, agora, do poema telúrico da **cuiabania**:

- A vida inteira eu tenho me oferecido a Você, - Pátria do meu coração.

Mas têm sido tão poucas as prendas que lhe dou:

- só meu destino, molhado de meus antepassados;

- só minhas dúvidas, áridas dúvidas de inquieta limitação humana...

- minha família crescendo nas bênçãos do padroeiro, São Bom Jesus de Cuiabá;

- esta saudade que arde, doendo meus ausentes, aqui, na caixa-do-meu-peito.

- quase um xiriri, as prendas que lhe tenho dado, menos do que uma pituquinha de amor...

- ah, os poucos amigos que chegam de lá-aqui-longínquos, - os que nos lêem, nos entendem e nos respeitam.

- sim, também o oculto das raízes da raça, patrimônio-sem-fim.

- por último, o compromisso de fé que jurei, ainda na vida-intra-uterina:

- eu me lembro, sim, foi naqueles dias pouco mais meando o mês de setembro, - eu era um híbrido ser de água e ventre, nadando minha idade peixe, quando lhe prometi, Cuiabá:

- lhe prometi um poema de seda para o culto desta noite de seus filhos que a honraram sempre, e dos que a engrandecem ..., para frente.

.....

- Mas, perdão, meu Pai, não consegui!

- Eu não consegui, minha Mãe, perdão!

- Leila, minha vítima, desculpe, não consegui!

- Daniela, minha filha, eu não consegui, me desculpe!

- Larissa, minha filha, me desculpe, não consegui!

- Murillo, me desculpe, meu filho, eu não consegui!

- Glenda, minha filha, eu tentei, mas não consegui o poema-criança para esta noite **ron-**  
**donina**. Só pude fazer esse discurso-painel, como quem fia e afia a emoção que tece a prece de todos nós, em nome da **Liberdade**.

Isso eu fiz, e agradeço a Deus.

Obrigado, meus Senhores e minhas Senhoras.

**DISCURSO DE RECEPÇÃO PROFERIDO  
PELO ACADÊMICO JOÃO ANTONIO NETO**

A AURÉOLA dos santos; a coroa cívica dos heróis e a láurea dos artistas, honram-nos tanto como as mãos que as conferem - porque, tanto a santidade, quanto o heroísmo e a beleza, ao irradiarem seus esplendores e virtudes, contaminam todos os que participam da sua realização e da sua apoteose.

AGORA mesmo, aqui, assistimos a essa confluência de afetos e dádivas: pensando oferecer - ganhamos; cuidando exaltar - engrandecemos-nos; julgando glorificar - magnificamos-nos.

É como se vissemos abrir-se, no curso da fonte empobrecida, um grande estuário de águas límpidas e caudalosas, para melhor fecundar as margens tórridas e os campos estéreis.

Trazendo para esta casa quem ainda não fora chamado a constituí-la, não estamos apenas preenchendo uma vaga ou inaugurando um convívio - mas prestando homenagem e fazendo justiça à Alma Solar, ao gênio criador - essa estranha mistura de anjo e demônio, alquimista e taumaturgo, capaz de converter a escória em ouro, ou como dizia o grande LUIZ CARLOS DA FONSECA, para que

"... fique no esplendor que as eras não consomem, provando, pela glória estranha da poesia, como pode caber um deus dentro de um homem!"

\* \* \*

A ACADEMIA, meu caro SILVA FREIRE, não o recebe simplesmente para compor um número, mas para realizar seu compromisso com a cultura e a inteligência mato-grossenses, congregando aqui as expressões mais altas da nossa intelectualidade e do nosso engenho - os homens e mulheres que se têm dedicado ao labor da Ciência e das Letras - imenso trabalho de criar, iluminar e preservar nosso patrimônio espiritual.

E as Academias deste feitio, servem, de fato para isto, sim senhores. Sem embargo das restrições que se lhes façam, são elas, com Grêmios similares, e as Universidades, as instituições que ainda cuidam daquele patrimônio e se empenham na pesquisa pura ou no cultivo desinteressado da Literatura e da Arte, ou seja, do fecundo, miraculoso, fascinante e sagrado envolvimento com a Ciência e a Estética.

\* \* \*

E é para esse trabalho que o convocamos, Sr. Acadêmico, a fim de nô-lo ajudar a fazer mais rico e gratificante, trazendo-lhe os tributos da sua inteligência e do seu talento excepcionais, na multiplicidade das suas perícias e competências, seja como advogado ou orador, professor ou jornalista e prosador exímio - mas, acima de tudo, como o poeta maior desta geração, aclamado aqui e pelo Brasil.

Da sua poesia, seus companheiros e admiradores, amigos e seguidores - mas todos competentes analistas e honestos juizes - já disseram o bastante para qualificá-lo ao título antes assinalado.

É a interpretação concreta e viril de WLA DIMIR DIAS PINO; a apreciação sóbria e rigorosa de CÉLIO DA CUNHA; o louvor judicioso de GERVÁSIO LEITE; as investigações seguras e exatas de JOÃO VIEI-

RA; as considerações esplêndidas e vigorosas de MARIA DA GLÓRIA ALBUÊS e as comoventes e penetrantes decomposições da jovem professora YASMIN NADAF - isto apenas para dizer de algumas apreciações, mais próximas de nós. Do que se disse por aí a fora, do celebrado professor GILBERTO DE MENDONÇA TELLES, a outras grandes expressões da crítica literária no Brasil, quero apenas advertir a Academia e a doutíssima assistência, para fixar esta questão: há um caso SILVA FREIRE, a ser considerado, particularmente pelos mato-grossenses, os quais não o devem perder de vista, pelo que o mesmo representa de definitiva afirmação de Mato Grosso num dos momentos mais significativos da história das letras nacionais. Não se trata de uma afirmação gratuita, fundada apenas em preferências pessoais; é uma assertiva apoiada em obra já numerosa, em estudos sérios e consagradores, categoricamente positiva, vasada numa forma de expressão quase inédita, neste País. Sim: quase inédita, porque a poética de SILVA FREIRE, formalmente, tem raras congêneres, em toda a nossa Literatura. Talvez apenas a poesia de CASSIANO RICARDO, em sua última fase, com os SOBREVIVENTES, apresenta aproximações com a estética freireana, no seu processo de criação - o que o levaria até a imaginar o "linossigno", como sucedâneo do verso.

Como o velho CASSIANO escreveu:

"A graça  
de uma garça  
na verde talagarça  
de beira mar.  
Telegraça  
Telegarça"

também SILVA FREIRE gravou em OS OLEIROS:

"o forno/fogão  
adelgaça

a alça  
da fôrma  
na graça  
da forma

.....

o fogo-fátuo  
arregaça  
a graça  
da forma  
na arca  
da fôrma" ...

É a poesia lúdica, em que as palavras explodem em luz, numa alegria nervosa de vitalidade límpida!

Trata-se, pois, como ia dizendo, de um caso muito especial, o de SILVA FREIRE. E é bom que este reparo seja aqui, neste momento, estabelecido, como ponto-de-referência, para futuros acontecimentos literários que fatalmente ocorrerão, no plano nacional.

\* \* \*

Da nossa parte, e neste ato - dentro do ritual desta solenidade e dos limites que o cronograma desta reunião nos impõe - iremos, como ilustração, levantar apenas uma pequena ponta do largo e extenso tecido poético de SILVA FREIRE, num esboço apenas esquemático, onde percutiremos alguns aspectos da sua obra poética. (Não sem antes, entretanto, assinalar que o novel acadêmico é igualmente um grandíssimo prosador, mestre do conto e cronista ágil, dono de estilo também original e característico).

Mas é ao poeta que recorreremos para colaborar nesta recepção.

Há pouco, fizemos referência a preclaros estudiosos de Cuiabá, que trataram da poética de SILVA FREIRE. WLADIMIR DIAS PINO, por exemplo, fa-

lou das oportunidades criativas que essa poesia oferece ao leitor, aspecto também acentuado pelo professor CÉLIO DA CUNHA; GERVÁSIO LEITE considerou sua reinterpretação da palavra; JOÃO VIEIRA, examinou o poeta ecológico e o trabalho de desdobramento semântico que o poeta realiza, através de palavras-matrizes. MARIA DA GLÓRIA ALBUÊS, entre inúmeros e felizes enfoques, deu certa ênfase àquela dialética que o poeta exerce e exercita na sua cosmovisão poética: o homem e seu habitat - cerrado, seringal, garimpo, canavial. YASMIM NADAF, num trabalho muito bem elaborado, estabeleceu várias linhas de exame, como o caso do espaço e da própria composição tipográfica que procuram seguir a temática literária...

E poderíamos continuar apontando as inumeráveis sugestões que a obra do sumo poeta comporta.

Não obstante - e lamentando a impossibilidade, aqui, de um estudo mais abrangente - vamos fixar alguns contornos dessa poderosa mole poética, para apontar alguns caminhos de acesso à obra de SILVA FREIRE.

\* \* \*

PRIMEIRAMENTE, quero fazer dois enfoques que reputo fundamentais em toda a obra poética de SILVA FREIRE, e que denomino, provisoriamente, de VITALIZAÇÃO e INFINITUDE.

Na VITALIZAÇÃO não há restituição à vida nem se trata de dar vida nova a algo. O mecanismo de SILVA FREIRE consiste em introjetar vida, desde logo, em suas criações, incorporando-lhes características e valores conscientes. Aí as coisas (até as incorpóreas), **se determinam**, isto é, se guiam sob o domínio de certa ordem lógica de desígnios. Dá-se-lhes uma como sensibilidade racional, impondo-se-lhes formas de ação seletiva: são capazes de opções e escolhas. Numa palavra: as coisas agem co-

mo gente. Todo o mundo se move e se anima, visando a fins demonstráveis e tangíveis.

As implicações filosóficas dessa concepção possuem significação considerável, pois a Natureza e a Vida se confundem num amplo gigantismo vital - e a consequência final é que não há lugar para a morte: só restam expressões existenciais. Tudo é dinâmico e tende para a vida e para finalidades conseqüentes.

E dentro dessa atmosfera o poeta conversa com tudo e faz tudo participar da ação e do verbo, do fazer e do significar.

A esta altura, poderia alguém observar que tal programa não constitui novidade, pois **já está** em toda a poesia conhecida: que o poeta é aquele  **fingidor** do incomparável FERNANDO PESSOA

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente,  
que chega a fingir que é dor,  
a dor que deveras sente.

Mas, ocorre que em SILVA FREIRE esse processo de VITALIZAÇÃO nunca é acidental, mas radical: a VITALIZAÇÃO não está na poesia - é a sua poesia. E o curioso é que esse atributo faz mais do que comumente se faz. Um exemplo: ordinariamente, o moinho mói o café; mas em SILVA FREIRE, além do café, ele também tritura o "negro aroma hospitaleiro" da preciosa rubiácea. Vejam mais: no Campus da Universidade, a fala **tem higiene**; a mente **tem elegância**; o jeito **tem disciplina**. Na defesa do goleiro

"a palma que espalma a redonda  
arredonda  
o invento do susto" (GOOOL...Cad.7-1972).

E poderiam ser citadas centenas de partes da produção de SILVA FREIRE, em que o fenômeno da VITALIZAÇÃO radical está presente.

Na queimada

"a mata gagueja  
seu esforço muscular  
de língua retorcida" (CHÃO... Cad. 5.1971).

No "OS OLEIROS"

"goteiras paridas espiam  
a mastigação do amor" (AG. de VIS. fl. 28).

Em "CERRADO/RAÍZES", encontra-se

"um grito de susto  
na planta dos pés" (fl. 32)

ou

"revida molhada de cinza  
verde pelo-sinal  
na testa  
crestada da terra" (fl. 33)

e ainda: "na lenta esfregação sensual de moendas"  
(fl. 39).

Em "CANAVIAL" topamos com este flagrante  
encantador:

"uma estrela foi se trocar  
atrás do canavial" (fl. 81)

E acompanhem a vivacidade deste destaque:

"... o vento da serrania  
assoprador de chuva  
esse vento é de corre-cotia  
brincalhão de esconde-esconde  
no corrupio  
do redemoinho" (CERRADO ... fl. 35).

Aí esparsos exemplares dessa faceta da

obra de SILVA FREIRE, que a vincam de forma profunda, dando-lhe acentos ecológicos e telúricos, raramente encontrados em nossa poesia.

\* \* \*

E é essa mesma VITALIZAÇÃO da flora, da fauna, de artefatos humanos e dos elementos que leva ao que chamo de INFINITUDE.

O fato é que, se tudo é instigado a agir; se cada coisa, cada ato, até cada conceito, nunca se exaure do fluxo da vida - é claro que a vida promove a vida e constitui uma continuidade incindível, inconsútil. Se o fundamento da realidade é a vida - é evidente que **não há um termo** para nada. Vivemos mergulhados numa corrente infinita de circunstâncias e sucessões. Num fluir eterno. Seria o caso de voltarmos a insistir efetivamente em LAVOISIER, para quem a única realidade total é a transformação, ou como desejaria SILVA FREIRE, a "transfiguração" dos seres e das coisas. E, de efeito, ela as transfigura.

A infinitude, pois, da poética freireana, como a entendo, consiste em construir ele todos os poemas, de forma a não concluí-los. Não há fecho. Ficam abertos, para qualquer transfusão possível, e mesmo imaginável. E aí está, realmente, o ponto em que todos os analistas dessa poesia se têm detido para falar como o douto JOÃO VIEIRA, em "dialética entre a obra e o intérprete" ou "contínuo fluxo participante". Também o compreendeu desta forma o conspícuo CÉLIO DA CUNHA, quando escreveu: "Sua mensagem não vem pronta para ser consumida. É uma espécie de matéria-prima que coloca à disposição do leitor, convidando-o a elaborá-la criativamente. (...) ... o leitor participa de sua construção" (ÁGUAS ... fl. 147).

(Neste momento, entre parênteses, quero lembrar que o nosso companheiro, o sempre-vivo, AGENOR FERREIRA LEÃO, produziu uma conferência de 40 páginas, sobre **um poema** de SILVA FREIRE. Terminada a fala, todos ficaram surpresos, quando o próprio SILVA

FREIRE disse que, quando elaborara o poema em questão, jamais pensara **em qualquer uma daquelas coisas** que AGENOR lhe atribuíra, na sua interpretação!).

Concludentemente, aí está uma das formas mais completas de arte: a arte que excita a imaginação e de tal forma a provoca que o observador passa a criar, com base nela, a ver através dela, até o que o artista nunca imaginara...

A verdade é que o tema exibido merece exame mais exaustivo e concludente, o que ainda faremos em oportunidade mais adequada.

Por enquanto, fiquem apenas as balisas aí fincadas, para outros estudiosos sobre o processo de criação literária e de Filosofia da Arte.

Sem embargo disto, desejamos dar alguns lances dessa modalidade da poesia de FREIRE, respigados de várias produções, nas quais aquela INFINITUDE produz efeitos curiosos.

Mas, antes disto, assinalemos um ângulo intrigante: a ausência, nos poemas, de certos sinais de pontuação. Não há vírgulas, ponto-e-vírgula e muito menos o ponto. A falta de tais sinais já denuncia a natureza "intérmina" do trabalho poético. Se não há ponto final, é porque na realidade, não há finalização. A produção poética é um **continuum**.

Doutro lado, constata-se, de forma muito constante, a presença dos dois-pontos e das reticências, havendo também sinais de exclamação. Ora, a exclamação é a manifestação da surpresa, do assombro; é o espírito atônito, diante do mistério, do imprevisível... E olhem bem: a imprevisibilidade é também abertura, como o mistério pode ser alcândor ou abismo...

O sinal dois-pontos significa a presença de seriações; logo, do que vem depois; da marcha contínua para a frente.

Porém, é no uso abundante de reticências que está o signo mais eloqüente daquela INFINITUDE, da não interrupção de possibilidades, do fluir, do transformar-se...

Outro ponto relevante desse efeito multiplicador da poesia freireana, está no seguinte: Na quase totalidade dos poemas, que em geral são longos, é possível, facilmente, isolar um ou mais módulos que, postos de fora do poema, constituem, por si só, outros poemas - os quais, todavia, conservam as características do tema geral. São micropoemas ou poemas moleculares, dentro do poema mais abrangente.

Vejamos como isto acontece.

Do poema "CHÃO/TERRA/PASTO" (Cad. 5, 1971), entre outros, podemos destacar estes "poeminhas", cada qual contendo uma idéia que faz sentido completo:

"adeus - galope na estrada ...  
pa-ca-tam  
pa-ca-tam  
pa-ca-tam  
e nunca mais".

---

"Casamento

- do macho/ é burro pra carga  
de moça/ é carga pra burro!"

---

"Monjolo - triste saudade socando  
o tempo perdido ... choo pan  
choo pan".

---

Em "CERRADO/RAÍZES":

"natural: do cerrado cuiabano  
profissão: pré-primário  
estado civil: descalço".

---

Em "CARVOEIRO VEGETAL":

"fogão de lenha  
fumaça e bom-dia  
- bênção, pai!  
- bênção de Deus, meu filho".

Em "SERINGAL/SERINGUEIRO":  
"lanhada de sub-vida  
a árvore chora na canequinha  
a vida que lhe escorrega".

---

Em "AS REDES":  
"a rede socióloga  
socióloga o conflito  
do homem sem leito".

---

Em "OS PÁSSAROS", esta síntese notável:  
"- pássaro empalhado  
mentira de vôo  
áspero resumo da elegância  
enfeite ausente do canto  
ornato no olfato do ovo  
orfanato dentro do ninho"

E ainda em os mesmos PÁSSAROS esta filigrana:  
"- beija-flor:  
fim de pássaro  
ou menoszinho..."

E esta miniatura final:  
"um lambarí priscou pra dentro  
da canoa  
ficou saltitando seu trís de vida".

E para que mais?

Parece-me que a amostra é suficiente. Todos esses até minúsculos padrões foram destacados do poema, enquanto este continuou milagrosamente íntegro - enquanto a partícula retirada, autônoma, também conserva um conteúdo significativo! Ilusionismo ou mágica? ...

\* \* \*

Gostaria ainda de versar inúmeros outros passos da produção poética do acadêmico agora recebi-

do. Mas a tarefa exige forças maiores que demando maior preparo e tempo. Mas, de qualquer jeito, desejo, mesmo que em rápido bosquejo, deixar algumas das suas imagens inesquecíveis, palavras novas que criou, dos seus surpreendentes neografismos.

De palavras novas, escolheria apenas estas, como amostra: vida nova é REVIDA; acordar é DESDORMIR; pensar profundamente, é PENSACÃO; freqüentar com assiduidade, é FREQUENTAÇÃO; se há braseiro e brasido, por que não chamar muitas brasas de BRASUME? Andar às tontas, de dia, é MORCEGAR. Tornar aflito é afligir, mas por que não também AFLITAR? ESVOAR, não parece tão bom como esvoaçar? ...

Mas há ainda que levar em conta o que SILVA FREIRE faz com as palavras, manipulando-as a seu bel prazer, torcendo-as, infletindo-as, com uma desenvoltura imensa e, o que mais excitante, com uma precisão geométrica. É um obstetra das palavras - em suas mãos, é preciso que elas pairam o que ele quer - e o fato é que elas parem mesmo inesperadas formas.

No caso dos neografismos, há uma cópia de expressões que, mesmo fora do contexto, produzem efeitos inusitados: Do remo do pescador, que ao mergulhar na água mana, como que forma com ela um só elemento, saiu a palavra AQUAREMO. A canoa do pescador, fina e rasa, com as bordas rentes à flor da água, está apenas BOIAFOGANDO. SANGUE-SUANDO, é estar suando sangue. E vejam como é chamada a noite densa e profunda - chama-se SONOITE. O pássaro que contempla o ovo, está OVOLHANDO. Às vezes uma só palavra tem um estranho valor genético, e produz outras, sem mudar de forma: MUSIFICAR, no texto, pode referir-se validamente a música, musa, ou até museu (referente a musa). No caso do nosso querido João-de-barro, o exercício de criação chegou a resultados imprevistos: a forma do ninho e a matéria, sugerem um cântaro. Esse cântaro é a casa do pássaro, casa que ele constrói cantando. O poeta, então, usou o conhecido verbo CANTAROLAR, de tal forma que, mantendo-o inteiro, fez com que ele produzisse quatro representações referentes ao João-de-barro: CANTAROLAR, CÂNTARO (de barro) e LAR. Te-

mos, assim, o discurso de uma só palavra, que é este: A CANTAROLAR, o João-de-barro, faz o LAR, que é um CÂNTARO (de barro)!

Como aí se observa, o poeta sabe de que jeito abrir o ventre das palavras, ou então dar-lhes movimentos ou moldagens, fazendo-as regorgitar de significações e fisionomias - e tudo isto, dentro de uma congruência espontânea, como se a tarefa já lhe estivesse de cor.

E é com essa mesma facilidade que SILVA FREIRE debulha e derrama pelos poemas essas imagens, às vezes fantásticas, na exatidão enfática de suas virtualidades:

Uns pingos de orvalho, escorregam "colcheteando na pocinha d'água". Ou esta, em que a Geografia se casa com a náutica e a culinária:

" - o morrote solto na chapa do horizonte  
aproado no desvio do vento  
parece cuscuz que ficou de bruço  
pedindo faca" (CERRADO/RAÍZES).

Já vimos antes a "lenta esfregação sensual de moendas". Agora, é a vez do GARIMPEIRO, que é "o profissional do sonho". O vento, é o "soprador da chuva". Os filhos são a "vidraça da herança". A dentuça da piranha "é uma escova carnívora". O vinhoto é "um porrete tóxico". O rio "boceja a espiral dos seus cabelos de fumaça". "Na rede lavrada o bordado respira e balança". A estrada é o "alívio do rumo"...

Apesar de toda a sua obra ser uma epopéia do otimismo, não raro afloram imagens trágicas, como esta:

"no longitudinal sem glória  
o  
rústico  
velório"

Ou inversões de posição dos termos, para

aprofundar as significações e chamar a atenção para a idéia-núcleo, como em o

" - cavalo ligeiro mastigando  
o queixo."

E nesta tirada, em que se vê todo o drama da fome, capaz de produzir as confusões mais lógicas:

"os meninos lambem a dentada  
que engordura a gula que come" (OS PEIXES).

E é nesse mesmo caminho que se encaixa o mecanismo das suas incontáveis aliterações. O fenômeno, que tem sido examinado, com maior empenho, a partir dos poetas simbolistas, especialmente, em língua portuguesa, nos casos de EUGÊNIO DE CASTRO, em Portugal, e CRUZ E SOUZA, no Brasil.

Como todos sabem, a aliteração é a repetição de fonemas consonânticos iguais ou parecidos, numa palavra ou numa seqüência, como no famoso verso do antecitado EUGÊNIO DE CASTRO - "na messe que enlouquece, estremece a quermesse", ou neste alexandrino - "o grande gargalhar, galvânico dos galos". No NAVIO NEGREIRO, CASTRO ALVES, escreveu aquele

"auriverde pendão da minha terra  
que a **B**risa do **B**rasil **B**eija e **B**alança",

para evidenciar a idéia de **beijo**, com a repetição da letra B. É um poderoso elemento expressivo, se se consegue relacioná-lo, pela convergência, ao significado dominante dos versos. É bem o caso das aliterações de SILVA FREIRE, de mistura com ecos coincidentes com o ritmo. No seu caso, o recurso estilístico imprime maior densidade à idéia ou ao ato.

Ponderem neste lance, em que o poeta procura caracterizar a inquietação do potrinho livre, buliçoso e trêfego:

"- no exercício de crescer  
o potrinho  
se desata  
respira  
e  
respinga a liberdade que  
respinga  
e  
respira." (OS CAVALOS).

Aí é tudo ajuntado para realçar, num ritmo galopante, trepidante, a idéia de liberdade, de desabrimento: crescer, desatar, respirar, respingar! ...

Muitas vezes, há uma trama cerrada de palavras e sons interligados, não apenas por nexos de sentido, mas também por nexos físicos, tudo visando a dar intensidade, saliência e relevo ao aspecto enfrentado pela dicção poética.

#### No GARIMPO

" - a barriga ruge  
geme de gente,  
na boca da sede  
na sede do engano  
na seda da gema" (GARIMPO ... 6)

— " - na capa  
do capanga  
o capangueiro  
campeia  
o capataz" (idem, 12)

— "na fresta/frincha/fresca  
beijada de barba-de-bode" (CERRADO/RAÍZES, 29)

"O peso que a poita aponta" (RIO EQUILÍBRIO, Cad. 4).

E vejam, num último exemplo, como realmente, há uma nítida sensação de solidão, angústia, abandono e tristeza, graças à repetição monotizante da sílaba "VA":

"vago vaqueiro  
vagueia na noite" (OS CAVALOS, 100).

\* \* \*

Senhores.

Seria nosso o prazer de poder continuar a exhibir-lhes as galas todas que a obra do poeta ostenta com a fartura de todas as suas riquezas espirituais. Todavia tal propósito seria muito difícil de realizar-se. A opulência da oferta é grande demais, para poder ser distribuída de uma só vez. É hidromel a ser degustado, de gole em gole - como o guaraná - estalando a língua e pondo as gulosas papilas gustativas em guarda... Por isto é que vamos deter-nos aqui, para um dia desses qualquer retomar o fio da meada... Fio, aliás, muito longo, tão longo que, talvez, não haja ARIADNE que o teça, condenando-nos, assim a ficar presos nesses labirintos de beleza, perdidos nessa harmonia telúrica, de águas e terras, de céus e ventos que embora redemoínhem e esturjam, embalam e adormecem, desenervam e espiritualizam...

\* \* \*

E, com isto, temos pretendido apresentar a esta Casa, recebendo-o, o novo acadêmico. Só que dissemos apenas "um pouco". E insisto no "um pouco", visto que o autor e a obra são muito mais vastos.

Não falei do esplêndido advogado - êmullo do grande RENATO DE ARRUDA PIMENTA, glória da nos

sa cultura e do nosso talento - do campeão do Júri, onde sua inteligência e seu brilho marcaram momentos memoráveis. Não falei do também grande prosador, capaz de dedilhar todos os teclados. Não falei do paladino das liberdades públicas, insistente e indormido, cheio dessa angústia apaixonada da autêntica bravura cívica. E não falei daquilo em que ele se sente mais ele, que é o ser irremediavelmente apaixonado da Terra - terra essa que lhe sai de todos os poros, que ele SANGUESUA, SANGUELACRIMEJA e SANGUESORRI. Não falei do homem comum, que faz questão de ser; do indivíduo em permanente estado de oferta e doação - humus horizontal no nivelamento divinatório das categorias.

Falei apenas do poeta. Falei da sua poesia. Falei da Poesia!

Porque é preciso falar da poesia. E faça-se Poesia, quando se faz tanta matéria para nossos desmoronamentos.

A poesia é necessária. É preciso, ao menos, que se emolduram com seus festões, os olhos doloridos da caminhada ingente.

É preciso que ela nos deixe, quer seja, o tênue rastro da sua passagem, para que não nos sintamos sós, nesta selva selvagem, onde há mais proscritos do que comunheiros, para o ágape eucarístico da fraternidade e do amor.

A poesia é necessária, sim, para que a vida não se estorrique e se pulverize, como o ludíbrio cósmico de um sonho frustrado.

Se ela um dia for o réquiem final das almas, será também a última flor a se abrir na solidão da última estrela. E será a sentinela da Eternidade.

Nesta noite a Academia recebe o Poeta. A Academia nunca estará só.

Seja bem vindo Sr. BENEDITO SANTANA DA SILVA FREIRE.

**CADEIRA Nº 39**

Patrono: ANTÔNIO TOLENTINO DE ALMEIDA

Palavras de abertura: LENINE DE CAMPOS PÓVOAS

Discurso de posse: DUNGA RODRIGUES

Discurso de recepção: ANTÔNIO DE ARRUDA

(Discursos proferidos na solene sessão de posse da Acadêmica Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues) a 19 de setembro de 1984)

**PALAVRAS DE ABERTURA PROFERIDAS PELO  
PRESIDENTE LENINE C. PÓVOAS**

Com muita honra declaro aberta esta sessão solene com que a Academia Mato-grossense de Letras, nesta ante-véspera de primavera, abre festivamente suas portas para receber a Professora Maria Benedita Deschamps Rodrigues, a quarta mulher que vem honrar o seu quadro de membros efetivos.

Ao escrever a minha HISTÓRIA DA CULTURA MATOGROSSENSE abri espaço para registrar a inestimável contribuição da mulher à elevação do nível da nossa intelectualidade.

Sem dúvida é esse um dos fatos mais sugestivos de nossa evolução cultural.

As mulheres colaboraram decisivamente no processo de nossa formação intelectual como professoras, muitas das quais se projetaram pela sua capacidade profissional, pela sua aprimorada cultura, pela sua inexcedível vocação para o magistério e pelo devotamento com que souberam exercê-lo, imortalizando-se como formadoras de várias gerações de mato-grossenses ilustres.

Mas também colaboraram como literatas, como poetisas, como escritoras, fundando associações culturais e mantendo viva a chama do seu idealismo em jornais e revistas que passaram à história da brilhante imprensa mato-grossense.

Três anos antes que os nossos homens de cultura, sob a liderança de Dom Aquino Corrêa e de

José de Mesquita fundassem o Centro Mato-grossense de Letras, que se transformou nesta Academia, já as mulheres intelectuais de nossa terra, sob a liderança de duas cuiabanas, as Professoras Bernardina Rich e Maria Dimpina Lobo Duarte fundavam, em 1918, o "Grêmio Literário Júlia Lopes", cujo órgão, a revista A VIOLETA viveu muitos e muitos anos, constituindo-se numa autêntica expressão da cultura feminina de Mato Grosso.

Não foi sem razão que a Academia Mato-grossense de Letras colocou-se entre as primeiras instituições culturais do país a admitir, ainda nas décadas de vinte e de trinta, mulheres em seu quadro social, nas pessoas de duas festejadas intelectuais, as Professoras Ana Luiza Prado Bastos e Maria de Arruda Müller.

A elas veio juntar-se, recentemente, a figura de Vera Randazzo, pelo seu trabalho profundo e profícuo em favor da preservação de nosso acervo histórico, que conhece como poucos, e que já lhe ensinou muitos trabalhos de inquestionável valor, e, agora, Dunga Rodrigues, professora abalizada, musicista admirável, historiadora e literata.

Nas pessoas dessas ilustres personalidades a Academia Mato-grossense de Letras rende suas homenagens às mulheres que em Mato Grosso brilharam, como estrelas de primeira grandeza, no seu firmamento cultural.

A todas elas ofertamos hoje, com o maior carinho, admiração e respeito as mesmas rosas perfumadas, "as lindas rosas de Jericó" de que falava a Acadêmica Maria de Arruda Müller no seu formoso discurso de posse na noite engalanada que esta Casa viveu a 26 de janeiro de 1931.

\* \* \*

Neste setembro de 1984 a Academia tem outro evento a comemorar: o centenário de nascimento, ocorrido a 11 do corrente, do brilhante jornalista,

escritor, poeta e ilustre homem público, ROSÁRIO CONGRO, que aqui ocupou a Cadeira nº 40, da qual foi fundador.

Vindo em 1907, ainda jovem, de sua terra de nascimento, São Paulo, Rosário Congro afeiçoou-se ao antigo e imenso Mato Grosso, aqui deitando âncoras para sempre.

Homem educado e fino no trato para com todos, de viva inteligência, dedicou-se à advocacia, como advogado provisionado, - já que naquela época cursar universidades era um privilégio reservado para poucos -, tendo se tornado respeitado pela sua capacidade profissional nas várias comarcas do Estado nas quais postulou.

Ingressando na vida pública, exerceu, com rara proficiência, entre muitos outros, os cargos de Prefeito de Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas, o de Deputado Estadual, em várias legislaturas, o de Secretário de Estado e, finalmente, o de Ministro do Tribunal de Contas de Mato Grosso, cargo esse cujo nome foi mudado para o de "Conselheiro", sem a mínima razão de ser.

Poeta, Rosário Congro estréia no mundo das letras lançando um poemeto intitulado INAIÁ. A ele seguiram-se as "Sombras do Ocaso".

Posteriormente lançou "Colunas Partidas", um livro de crônicas, em 1955, ao qual se seguiria, em 1957, "Outras Ruínas", coletânea de crônicas e poemas.

Vate inspirado, os versos de Rosário Congro são uma fonte perene de vivas emoções.

Ora é ele o poeta da saudade, romântico à Cassimiro de Abreu, como quando visita a "Rua da Memória",

"Onde os muros de taipa, velhos muros,  
Que eu, de gaiola em punho lépido galgava ..."

onde

"De mim fugiam, assustados,

Os canários da terra, os gaturamos  
E os tênues pintassilgos!"

e onde

"O longo bambual a sombra  
Sobre os passantes entornava amena."

Ora é ele o paisagista vigoroso, à Alfredo  
Taunay, que canta "O verão da minha terra", quando

"O céu combusto é uma fornalha,  
E o sol uma rubente esfera;

quando

"Sobre a fumaça que escurece o espaço,  
Ao crepitar distante das queimadas",

e

"Os pássaros cochilam nas ramadas".

Cronista dos melhores da vida social mato-  
grossense, suas críticas podem ser avaliadas por uma  
que se constitui, na sua fina ironia, um flagrante  
do problema da hospedagem, em Cuiabá, para os que vi-  
nham de fora:

"O inglês, vermelho e suarento, chegado no  
dia anterior, pelo "paquetinho", não conhecia  
ainda o banheiro do hotel.

Mas o Gama, solícito e bom, passou a indi-  
car-lhe, no quintal, o tapume de folhas de zin-  
co onde os clientes faziam as suas abluções,  
tirando a água, às cuias, de um tanque de pe-  
dra.

Não era ela abundante, e a noite inteira  
levava a escorrer, num fio tênue.

A parcimônia, pois, impunha-se.

Procurando também o refrigerio do banho, a  
demora do inglês levou-me a penetrar o cercado,  
e qual não foi o meu espanto vendo-o deliciosa-

mente mergulhado em quase dois milheiros de litros do precioso líquido!

Dei o cavaco.

Outros hóspedes, em causa comum, protestavam energicamente, quando o loiro fleugmático, toalha no pescoço, passou por nós, indiferente e frio.

E o Gama, naquela filosofia do "não havendo remédio remediado está", ria-se da cara indignada que fazíamos ...

.....

Só o prazer espiritual de conviver com gente tão acolhedora, fazia suportar as suas casas de hospedagem.

Entre as importantes realizações do governo forte e resoluto do Sr. Julio Müller, que abre, pelo exemplo, uma era de verdadeiro progresso, está, já, iniciada, a do hotel, que terá, sem dúvida, o ambiente próprio de conforto, elegância e distinção.

Era, realmente, uma necessidade.

E das mais sociais."

Excelente orador, seus discursos eram obras de fino labor literário, onde a beleza da forma realçava a justeza dos conceitos e o colorido das imagens.

Tal é o imortal Confrade cujo centenário de nascimento registramos, na certeza de que rendemos as mais justas homenagens a um dos vultos que de fato honraram este cenáculo das letras mato-grossenses.

Está aberta a sessão!

## DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA DUNGA RODRIGUES

Impressionou-me ao tê-lo às mãos, numa Revista da Academia Brasileira de Letras, o discurso de posse de Machado de Assis, quando do seu ingresso entre os imortais.

As suas palavras simples, porém escorreitas, como o seu próprio modo de se expressar, evitava frases introdutórias da oração, com desvanecimentos de modéstia e escusas pelos eventuais deméritos.

Adorei. Sempre vi com maus olhos os lances de modéstia. Acho este sentimento muito com ares de vaidade camuflada. Interiormente disse: "Quando me vir em tais circunstâncias, usarei de empréstimo estas mesmas palavras".

Naquele já longínquo período do quarto ano do grupo escolar, jamais sonharia estar hoje em situação idêntica a do grande Mestre de nossa literatura. E, sinceramente, não sentindo modéstia falsa. Ao contrário, estou invadida de um grande reconhecimento e prazer, pois sei que apenas a amizade, um dos melhores e sublimes dotes cultivados pelo homem, sentimento a que mais prezo, me trouxe a este recinto. E, repetindo as palavras, talvez do mesmo Machado, (há tanto tempo li, que não me recordo com exatidão o autor): "As homenagens, não se devem procurá-las, entretanto, quando elas nos vêm ao encalço, será dispautério recusá-las".

Pois, estou aqui entre os escritores de minha terra, para fazer o meu auto de fé.

#### ANTÔNIO TOLENTINO DE ALMEIDA

É meu patrono, dono da cadeira número 39, que venho ocupar.

Como recordação pessoal, pouco tenho a acrescentar ao que se conhece da vida do poeta.

Estabelecido em Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje Santo Antônio de Leverger, uma vila isolada e distante de Cuiabá, pela precariedade de comunicação, ouvi, entretanto os meus tios Armando e Leonídio declamarem os seus versos e falarem dele com simpatia. Suponho terem sido amigos.

Uma curiosidade na vida de Tolentino: morreu na mesma data do seu nascimento. Veio ao mundo na cidade de Rosário Oeste, no dia 24 de janeiro de 1876 e faleceu em Santo Antônio no dia 24 de janeiro de 1938, quando completava 62 anos de idade.

A sua poesia acompanha os lances épicos da nossa história e dos seus versos se depreende um acendrado amor à Pátria, nas rimas exaltadas de sentimentos de louvor e respeito aos nossos heróis e de repulsa ao inimigo.

#### ANTÔNIO JOÃO:

O selvagismo hediondo, tão contrário  
Às leis da humanidade, a mais remota,  
Envolveu Urbieta num sudário  
Que filtra lama que jamais se esgota.

Quinze bravos somente não temeram  
Três centenas de vândalos sem alma,  
Pela Pátria querida pereceram.  
Conquistando de mártires a palma.

Descrevendo a Retirada da Laguna, da qual

também participou o meu avô Bento José Rodrigues, no  
verdor dos seus 16 anos de idade:

"Dois anos já de travessia ousada!  
Muitos findaram na cruel jornada  
Até Miranda que alarmada está.  
Dali por diante, surge o horror, a guerra,  
As privações por inimigos terra ....  
Quantas angústias os esperam lá".

(Referindo-se ao capitão Camisão):

O valoroso lutador prossegue  
Na rota perigosa, sempre entregue  
A mil cogitações, que n'alma tem,  
É seu plano atirar-se pelo Norte  
Da inimiga nação, porém a sorte  
Não o deixa avançar, passar além.

(E quando a cólera morbus dizima a coluna):

Mais um quadro horroroso, e ele é tão triste  
Que não sei comparar e nem se existe  
Ou se existiu no mundo cena tal;  
É forçoso o abandono dos coléricos.  
Todos vós que admirais casos homéricos  
Dizei-me se existe a este igual?

Contando a memória do General Melo, o Bra-  
vo, trazendo os fugitivos de Corumbá, quando da inva-  
são paraguaia:

Quando do Paraguai a fúria intensa  
Totalmente invadia Corumbá,  
Famílias e famílias sem detença  
Prestes partiram para Cuiabá.

.....

Mas foi uma viagem acidentada, no maior

desconforto, arrostando o temor de se lhe deparar o inimigo, que lhe vinha farejando as pegadas. Continua:

"Quantos dias de agruras nas campanhas,  
Vendo a foice da morte sempre perto.  
Não mourejou entre visões estranhas  
Aquela gente, por um rumo incerto?"

E agora a Retomada de Corumbá:

Quando Antônio Maria, o insigne comandante  
Da nobre expedição, sobre as águas descia,  
De bordo, um grave adeus, mandava confiante,  
À gente que ficava e os lenços sacudia.

Aproximava-se o instante... Ó Corumbá, desperta!  
Do horrível pesadelo em que te vês perdida!  
Não muito tardará que te vejas deserta  
Da malsinada gente, a nossos pés, sem vida.

Quando o sangue cessou de avermelhar a terra  
E vibrava o clarim a nota triunfal,  
Quadro sinistro, viu-se uma tela que encerra  
Visões que teve o Dante em seu livro imortal.

Não se esqueceu do Combate do Alegre, quando vitoriosos retornavam aos lares, os heróis da Retomada de Corumbá e foram atacados de surpresa por contingentes paraguaios, tendo porém rechassado com denodo este golpe vil.

Nestes versos relata o encontro de dois vapores, desiguais em capacidade, mas destacando o nosso pela bravura de seus tripulantes:

"E o Salto de Guaira que possante  
Tem por fim abordar o Antônio João  
O canhoneio estronda retumbante  
Toda a mosquetaria sibilante  
D'água e de terra ecoa na amplidão".

A Rusga, movimento que veio denegrir a nossa história, é contada por Tolentino que, repudiando, espera olvidemos este crime nefando:

"Não sei como apagar essa nódea horrorosa  
Feita de sangue e fel, das páginas da história.  
Dos séculos, mais tarde, a esponja poderosa  
Nô-la virá tirar do livro da memória".

Pinta-nos a Primeira Grande Guerra e louva os seus heróis. Fala do bandeirante denodado, menciona o Riacho do Ipiranga, onde surgiu a nossa Independência, enaltece Benjamin Constant, enfim ele nos conta toda a história Pátria em linguagem estuante de civismo. A propósito, os seus poemas são dignos de ser reeditados e divulgados, principalmente entre os jovens, hoje mais preocupados com problemas de outros países, ignorando quase sempre o panorama político, econômico e histórico de sua terra natal. Ele próprio, numa visão profética do futuro desta terra, que hoje vemos expandir-se num progresso acelerado, exorta os moços:

"Quando estas virgens colossais florestas,  
Se fizerem dos homens conhecidas  
E o cabo acordar das moles sestas,  
Chorando as horas que passou perdidas,

.....

Certo serei para as nações do mundo  
O paraíso por ninguém sonhado;  
O tesouro mais amplo e mais profundo  
O celeiro maior, mais desejado.

.....

Avante! Avante! Com as asas cautas  
Ide em busca da glória, ó mocidade!  
Pois sereis os sublimes argonautas  
Do velo de ouro da felicidade".

A atualidade dos seus versos, em português castiço, fluente e expressivo, fez-lhe tecer louvores o escritor Monteiro Lobato, ao visitar Cuiabá. Antônio Tolentino o obsequia com um soneto, no qual demonstra, como sempre o seu gênio cavalheiresco e expressivo. Estes versos assim terminam:

"Temos aqui o que desejas e amas:  
Um povo que se esforça, em cujas veias  
Corre o teu sangue com as mesmas chamas.  
Contempla a nossa natureza e pensa...  
Depois leva de flores as mãos cheias  
No ouvido, a voz da gratidão".

É Machado quem nô-lo diz: "um país forte por si mesmo, não necessita que o proclamem". Entretanto, a adolescência sempre alerta a idéias inflamatórias clama por algo que lhes incentive este potencial latente de sentimentos, que tanto podem ter caráter cívico, como religioso, social, científico, ou artístico.

Tome um exemplo pessoal: "muito cedo, conheci a arte poética de Olavo Bilac; nela aspirei todo o amor pátrio, que em mim floresceu e criou raízes profundas, agarrativas e inalteráveis, ao decorrer da vida, a ponto de sempre o estar citando, extasiada com o seu estuante civismo. Até causando espanto por, em tenra idade, haver folheado livros **licenciosos**, como a sua coletânea de poesias. Perplexa fiquei eu, que até o presente, procuro descobrir libertinagem em seus versos.

Pois exatamente fui encontrar no estro de Antônio Tolentino palavras dedicadas a Olavo Bilac, que poderíamos atribuir ao próprio Tolentino, pela semelhança de inspiração de ambos ao se referirem constantemente ao nosso País.

"Nos peitos juvenis desperta o pátrio e o santo  
Nunca apagado amor à terra brasileira,  
Com teu verbo que prende, arrasta e inflama tanto.

Verás após o afã da luta gloriosa  
Trêmular, respeitada, aos ventos, a bandeira  
Da pátria, que sonhaste altiva e poderosa".

Antônio Tolentino de Almeida, poeta e jornalista, freqüentou a Faculdade de Direito de São Paulo, mas não completou o curso, regressando à sua terra. Exerceu as funções de Promotor Público, na cidade de Santo Antonio do Rio Abaixo. Também trabalhou como advogado provisionado.

Cognominado pelo acadêmico Ulisses Cuiabano, "O poeta das Ilusões", publicou as seguintes obras:

Em 1910, "Ilusões Douradas";  
Ainda em 1910, a "Índia Rosa";  
Em 1930, o poema "A retirada da Laguna";  
Em 1937, editou "Romeiros do Ideal".

Em "Romeiros do Ideal", tem-se uma coletânea de sestilhas, épicas, sonetos e outros versos, que apelidou de Ilusões Fanadas, prefaciado pelo Desembargador e poeta Olegário de Barros.

Foi casado com da. Rosalina, musa que fora buscar no município de Poconé, tendo um filho único, Dalmácio, que foi casado com da. Ana Catarina Serra Mendes de Almeida, falecida prematuramente ao dar a luz ao que seria o seu primeiro neto.

O poeta cantou em versos esta perda, chamando-a minha nora, filha estremecida, anjo, santa: "Aos céus subiste por brilhantes sendas, tendo por guia o teu filhinho".

Hoje o túmulo de ambos, é coberto por velas e flores votivas, por graças obtidas com a sua intercessão.

Meu ilustre antecessor, primeiro ocupante da cadeira 39: Antonio Cesário de Figueiredo Neto, nascido a 30 de outubro de 1902, em Cuiabá, Mato Grosso. Seus pais: João Lourenço de Figueiredo e D. Francisca Isabel de Figueiredo. Foi casado com a minha amiga Célia Nunes de Barros Figueiredo, pais da professora Ana Lúcia de Figueiredo Dal'Orto.

Estudou o ginásio no Liceu Cuiabano, onde o seu destaque nas aulas de latim mereceu do conceituado professor Januário Rondon, a seguinte lisonjeira observação: "Agora já posso dizer que tenho um professor para me substituir à altura".

Cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, mas a abandonou no 2º ano, para se tornar autodidata.

Nos tópicos de sua vida profissional, destacamos a sua atuação como:

- Catedrático de Psicologia Educacional, na Escola Normal Pedro Celestino;
- Catedrático de Língua Portuguesa, no Liceu Cuiabano;
- Professor de Latim no Liceu Cuiabano;
- Professor de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira, na Faculdade de Ciências e Letras de Campinas, na Universidade Católica de São Paulo;
- Professor de Língua Portuguesa, Latim e Francês, no Ginásio Brasil;
- Professor de Espanhol no Liceu Cuiabano;
- Professor de Linguística na Universidade Federal de Mato Grosso.

Lecionou durante 53 anos.

Além dessas atividades, foi oficial de gabinete do Interventor Júlio Strubing Müller. Foi membro correspondente dos Estudos Filológicos de São Paulo.

Era, como vêem, membro da Academia Matogrossense de Letras, membro do Colegiado do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso e tomou parte, como enviado especial desta Universidade, no Primeiro Encontro de Professores de Comunicação e Expressão em língua nacional, na cidade do Rio de Janeiro. Proferiu a conferência inaugural da série promovida pelo Departamento de Artes, da Universidade Federal de Mato Grosso.

Nesta Universidade proferiu ainda a conferência sobre Camões, durante a Semana Camoniana.

Entre os seus trabalhos publicados, destacamos:

- . O Étimo do Preto - Linguística.
- . Uma Etimologia Incerta - O Verbo Deixar - (Linguística).

Sobre este último trabalho, em 1936, publicou no Jornal do Comércio, Serafim Silva Neto, considerado o maior filólogo brasileiro, as seguintes palavras: "**O Étimo da Palavra Deixar** - já estava escrito por mim este verbete, quando no Jornal do Comércio, de 19 de julho de 1936, publicou o senhor Cesário Neto, de Cuiabá, erudito artigo, em que chega às mesmas conclusões que eu.

No suculento artigo mostrou o senhor Cesário que, em Gil Vicente, já se emparelhavam as duas vozes: LEIXAR e DEIXAR. É preciso lembrar, como o fez o senhor Cesário, a influência do grego".

Só esta apreciação vale por uma consagração.

Cesário Neto publicou ainda:

- . Infinito Pessoal e Impessoal, saído a lume em 1919, aos 17 anos de idade.
- . Na pista do Rocinante, Crítica Literária, onde rebateu com veemência e invulgar talento as invectivas de Luis Murat contra o inatacável Machado de Assis.
- . Do Cruzamento Sintático na Língua Portuguesa - Filologia.
- . O Topônimo Barra do Bugres - (Uma nótu-la filológica).
- . Formação de Palavras - Filologia.
- . O Sentido Linguístico e Social de Camões - (Linguística).

Publicou também vários outros trabalhos em

revistas brasileiras e estrangeiras, principalmente da Alemanha Ocidental, com as quais correspondia.

Recebeu as seguintes agraciações: Adoção pela PUC do Rio Grande do Sul, da obra "O Sentido Linguístico e Social de Camões", como texto de estudo do Curso de Pós-Graduação, em linguística e letras.

Recebeu o título de "Grande Educador", conferido pelos licenciados no curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso.

Como vêem, torna-se-me difícil vencer os meus escrúpulos literários, para vir ocupar a cadeira do ilustre e sábio ausente.

Não terei a pretensão de focalizar a personalidade do professor Cesário Neto em nenhuma destas facetas: o cientista do vernáculo, o didata, o filólogo e filósofo, o homem de letras, o Mestre enfim. Sinto carecer de autoridade para abalizar tão alto ex<sup>o</sup>poente da nossa cultura.

Prefiro recordá-lo como amigo, em cujas palestras familiares poder-se-ia haurir uma lição de vida.

Estudando com ele, durante quatro anos consecutivos, as nossas aulas se prolongavam casa a dentro, em serões sempre proveitosos.

Pelo seu curriculum notamos a versatilidade dos seus conhecimentos, que se avantajam não só pela abrangência, como pela profundidade. Pois, desde jovem, o professor Cesário apresentou demonstrações evidentes de uma inteligência privilegiada e invulgar.

Ao apresentar à apreciação do grande filólogo Mário Barreto a sua tese à cadeira de Português no nosso magistério, as palavras elogiosas ouvidas, foram as seguintes: "Esta é uma tese de professor e não para professor".

Essa mesma tese, segundo o depoimento do Coronel Paulo Trajano da Silva, então aluno da Escola Militar de Rezende, foi discutida e elogiada em aula, pelo insigne professor Mário Barreto.

Comentava-se a parcimônia dos seus escri-

tos. Chegava-se a aventar um certo temor de cometer erros.

Quanta ironia! Isto prova o desconhecimento total de sua notável capacidade.

O professor Cesário Neto podia dissecar um pensamento filosófico, na linguagem mais burilada e precisa, em questão de segundos.

O que ele evitava, sim, era o lugar comum, as repetições, o ineditismo já divulgado. Aliás, sobre isto sempre comentava a grande falta de conhecimento dos clássicos nacionais e estrangeiros, relegados pela juventude, como passadismo inócuo. Muitas vezes apontava ele idéias repetitivas, que os outros escritores já haviam divulgado sobejamente.

Na verdade, quem lê Bernardes, na sua Nova Floresta encontra aí todas as situações sociais analisadas e ponderadas. Em Les Caractères de La Bruyère, encontramos a alma humana esmerilhada em todos os seus escaninhos; e em Montaigne, toda a filosofia de um pensador arguto e honesto.

Montaigne... estou a ouvi-lo explicar a função do i em missão de abrandamento, junto ao grupo vocálico **gn**.

Era assim, poliglota, conhecendo e falando corretamente o francês, inglês, alemão e espanhol, as palavras não lhe ofereciam segredos. Sabia decompor-las e perscrutar-lhes a origem.

Não simulava fingida modéstia, mas repetia em convicta dedução, a seu ver, mencionando a pequena bagagem de saber de que dispunha: "Diante da brevidade da vida, equacionando-a com a enorme massa de conhecimentos já comprovados, precisaríamos de muitas existências para armazenarmos relativa sabedoria. E completava: "A modéstia no sábio não é qualidade, é condição".

Comedimento: Lembrem-nos as suas observações, diante dos discursos laudatários, muito prolongados: "Devemos ser breves e concisos nas alocações. Normalmente nos empolgamos com a nossa própria vaidade, que, por breves instantes, nos transforma em cen-

tro de atenção e tripudiamos sobre a paciência dos ouvintes, distendendo a nossa parlenda por tempo indefinido".

Gongorismo - Também condenava o prolixismo, as excessivas metáforas, inversões e antíteses, o esmerar na escolha de palavras pouco usadas e os termos complicados. Isto, dizia, parece um artifício precário, para esconder a pobreza de idéias.

Amigo, sem restrições, era ao mesmo tempo o Mestre sem ambições materiais. Conversava e ensinava sem o perceber.

Lembram-nos retalhos de sua palestra: Metodologia - "Ensinar é organizar, arranjar, constituir, formar as bases. Sobretudo as bases, sem as quais tudo vem a ruir".

Vaidade - Assim costumava dizer, quando se lhe deparavam indivíduos excessivamente ufanos do próprio saber. "Se as pessoas se inflassem, na proporção de suas vaidades, elas estariam se atritando, esbarrando-se umas as outras para se locomover".

Profecia - Quando da Revolução de 1964: "Hoje estão todos eufóricos. Daqui a vinte anos, estar-se-ão debatendo para se livrar de um regime de caráter permanente".

Foi assim o homem que, no cotidiano, deixava vislumbrar o sutil biógrafo de Machado de Assis, quando com ardores de um amigo devotado e leitor assíduo e perlustrador de sua obra, o defendeu com veemência e capacidade invulgar, dos apodos inescrupulosos e ofensivos do escritor Luis Murat. Defendeu-o com todas as armas do seu brilhante talento, mas ressaltou: "Não escrevo por ódio ou demolição".

Na verdade, escreveu com ardor, como a defender um amigo do peito. Foi aí que definiu magistralmente o que o outro não sabia discernir: a diferença entre humor e a sátira. "A sátira é imediata, visando a aspectos sociais, fatos ou indivíduos; o humor atinge a humanidade toda, nas suas misérias irremessíveis e dolorosas. A sátira pode oferecer um

interesse limitado no tempo; o humor é eterno, porque a dor é eterna".

Outros pensamentos sábios afloram na Pista do Rocinante. E termina ensinando o sr. Murat a ler e a compreender Machado de Assis: "Não queiramos penetrar na obra de Machado de Assis como quem vai espárecer a um jardim florido ou a uma horta de couves e de repolhos; não, as suas páginas profundas são antes aquela SELVA SELVAGGIA, cujos troncos têm raízes seculares nas grandes dores humanas, e cujos frutos nos saberão ao mixto de doçura e travor, que palpita em tudo que é humano".

Lastimamos não nos ter deixado mais obras que o seu talento nos poderia legar.

Trabalhou por mais de quarenta anos umas idéias inéditas sobre importante situação linguística. O enorme acervo de apontamentos parecia oprimir e desafiar a sua saúde, fazendo-o adiar sempre a consecução deste trabalho.

Parece caber-nos um pouco de culpa por esta omissão, não o forçando, com um convite para conferências, conseguindo, desta forma, que, pelo menos, o trabalho ficasse esquematizado ou resumido.

Estou aventando esta culpa, porque há cerca de um ano, a Universidade Federal de Mato Grosso importou um conferencista que parecia querer abordar este mesmo assunto. Porém, de maneira titubeante, parecendo tatear, meio perdido; ao passo que deixamos escapar um cientista do tema, tão próximo o tivemos e não soubemos aproveitá-lo. Não conseguimos reverenciar o santo de casa.

Agora o meu receptor: Antonio de Arruda.

Somos unidos por laços de parentesco. No entanto, qualquer elogio à sua pessoa se torna distante de favoritismo, pois sua personalidade é soberbamente conhecida em todo o brilhantismo de suas facetas, e se harmoniza em consonância com a figura do nosso ilustre antecessor, que acabamos de focalizar.

Como principal bandeira desta minha candidatura, não lhe devo apenas agradecimentos, devo-

lhe admiração. Com ele tenho pelo menos um ponto em comum: estudamos o ginásio no mesmo Liceu Cuiabano e, ao terminarmos o curso, nos ingressamos num concurso para o Ministério da Fazenda.

Num tempo de favoritismos políticos acentuados, fomos os únicos a não sermos nomeados. Eu ainda tive a curiosidade de ver a minha classificação, num dos últimos lugares, obtida aqui, em Cuiabá, recuada para um honroso quarto lugar, na reclassificação feita no Rio de Janeiro.

Mas, creio ambos termos lucrado. Eu por ter abraçado o magistério, uma profissão na qual me integrei plenamente; Antonio de Arruda por ter seguido uma trajetória pontilhada com as marcas indeléveis do seu talento, cultura e erudição.

Nem sempre temos oportunidade de divulgar as nobres atividades de uma pessoa. Faço-o neste momento, porque, talvez, muitos ignorem os honrosos títulos de que é portador.

Antonio de Arruda formou-se pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem o Curso Superior de Guerra na ESG, e do Colégio Interamericano de Defesa, feito em Washington.

Entre os seus mais variados cargos e comissões, destacamos: Exercendo a carreira jurídica, chegou a Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, foi Corregedor Geral, membro e Presidente do Tribunal de Justiça, membro e Vice-Presidente do Conselho Regional da Ordem dos Advogados, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, onde chegou a presidente.

Na Escola Superior de Guerra, Antonio de Arruda foi chefe da Divisão de Assuntos Psicossociais e da Divisão de Assuntos Políticos, sendo atualmente membro da Junta Consultiva da Escola. Entre outras, recebeu as seguintes condecorações: Medalha Clóvis Beviláqua, Medalha do Pacificador, Medalhas do Mérito Militar, Mérito Aeronáutico, Mérito Tamandaré, Meda-

lha Santos Dumont, Medalha de Serviços Distintos Prestados à Magistratura, Medalha Comemorativa do Vigésimo Aniversário da ESG. Foi o primeiro a receber a Medalha Cordeiro de Farias, recentemente criada na ESG (juntamente com o Almirante José Maria do Amaral).

Antonio de Arruda publicou os livros: - A Escola Superior de Guerra - História de sua Doutrina, em 2ª edição; Vultos Eminentíssimos de Mato Grosso. Publicou também inúmeros trabalhos nos Anais Forenses de Mato Grosso, na Revista da Academia Mato-grossense de Letras; na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, na Revista dos Tribunais, do Estado de São Paulo, na Revista Militar Brasileira, do Rio de Janeiro, na Revista do Serviço Público, de Brasília, na Revista Segurança e Desenvolvimento, do Rio de Janeiro, na Revista do Clube Militar, também do Rio de Janeiro, na Defesa Nacional e na Revista da Escola Superior de Guerra.

Como vêem, sinto-me, por assim dizer esmagada e inibida por duas potências culturais.

Aqui então reconheço, como são fortes os laços de simpatia e estima: eles me acalentam e ao mesmo tempo amedrontam, pois só a eles devo o ser guindada a estes píncaros. Muito obrigada.

Quero deixar, agora, uma lembrança de saudade ao meu amigo e eminente poeta Rosário Congro, cujo centenário de nascimento se comemorou no dia 11 do presente mês.

### MEU AUTO DE FÉ

De como relutei em aceitar o novo e honroso investimento, do qual tomo compromisso hoje. Para corroborar o que afirmo, devo remontar às minhas primeiras letras.

A primeira composição que apresentei, no colégio, valeram-me muitas lágrimas de decepção. Era uma descrição do carnaval.

Aos seis anos eu assistira, no Rio de Ja-

neiro, ao desfilar dos carros alegóricos das grandes sociedades carnavalescas dessa capital: os Fenianos, os Democráticos, os Tenentes dos Diabos. Guardei aquela imagem feérica, de borboletas movendo as asas, elefantes descomunais, trazendo, nos costados, cadeiras prateadas, onde se sentavam belas moças, resplandescentes de lantejoulas e, entre nuvens de plumas, acenavam para a multidão. Dragões dourados, balõezinhos multicores, uma festa inusitada, de som e de luzes.

Na primeira oportunidade, eu me esbaldei, descrevendo a noite encantada a que presenciara, não fazia muito.

Ao término da leitura, as colegas se entreolharam. Uma voz mais audaciosa, gritou: "É cópia de jornal!" Um riso coletivo de mofa, era o assentimento geral. Como bofetada, gélida, veio a sentença da professora: "Isto é um PLÁGIO!" Esta afirmativa veio acompanhada da explicação desta palavra, nova para mim. Foi assim que conheci o plágio.

Sem encontrar apoio, rompi em soluços. Eu não havia plagiado, eu assistira a tudo aquilo.

Mas ... naquele tempo, os alunos não costumavam contestar o professor ...

Bem verdade que os meus trabalhos agradavam e eu comecei a ser solicitada pelas colegas a fazer composições semelhantes, que negociava em troca de punhados de arazás, dos arbustos que vicejavam aos pés da imagem de Notre Dame de Lourdes, no pátio do colégio.

Ao me transferir para a Escola Modelo, a negociata continuou, porém, desta vez, as composições eram trocadas por uma fita, contendo cinco balas de rapadura, envolvidas em papel de seda: as célebres queimadas de Corinta, limpas, saborosas e douradinhas.

Eu me esbaldava, pois cheguei a ter uma frequência de dez a doze redações diárias. Fui até apresentada a outras turmas, do quinto ao terceiro ano, como empreiteira de composições, permutando com fitas de queimada de rapadura.

Explico: a minha merenda era pão com manteiga, considerada a mais sã da época; e o dinheiro disponível era apenas para as passagens de ônibus.

Esta prática valeu-me a familiaridade no trato com os sinônimos e antônimos, para diferenciar cada página apresentada.

Saindo das solicitações estomacais, passei a utilizar as imagens pictóricas. Em repouso, após uma queda, ou uma convalescença de gripe, via-me condenada a divagar pelas paisagens da telhavã, onde borões de umidade faziam surgir um mundo povoado de gnomos, gigantes, fadas e castelos encantados.

Nas tarefas escolares, muitas vezes me servi das paisagens, das cavernas, dos campos que via nas telhas. Era assim que me ocupava, mais tarde, quando luxei e quebrei o braço, ou por outra circunstância qualquer me senti forçada a parar para me deitar e olhar o teto. Depois comecei a escrever e a guardar para mim mesma.

Ensaiei os primeiros passos das minhas publicações no jornalzinho do Colégio, "A Crisálida". Ousei enviar alguns artigos para a revista "A Violeta" e alguns jornais da terra. Muito timidamente, escondendo-me sob pseudônimos.

Um acontecimento inesperado, ao invés de provocar revolta, graças a Deus, fez-me transformar em pessoa corajosa e audaz: vi cinco dos meus primeiros trabalhos plagiados, ostensivamente, por pessoas bastante idôneas.

Isto foi um impulso a que não me envergonhasse daquilo que escrevia para matar o tempo. As paternidades ilustres que adotaram os meus escritos deram-me ânimo para não ocultar mais o que eu rabisca-va.

Esta atividade que adquiri primeiro por reflexos condicionados, segundo a opinião de um médico da família, se prolongou pelo lazer forçado, que se afinava muito bem com a minha estrutura psicogenética.

Para cada convalescença, um punhado de escritos.

Comprovando o meu comodismo para catar inspiração, acompanhava os ângulos que se estendiam a minha vista. Os parâmetros desta visão se comprimiam num horizonte próximo. Aliás esta preguiça inata nunca me deixou usar certa prática de abordar causas mais contundentes, de urgência e prementes.

Pois, alguém que de uma arte ou habilidade se utiliza para expressar-se, em essência, a arte da palavra escrita ou falada, deverá utilizá-la para salvaguardar os ideais humanitários e práticos, por excelência.

O que fiz até agora? Passei colhendo o pitoresco, o frívolo, o satírico, acontecido diante dos meus olhos. Nem me dava ao trabalho de caminhar até a cidade. Não saí do Porto. Pois era só me debruçar à janela, via Maria Sapa no seu barraco de latas de que rosene à beira da lagoa em frente da minha casa, à sombra de uma caneleira, que ao vento da tarde, se expandia em cheiro forte, que as minhas tias repudiavam. Mais além, touceiras de cascudo e de tingelíngua, montinhos de quartzos, rebrilhantes ao sol, que arrancávamos com as mãos, para escorar as folhas de porta.

Mundo enfeitiçado, onde à tardinha as meninas brincavam de roda e os rapazinhos jogavam bolas rústicas, feitas de seringa bruta. O Porto era um reino maravilhoso, farto de motivações, que me alimentavam a mente fantasiosa de adolescente, as quais eu completava como o poeta:

"Onde o corpo não vai, projeta-se o olhar.  
Onde pára o olhar, prossegue o pensamento".  
(Múcio Teixeira)

Porém, escrever não é isto. Usar da pena para fixar memórias, remover arquivos, reviver história, é muito pouco.

Escrever é compromisso. Escrever é vigiar, é sofrer, gritar, protestar, denunciar, servir à pátria e à humanidade.

Eu, apenas, preguiçosamente, tenho servido a mim mesma, para um lazer pessoal. Quem desenvolve a pena, com certa facilidade, deve engajar-se nos acontecimentos, comprometer-se com o desenrolar dos fatos, aplaudir ou defender, porém ser um militante das letras.

Escrever é ter sido um candoreiro como o foi da abolição, Castro Alves.

É viver os dramas da pátria como Garcia Lorca.

Cervantes foi um privilegiado. Bem poucos como ele poderão vangloriar-se de ter abalado uma instituição, com um livro que é mais filosofia que sátira, mais verdade que romanesco. É epopéia! D. Quixote destruiu a fase medieval.

Mas escrever é isto; uma única voz, mesmo titubeante, tem de se alevantar, quando virmos a pátria tripudiada em desmandos. É preciso coragem e destemor, mas, a meu ver, escrever é isto.

Qual a minha conduta até agora? Poderei reparar ainda esta inatividade?

Sinto-me, ao empossar-me desta cadeira, investida de sérios compromissos. Vamos à luta?!

Sempre pus a fé na juventude, nela confiando, considerando-a arauto e guardiã dos mais nobres ideais. Mas poderemos confiar nos jovens que fogem dos seus deveres, esquivam-se da realidade, indo afogar-se em subterfúgios prejudiciais que lhes minam o corpo e o espírito?

Um corpo doente poderá ter raciocínios saudáveis? Terá energia física para ler e interpretar obras de envergadura literária e social? Ou pelo menos, esboçar gestos positivos de defesa e de conquista?

E aqui faço um apelo à nossa juventude estudantil: abandonem as greves contra-producentes de restaurante e do feijão bichado e se interessem mais pelos nossos problemas humanos e ecológicos.

Numa viagem rápida ao Velho Mundo, no ano passado, tive a oportunidade de verificar uma renova-

ção de interesse da juventude pelos problemas políticos e sociais. Na Grécia, diante da Universidade de Atenas, numerosos estudantes exigiam providências pela falta de vagas nos colégios e pela escassez de empregos reinante no país. Em Roma e Milão, grupos de estudantes distribuíam panfletos; uns contradizendo os líderes sindicais, outros contestando a Rússia, com as suas pretensões de domínio no mundo ocidental. Praza aos céus que os nossos jovens também se tornem imbuidos destes mesmos interesses e tenham, como os heróis do meu patrono, Antonio Tolentino de Almeida, este acendrado e puro patriotismo.

A única resolução que vos posso oferecer, em retribuição a esta honra que me conferis, é tomar aqui, diante de vós, o compromisso de luta e de ação. Esquecer o desânimo, o desencanto, a inércia.

Com a saúde que Deus me concedeu, espero renascer cada dia e estar em atividade na coluna da frente. Eu prometo, eu cumprirei, acatando as palavras de Vieira:

"Se servistes a vossa Pátria e ela vos foi ingrata fizestes o que devieis e ela o que costuma".

**DISCURSO DE RECEPÇÃO DO ACADEMICO  
ANTONIO DE ARRUDA**

Nesta noite festiva, antes da manifestação de júbilo de que serei o intérprete desta casa, cabe inicialmente uma confissão de culpa. Cabe de fato à Academia Mato-grossense de Letras penitenciar-se pela demora de integrar em seus quadros uma das mais lídimas expressões da sociedade e da intelectualidade de Mato Grosso, que é Dunga Rodrigues. Nossa instituição, que teve o privilégio de eleger a primeira mulher a entrar para uma academia - e a própria Dunga Rodrigues já fez essa reivindicação em um de seus livros - nossa instituição que conta com a pioneira de todas as acadêmicas do Brasil, que é D. Maria de Arruda Müller, não teve a mesma presteza em relação a Dunga Rodrigues.

Há porém, uma atenuante para nossa atitude, que foi a relutância, aliás confessada, da novel acadêmica em inscrever-se para uma das vagas que se abriram, em várias oportunidades. Não por menosprezo à Academia mas por modéstia, pois, como ela mesma revelou, não se julgava à altura de uma das cadeiras deste sodalício onde pontificaram nomes como os de D. Aquino Corrêa, José de Mesquita, os irmãos Isác e Nilo Póvoas, Virgílio Correa, Cesário Prado, tantos outros. Só a muito custo, a instâncias de alguns confrades e também de minha parte, é que ela concordou com sua inscrição. Rendeu-se enfim a nossos argumentos de que ninguém melhor para substituir um educador do

quilate de Cesário Neto do que aquela que fez do magistério sua preocupação fundamental, entre outras múltiplas atividades, como é o caso de Dunga Rodrigues.

Apenas um apelo ela nos fez no sentido de dispensá-la da solicitação de votos e das tradicionais visitas aos acadêmicos - apelo fácil de ser atendido, como foi, não só em deferência à solicitante, como em face de precedentes já ocorridos.

Como todos nós, escritores de província, ou mesmo dos centros culturais mais avançados, Dunga Rodrigues começou sua carreira literária na imprensa. Já como estudante, colaborou em "A Crisálida" o jornal que Deocleciano Martins de Oliveira e Benjamin Duarte Monteiro fundaram no Liceu Cuiabano. Depois, escreveu em diversos outros jornais, como "O Estado de Mato Grosso", "Diário de Cuiabá", "Folha Matogrossense". Intensa foi mesmo sua produção jornalística, constante de artigos sobre vários assuntos e na qualidade de cronista social.

Mas a estréia de Dunga Rodrigues em livro se deu em 1969 com **Reminiscências de Cuiabá**, cujo título diz tudo e é um tema a que ela voltaria mais tarde, sob diversas modalidades. Trata-se de um livro que pretende ser, segundo a autora, um guia modesto de um passeio retrospectivo. É dedicado aos visitantes amigos que deixam o conforto e o burburinho de uma grande cidade para honrar-nos com sua presença. A esses visitantes, que já então se iam tornando numerosos, Dunga adverte que irão encontrar uma cidade de fácil convivência e que abriga com fraterno abraço pessoas de qualquer procedência. E se houve animosidade um dia foi em forma de chiste e contra apenas alguns desocupados que vinham explorar os nativos ou fazer politicagem. A esses os cuiabanos passaram a designar de **Paus Rodados**, expressão que Dunga afirma ter sido criada por Frederico de Oliveira, o Zé Capilé, em versos satíricos publicados na imprensa local.

Em **Reminiscências de Cuiabá**, Dunga começa

por um trabalho de pesquisa sobre nossos jornais e revistas, antigos e atuais, e a seguir sobre as sociedades que aqui floresceram - artísticas, literárias, culturais, recreativas, cívicas, profissionais, esportivas, carnavalescas, religiosas. Em cada uma delas a autora fez um resumo de sua existência, desde a fundação até o desaparecimento. Algumas delas ainda existem, como o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a Academia Mato-grossense de Letras e alguns clubes esportivos e carnavalescos.

Seguindo o exemplo de sociólogos ilustres, como Gilberto Freyre e Manuel Diegues Junior, Dunga reserva em seu livro um lugar destacado para a culinária cuiabana, com receitas para o preparo de pratos típicos, tais como várias modalidades de peixe, arroz com pequi, pequi com angu, carne com mandioca, Maria Isabel, paçoca, caruru com angu, farofa de banana. Como sobremesa, lá estão os doces de espelho, de figo, de caju, de banana em compota, de goiaba, de laranja, o curau, o pé-de-moleque, a cangica, o bolo de queijo, o bolo de arroz, o francisquito. A autora não se esqueceu também das receitas de vinhos e licores, incluindo o famoso licor de pequi.

Toda cidade antiga tem seus becos e os cultiva. O Rio de Janeiro tem os seus, um deles evocado por Manuel Bandeira no "Poema do Beco" - em que ele procurou colocar um sentido de solidariedade com a miséria, antevista no meio de lavadeiras, garçons, fotógrafos do Passeio Público, gente pobre que o Poeta divisava naquele beco, em pleno coração da Lapa.

Dunga descreve também os becos de Cuiabá, começando pelo Benco Quente e Beco Sujo, no Porto, que hoje não mais existem, tragados pelo progresso da cidade. Ficaram, porém, perpetuados no texto que Dunga lhes dedicou e no poema de Lobivar Matos que ela transcreve como epígrafe ao Beco Sujo.

Segue-se a descrição de outros becos, cada qual com sua história, seus casos, ora pitorescos, ora trágicos. Ali estão o Beco do Matadouro, o Beco Sem Saída, o Beco da Polícia, o Beco do Quartel, o Be

co do Candieiro, o Beco do Urubu, o Beco Torto, o Beco Alto. Outros receberam nomes de pessoas neles residentes ou que ali tinham comércio, como o Beco do Caetano, Beco do Gé, Beco de sea Blandina, Beco do Cabo Agostinho. Há também o antigo Beco da Marinha, no Porto, a que a municipalidade deu o nome de Rua Comandante Soído, conhecido, porém, por Beco de José do Carmo, nome de um rapaz ali assassinado, que o povo venera, fazendo-lhe promessas e acendendo-lhe velas em um nicho que o proprietário do terreno mandou construir no local.

Outro capítulo interessante do livro é o que descreve as festas populares - Espírito Santo, touradas, São Benedito, Congadas e Marujos, cavalhadas, festas de Santo Antônio e de São João. São festejos que desapareceram, com exceção destes dois últimos, que permanecem, embora sem o brilho de outros tempos.

O penúltimo capítulo do livro, intitulado Curiosidades, relembra fatos ligados a Cuiabá, tendo por base relatos de viajantes ilustres que aqui aportaram e de outras fontes. Entre essas curiosidades, Dunga menciona duas das versões sobre o nome da cidade. Cronistas mais antigos atribuem o nome de Cuiabá às cuias que os gentios fabricavam de cabaças que cresciam às margens do rio, enquanto outros afirmam que Cuiabá era o nome de uma tribo indígena que habitava o local. Esta última versão é confirmada por César Prado, no livro "Passeios Pelo Passado", para quem o nome da nossa cidade se liga à tribo dos Cojabás (com a mudança posterior do o em u do J em Y e em i), existente na região, segundo antigo mapa das possessões portuguesas.

O livro termina com a narração de várias lendas cuiabanas, quer originárias, quer variantes de outras que também são conhecidas em diversas regiões do País.

Com os três livros seguintes - **Os Vizinhos**, de 1977, **Marphysa**, de 1981, e **Uma Aventura em Mato Grosso**, de 1984, Dunga Rodrigues, sem se afastar da

temática anteriormente adotada, atém-se ao bairro do Porto, especialmente à Rua Grande, que outra não é se não a atual Av. 15 de Novembro. É, pois, o mundo de sua infância em que ela penetra, para recriá-lo, ao sabor de evocações, em que lugares e pessoas vão-se desfilando e interligando-se através de um fio condutor, às vezes tênue, dirigido pela autora. Trata-se, não há dúvida, de uma busca do tempo perdido, à moda proustiana, mas sem nostalgia nem angústia, antes humorada e divertida.

Dos três livros citados, o último - Uma Aventura em Mato Grosso - é oferecido às crianças e constitui um resumo das histórias que Dunga costumava contar aos sobrinhos-netos Fabiana e Adriano Lopes Bernardes. Estes são colocados em Cuiabá, através de uma viagem pela terra do **tudo pode acontecer** em que se rememoram as coisas pitorescas de nossa cidade. Nesse pequeno reino encantado entram também os filhos dos parentes da autora e onde se incluem meus seis netos.

Entre os livros, porém, que compõem a bibliografia de Dunga Rodrigues, **Marphysa** é, a meu ver, o que tem melhor acabamento. **Marphysa**, nome dado pela madrinha, segundo os costumes da época, e que dizia tê-lo encontrado em um livro de capa azul, Marphysa que se transformou em Physinha ou simplesmente Fii-nha, nasceu no Porto, filha do coronel Manuel Aniceto de Campos Morales de Gusmão, mais conhecido por coronel Gusmão.

Dunga confessa que os coronéis sempre a fascinaram, qualquer que fosse sua origem - coronel de Usina, da Guarda Nacional, da Política, até Capitão de Mato. Pois, o que neles a atraía não era propriamente a pessoa física nem o título ilustre, mas os medalhões de ouro e os brilhantes que ostentavam. Eram as pedras preciosas que faiscavam no peito daqueles senhores encasacados, pendentos de suas **chatilaines**. Ela fazia um berreiro para acompanhar o pai a reuniões sociais, onde previa encontrar seus queridos medalhões. O Coronel Gusmão é um reflexo dessas longí-

quas peregrinações e ele aparece como figura central em cujo redor gravitam os personagens secundários que Dunga pretende fazer ressurgir. Pois Marphysa, filha do Coronel Gusmão, que teve uma infância alegre e mimada, em constantes correrias e peraltagens, era mais afeita à companhia de garotos que das meninas de sua idade. No entanto, mal saíra da adolescência, envolveu-se com os encantos de um moço, elegante, um certo Teobaldo Luzardo, com quem se casou. Mas o marido logo se revelou um cavalheiro de indústria e o Coronel Gusmão foi obrigado a despachá-lo sem alardes para fora de Cuiabá.

Contrafeita, Phyzinha, por sugestão do pai, recolheu-se a um sítio da família, no Acorizal, onde aliás não faltariam diversões, nem companhia de rapazes, inclusive um tal de Morro Grande, além de um primo que por lá também comparecia.

Neste ponto, a narradora coloca algumas reticências quanto ao destino de Marphysa, deixando no ar apenas insinuações de comadres que a teriam visto sumir pelos campos festonados de capim. As suspeitas aumentaram quando Marphysa deu para engordar, com as roupas apertando cada vez mais. Regressando para a cidade, ela não pôde evitar a estranheza da vizinhança ante a gordura inopinada. Mas, providencial como sempre, a madrinha sai em socorro de Marphysa, levando-a para uma longa viagem - tão longa que acabou arrasando toda a família.

Entretanto, Fiinha, após percorrer o Velho Mundo, em companhia da madrinha, transformou-se completamente. Na plenitude de sua beleza e charme, pontificava nos famosos salões da Madame Santos Lobo e D. Laurinda, sobrinha de Joaquim Murtinho. Foi num chá beneficente que ela conheceu o jovem Vítor Nogales Ortiz, rico estancieiro uruguaio. Desse encontro nasceu apaixonado romance. Casaram-se logo depois, mas sem pompa, para decepção do Senador Azereado, que desejava ver brilhar sua conterrânea.

Instalada nos pampas, Marphysa, ou melhor Consuelo, como passou a ser chamada carinhosamente pe

lo marido, que implicara com seu nome de batismo, nada eufônico para a pronúncia espanhola - Consuelo começou vida nova. Amada em terra estranha, bem acolhida nos meios sociais portenhos, rica, morando em luxuoso palacete, que mais poderia querer a antiga provinciana? Entretanto, anos depois, Physinha ou Consuelo larga tudo - todo esse conforto, filhos, netos, o convívio dos amigos, e veio instalar-se em Cuiabá. Seria apenas para uma temporada, mas as irmãs estranharam tanta roupa e tantos serviçais e acharam-na esquisita, falando uma língua estranha. De resto, a Cuiabá que Marphysa encontrou já não era a mesma. Das famílias do Porto, suas conhecidas, quase não restava ninguém. Haviam emigrado e agora Physinha se via isolada. Ela própria mudara e os poucos amigos que a visitaram mal podiam vislumbrar nela a moça cheia de vida de antigamente. O certo é que, passados alguns meses, ela pegou um resfriado que degenerou em pneumonia fulminante. Na realidade, fizera como certos passaros que, pressentindo o fim de suas vidas, voam para a terra que os viu nascer. Hoje, Marphysa repousa no Cemitério da Piedade, em discreto mausoleu, com uma placa onde se lê: "Linda como a rosa, mas eterna como o bronze, no coração de sua família."

Dentro desse contexto, aqui ligeiramente esboçado, Maria Benedita Deschamps Rodrigues, ou Dunga Rodrigues, ou simplesmente Dunga - porque nossa homenageada desta noite, como sua Marphysa, tem mais de um nome - elabora um vasto painel de Cuiabá de algumas décadas atrás. É uma Cuiabá de que não suspeitam as novas gerações dos conterrâneos e muito menos os que para aqui têm vindo compartilhar conosco os encantos da "agarrativa terra" de que falou o Barão de Melgaço. Dunga procura reviver a Cuiabá dos tempos do Candimba, das touradas do Campo d'Ourique e das esmolas do Senhor Divino, conforme o subtítulo do livro de que estamos tratando.

Com **Marphysa, Os Vizinhos e Uma Aventura em Mato Grosso**, Dunga compõe um amplo cenário em que passam os costumes, as lendas e superstições, os mo-

dismos, os falares, as crenças e simpatias, os remédios caseiros, as promessas e penitências, a hospitalidade, mas também os apelidos e a picardia, enfim todo o folclore, todo esse complexo de criação espontânea formado pela gente cuiabana, ao longo de duzentos e sessenta e cinco anos.

Desse modo, a obra de Dunga passou a integrar o movimento partido da Universidade Federal de Mato Grosso que procura resguardar a memória social da cuiabania. Suponho que este neologismo - criado, aliás, com muita originalidade e inspirado em raro senso de oportunidade - corresponde ao que antigamente se chamava e ainda se chama a cuiabanidade. Trata-se do espaço cultural ocupado pelos cuiabanos, no sentido que lhes deu o historiador conterrâneo, Virgílio Corrêa Filho, em seu livro **Pantanaís Mato-Grossenses**. Segundo este autor, mais do que uma designação gentílica, **cuiabano** tomou acepção mais ampla, para abranger todos quantos se afeiçoam à mentalidade peculiar dos habitantes destas plagas, capazes de manter a flama civilizadora, apesar da longa ausência de comunicações com o exterior.

Dunga Rodrigues escreve com muita clareza e simplicidade. Com ela, nada é rebuscado, tudo é natural e espontâneo. Em consequência, em seus livros, a narrativa flui como água cristalina da mais pura fonte.

Vejam como ela descreve uma paisagem em Santa Tereza, no Rio de Janeiro:

"O cheiro de musgo verde, o farfalhar de copas vetustas, a aragem rarefeita e a temperatura amena, em pleno verão, recordavam-lhe a Serra da Chapada, a mata fechada do Portão de Inferno, as trêfegas borboletas multicores a quebrar com o seu magnífico e variado colorido, a monotonia verde dos cipós entrelaçantes e das árvores de pequeno porte, que se abrigam à sombra dos imensos jatobás" (Os Vizinhos, pág. 19).

Às vezes, repontam, aqui e ali, nos livros de Dunga, uns laivos de ironia, arma que ela sabe manejar, embora o faça com parcimônia e sem maldade. Assim, para explicar a decisão de Marphysa que, ao verificar que o marido não tinha eira nem beira, abandona-o mas deixa envergonhada a cidade, escreve Dunga:

"Vocês mesmos podem encontrar, na vida de hoje, inúmeros jovens que se casam e no dia seguinte se incorporam à família da mulher, sem escrúpulo algum, sem disfarce. Eles são autênticos. Se bem que a mulher de hoje é bastante cúmplice desta situação. Elas forçam a barra. O que diferencia é serem os atuais casais autênticos. É isso aí: autenticidade é tudo. Os pares agora assumem. Achei a palavra mágica: ASSUMIR. Se Theobaldo e Marphysa tivessem, de mãos dadas, assumido, estaria viva a pátria e a nossa estória terminaria aqui. Nestes dias, quem assume, seja lá o que for, está a salvo de condenações malévolas; torna-se um ente vacinado contra tudo. Uma pessoa assumida é quase uma heroína. Assumir é a palavra do dia, da ponta, do momento."  
(Marphysa, pág. 69).

Evidentemente, Dunga jamais desejou perseguir a glória literária. Sabe, sem dúvida, pela experiência de outros, a tortura dos que se têm aventurado na busca dessa miragem. Cruz e Souza já mostrou esse áspero caminho, por onde cruzam temerários de todos os matizes. Vale a pena relembrar essa jóia do simbolismo brasileiro, a meu ver um dos mais belos sonetos da língua portuguesa:

#### CAMINHO DA GLÓRIA

Este caminho é cor de rosa e é de ouro,  
Estranhos roseirais nele florescem,  
Folhas augustas, nobres reverdecem  
De acanto, mirto e sempiterno louro

Neste caminho encontra-se o tesouro  
Pelo qual tantas almas estremeçam;  
É por aqui que tantas almas descem  
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,  
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando  
Neste celeste, límpido caminho

Os seres virginais que vêm da Terra,  
Ensanguentados da tremenda guerra,  
Embebedados do sinistro vinho.

(Cruz e Souza - Últimos sonetos)

Não, Dunga Rodrigues não se enveredou por esse ilusório roseiral, por esse "fremente sorvedouro", para onde muitos caminham cambaleantes, enfrentando essa "tremenda guerra". E para que? A resposta está com Ascenço Ferreira, no poema em que fala do gaúcho e seu cavalo, em louca disparada pelas campinas. Para que? - pergunta o Poeta. E ele mesmo responde: - para nada! Assim também é a glória que atrai os incautos em tresloucada carreira que não leva a lugar nenhum, com exceção de alguns poucos bafejados pelos deuses.

Mas além dessa constante dedicação à literatura, Dunga Rodrigues exerceu e ainda exerce também o magistério, tendo sido professora de Francês da Escola Normal Pedro Celestino, do Liceu Cuiabano e da Escola Técnica Federal de Mato Grosso; professora de Fundamentos da Educação e de Sociologia da Escola Normal Pedro Celestino; professora de Etiqueta Social no SESC e no SENAC.

Além disso, quando menina, em uma reunião social, Dunga ouviu fascinada os acordes da marcha D. Carlos executada por D. Mariquinha Alves Corrêa, uma das muitas pianistas da época. Foi aí o início de uma outra vocação, que ela vem aprimorando, ao longo dos anos. Para muitos, a época do piano já passou, mas

não para quem, como Dunga, o encara com amor, não como simples passatempo. Transmitiu sua arte a várias gerações de jovens, não só no Conservatório de Música de Mato Grosso, de que é professora, como a alunos particulares. Ultimamente, vem-se dedicando à pesquisa e à divulgação de nossa música popular. Assim, dando continuidade, em outro plano, dos trabalhos já realizados anteriormente, Dunga publicou 4 volumes de "Roteiro Musical da Cuiabania", que englobam uma visão panorâmica de nossa música (1º volume) e os resumos biográficos e principais composições de Pedro Simarinho (2º volume), do Dr. Antônio Pedro de Figueiredo (3º volume) e de José Mamede da Silva Rondon (4º volume).

Outra missão a que Dunga se atribuiu e realizou com muito esmero e carinho foi a publicação das crônicas de seu ilustre pai, nosso querido e sempre lembrado Major Firmo Rodrigues. Acompanhei essa tarefa empreendida por Dunga e posso testemunhar seu esforço de pesquisa em antigos jornais e revistas, para coligir os trabalhos, coordená-los e atualizá-los a ortografia. Saíram então a lume, em dois volumes, as "Figuras e Coisas de Nossa Terra", que retratam bem a valiosa produção literária de Mestre Firmo Rodrigues.

Seguindo a tradição acadêmica, Dunga fez o elogio do patrono da cadeira que vai ocupar, o poeta Antônio Tolentino de Almeida, e de seu antecessor, o Professor Antônio Cesário de Figueiredo Neto. Já destacou o que há de mais importante na vida e na obra desses dois eminentes vultos da intelectualidade mato-grossense, o que me dispensaria de insistir nesse tópico. Mas não quero deixar de aduzir algo a respeito de Cesário Neto, meu Mestre e amigo de muitos anos. Cesário Neto pertenceu àquela brilhante geração de professores do Liceu Cuiabano, nas décadas de vinte e de trinta. Como salientou Dunga Rodrigues, Cesário Neto escreveu pouco, não por incapacidade mas por opção, ditada pela modéstia. Contudo, embora pouco numerosa, a obra de Cesário Neto é da mais alta

qualidade. Mestre da língua, escrevia com elegância, num estilo que pode ombrear-se com o dos melhores escritores. Lembraria apenas o ensaio já citado por Dunga - **Na Pista do Rocinante** - com o qual Cesário Neto respondeu às críticas injuriosas que Luis Murat havia assacado contra Machado de Assis. Já me referi a esse trabalho em artigo que publiquei na Revista da Academia Mato-grossense de Letras, com o título "Machado de Assis Conhecido". É que R. Magalhães Júnior publicara na época o livro "Machado de Assis Desconhecido", procurando destruir algumas lendas que pairam sobre o autor de "Dom Casmurro", que o pintam erroneamente como absenteísta, avesso à política, alheio aos grandes acontecimentos de seu tempo. Machado de Assis seria ademais frio, egoísta, despido de generosidade. Daí o livro de Magalhães Júnior cuja intenção foi a de tornar Machado de Assis verdadeiramente conhecido, desfazendo essas apreciações falsas que lhe deturpam a personalidade. Acontece, porém, como demonstrei com o citado artigo, que Cesário Neto havia focalizado o tema, no ensaio "Na Pista do Rocinante", rebatendo as mesmas lendas e incompreensões tecidas em torno de Machado de Assis. Ao publicar esse trabalho, aos 27 anos de idade, Cesário Neto já patenteava as qualidades que o transformariam em uma das mais altas expressões culturais de nosso Estado.

Observem, por exemplo, a argúcia com que, neste pequeno trecho, ele mostra que, no problema da abolição, Machado de Assis, embora não tenha sido orador de comícios, estava longe desse absenteísmo que muitos lhe atribuíram. "Não falando em Castro Alves, escreve Cesário Neto, é talvez um dos nossos intelectuais em cuja obra o vilipêndio da instituição negreira despertou mais funda revolta, sob o aspecto, porém, humano e profundo que assumia aos seus olhos de filósofo aquilo que a outros pudera parecer mero pretexto de revolta contra a Monarquia".

Rebatendo também a tese de que Machado fora egoísta e mau, afirma Cesário Neto: "Se há revolta na sua obra não é contra a humanidade sofredora, é con-

tra as cargas inexoráveis do destino, é contra a natureza, mãe e inimiga, é contra o infinito que nos encerra na jaula eterna do sofrimento - é uma revolta em que há desespero, porém, contida e valada, é revolta chorada".

Foi por isso que, concluindo meu artigo, disse que para nós de Mato Grosso, em que pese a Magalhães Júnior, Machado de Assis já era bem conhecido ...

#### ACADÊMICA DUNGA RODRIGUES:

Em minhas constantes andanças, acontece-me às vezes que, sendo apresentado a alguma pessoa, esta, ao saber que sou de Cuiabá, pergunta-me: - O senhor conhece Dunga Rodrigues?

Isso tem ocorrido em lugares dos mais inesperados. Em toda parte, há sempre quem tenha tido notícia de vossa legenda, há sempre alguém que tenha recebido os eflúvios benéficos de vossa pessoa. Na realidade, sois plural como já se disse de nosso Brasil. O Brasil é plural no sentido de que abrange dentro de si vários países, cada qual com suas peculiaridades: sois plural, Dunga Rodrigues, no sentido de que abrigais ao mesmo tempo muitos atributos que enobrecem vossa personalidade. Sois educadora e das melhores; sois jornalista como sois escritora, porque, conquanto não pretendeis atingir os perigosos cimos onde pairam e de onde às vezes se precipitam os que buscam a glória, vindes compondo, conforme salientei, importante obra, no campo da cultura, com que procurais a preservação da cuiabanidade ou da cuiabania, para empregar o tão significativo neologismo recentemente criado. Mas gostaria, neste momento, de colocar em destaque principalmente a pessoa humana, a vossa bondade desdobrada em seus aspectos de cordialidade e de afetividade. Na casa do Porto, que, há mais de cem anos, pertence à família Rodrigues, em que habitais desde criança, recebeis com a mesma hospitalidade que aprendestes com a vossa avó, D. Benedita Rodrigues, e com

vossas tias Mana, Milu e Doli, todas as pessoas que vos procuram, das mais diversas camadas sociais. A todos atendeis com a mesma solicitude, quer nas visitas de simples cortesia, quer nos pedidos de ajuda a necessitados ou para comparecimento a reuniões sociais onde vossa presença e a de vossa música são sempre imprescindíveis.

Vindes agora para esta Academia que, como outras congêneres, tem adversários e críticos de várias origens. Não lhes deis ouvidos. Aqui encontrareis espíritos fraternos e o suave convívio das idéias. Em vosso discurso, invocastes o desabafo do padre Antônio Vieira: - "Se servistes a vossa Pátria e ela vos foi ingrata, fizestes o que devíeis e ela o que costuma!" A Sentença em geral é verdadeira, não há dúvida, mas comporta exceções. Em vosso caso, ela só se aplica parcialmente: servistes vossa Pátria, através da comunidade a que pertenceis, mas esta não vos foi ingrata, antes vos tem demonstrado irrestrito reconhecimento. A estima e o carinho que os conterrâneos vos tributam provam que vosso esforço não tem sido em vão. E a vossa entrada nesta Casa, de grandes tradições, constitui o coroamento de vossa longa carreira e um prêmio que resume o julgamento extremamente favorável da sociedade cuiabana em relação a vossa pessoa.

Sede bem-vinda!

Impressão



**Resenha TRIBUTÁRIA**  
IMPOSTOS E COLETA

Editora Resenha Tributária Ltda.

CGC 60.452.000/0001-54

04140 - R. Quatinga, 12 - 2ª and.

Fone: 577-2822 - S.Paulo - SP